

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA E
SOCIEDADE**

RENATA PEREIRA DE CORDOVA

**SENTIDOS SUBJETIVOS DA ESCOLHA POR CURSOS SUPERIORES
DE TECNOLOGIA**

CURITIBA

2021

RENATA PEREIRA DE CORDOVA

**SENTIDOS SUBJETIVOS DA ESCOLHA POR CURSOS SUPERIORES DE
TECNOLOGIA**

Subjective senses of the choice for higher technology courses

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Tecnologia e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Área de Concentração: Interdisciplinar. Linha de Pesquisa: Tecnologia e Trabalho.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Sara de Lima Dias.

CURITIBA

2021



4.0 Internacional

Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. É a licença mais flexível de todas as licenças disponíveis. É recomendada para maximizar a disseminação e uso dos materiais licenciados.



**Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Curitiba**



RENATA PEREIRA DE CORDOVA

SENTIDOS SUBJETIVOS DA ESCOLHA POR CURSOS SUPERIORES DE TECNOLOGIA.

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestra Em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Tecnologia E Sociedade.

Data de aprovação: 23 de Fevereiro de 2021

Prof.a Maria Sara De Lima Dias, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.a Andrea Maila Voss, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.a Dulce Helena Penna Soares, Doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina (Ufsc)

Prof.a Rafaela Roman De Faria, Doutorado - Universidade Positivo (Up)

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 23/02/2021.

AGRADECIMENTOS

O desafio de pensar em realizar escolhas conscientes está presente nesta dissertação e acredito que cursar o Mestrado fez parte exatamente disso: resgatar e realizar um desejo que não havia sido possível em minha trajetória prévia de formação; assim, tive que fazer escolhas e renunciar ao trabalho dentro da área de Recursos Humanos, atividade que desenvolvi por longo período. Para isso, mais do que nunca, precisei do apoio de pessoas especiais que se apresentaram como inspiração e suporte nessa nova caminhada.

Agradeço à Profa. Dra. Maria Sara de Lima Dias, que me recebeu com muito carinho no Grupo de Estudos em Lev Vigotsky e sempre se mostrou como forte suporte durante toda essa empreitada, principalmente nos momentos difíceis de adaptações e insegurança devido ao impacto da pandemia do coronavírus. Agradeço pelo apoio nesse meu processo de transformação e reinvenção.

Às professoras da banca, Profa. Dra. Dulce Helena Penna Soares, Profa. Dra. Rafaela Roman de Faria e Profa. Dra. Andrea Maila Voss Kominek, por aceitarem o convite de participação e pelas contribuições na construção desta pesquisa.

À minha família, em especial meus pais, José e Agueda, sempre presentes como principais incentivadores e apoiadores em todas as etapas de minha vida. Ao meu marido, Adriano, que sonhou comigo e me apoiou no processo de decisão sobre o redirecionamento de minha carreira e me estimulou a persistir nos momentos de dificuldade.

Aos colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, pelos momentos de troca e aprendizado.

À amiga Juliana Corrêa Schwarz, que me apresentou caminhos que facilitaram minha trajetória no Programa de Mestrado.

Ao apoio da Faculdade de Pinhais, por abrir suas portas para a realização da pesquisa, assim como aos alunos que se dispuseram a compartilhar suas vivências de forma genuína.

O indivíduo em sua vida social tem duas opções: subordinar-se às várias ordens que caracterizam a institucionalização dos espaços em que se desenvolve, ou gerar alternativas que lhe permitam opções singulares dentro de sua socialização nesses espaços. (GONZÁLEZ REY, 2012, p. 149).

RESUMO

CORDOVA, Renata Pereira de. **Sentidos subjetivos da escolha por Cursos Superiores de Tecnologia**. 2021. 156 p. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica do Paraná. Curitiba, 2021.

As transformações tecnológicas e científicas interferem no mercado de trabalho em uma constância de mudanças que alteram as características da própria sociedade e da relação entre educação e trabalho. Atualmente, é importante refletir sobre a questão da escolha profissional que se situa dentro de um mercado de trabalho permeado pela instabilidade e volatilidade. Nesse cenário de competitividade e mudanças constantes, os estudantes precisam decidir constantemente o seu direcionamento de carreira. O objetivo desta pesquisa foi analisar os sentidos subjetivos atribuídos por estudantes para a escolha por Cursos Superiores de Tecnologia. Opção de formação também conhecida como Tecnólogo, que no período de 2008 a 2018 aumentou em 102,9%, de 354.713 para 719.569, o número de ingressantes, que se apresenta como uma possibilidade de aceleração no processo de formação, de acesso mais fácil para as classes menos privilegiadas e supostamente facilitador do desenvolvimento de competências específicas para atender às exigências do mercado de trabalho. A duração do processo formativo é em torno de dois anos e o foco de formação está na profissionalização. Desenvolveu-se uma discussão teórica sobre a questão da escolha profissional com base no enfoque da Psicologia Histórico-Cultural, tendo como principal direcionador o pensamento de Vigotsky (1991a, 1991b, 1992, 1995, 1999, 2000, 2001) assim como na Teoria da Subjetividade de González Rey (2003, 2005, 2010, 2012). A metodologia segue os preceitos da Epistemologia Qualitativa de González Rey e a análise do material produzido foi realizada por meio da apreensão da configuração dos sentidos subjetivos relacionados à escolha profissional. Foi realizado levantamento bibliográfico, entrevistas semiestruturadas e aplicação do instrumento frases incompletas em quatro estudantes dos Cursos de Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos, Processos Gerenciais e Logística de uma instituição de ensino superior privada, localizada em Pinhais-PR. Destaque-se a necessidade de adaptações nos procedimentos da pesquisa, sendo que as entrevistas semiestruturadas foram realizadas de forma virtual, devido às condições de isolamento social impostas pela pandemia do coronavírus. Como resultados se observou que: a configuração dos sentidos subjetivos das escolhas profissionais foram permeados por aspectos educacionais, familiares, econômicos e ideológicos; Nota-se a predominância da ideologia neoliberal nos processos decisórios, onde o sujeito é direcionado à se adaptar às necessidades de qualificação do próprio mercado de trabalho, demonstrando menor consciência de suas reais (im)possibilidades. A proposta é repensar o processo educacional desses jovens, com investimento em estratégias de formação integral, assim como a implementação de práticas de orientação e planejamento de carreira centradas em vivências que favoreçam o pensar crítico e articulação de escolhas mais conscientes.

Palavras-chave: Cursos Superiores de Tecnologia, Escolha Profissional, Tecnólogo, Sentidos Subjetivos, Subjetividade.

ABSTRACT

CORDOVA, Renata Pereira de. **Subjective senses of the choice for Higher Technology Courses**. 2021. 156 p. (Master Thesis in Technology and Society) – Postgraduate Program in Technology and Society, Federal Technological University of Paraná. Curitiba, 2021.

Technological and scientific transformations interfere in the labor market in a constant change that modifies the characteristics of society itself and the relationship between education and work. Currently, it is important to reflect on the issue of professional choice, which is located within a labor market permeated by instability and volatility. In this scenario of competition and constant changes, students must constantly decide the direction of their career. The objective of this research was to analyze the subjective senses that students attribute to the choice of Higher Technology Courses. Training option also known as Technologist, which in the period from 2008 to 2018 increased by 102.9%, from 354,713 to 719,569, the number of new entrants, which is presented as a possibility of accelerating the training process, with a easier access for the less privileged. classes and supposedly facilitating the development of specific skills to meet the demands of the labor market. The training process lasts about two years and the focus of the training is professionalization. A theoretical discussion was developed on the subject of professional choice from the approach of Historical-Cultural Psychology, with Vygotsky's thought (1991a, 1991b, 1992, 1995, 1999, 2000, 2001) as the main engine, as well as González Rey's (2003, 2005, 2010, 2012) Theory of Subjectivity. The methodology follows the precepts of the Qualitative Epistemology of González Rey and the analysis of the material produced was carried out by apprehending the configuration of subjective meanings related to professional choice. A bibliographic survey, semi-structured interviews and incomplete sentences were applied to four students of the Technology Courses in Human Resource Management, Management Processes and Logistics of a private institution of higher education, located in Pinhais-PR. We highlighted the need for adaptations in the investigation procedures, and the semi-structured interviews were conducted online, due to the conditions of social isolation imposed by the coronavirus pandemic. As a result, it was observed that: the configuration of the subjective senses of professional choices was permeated by educational, family, economic and ideological aspects; There is a predominance of neoliberal ideology in decision-making processes, where the subject is oriented to adapt to the qualification needs of the labor market itself, showing less awareness of the real (im)possibilities of it. The proposal is to rethink the educational process of these young people, investing in comprehensive training strategies, as well as the implementation of career guidance and planning practices focused on experiences that favor critical thinking and the articulation of more conscious choices.

Keywords: Higher Technology Courses, Professional Choice, Technologist, Subjective Senses, Subjectivity.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 –	DADOS DO CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR (2018)	46
QUADRO 2 –	O PROCESSO DE ESCOLHA	49
QUADRO 3 –	PROFISSÃO ESPECÍFICA	55
QUADRO 4 –	INTERVENÇÃO PARA A ESCOLHA	58
QUADRO 5 –	GÊNERO E ESCOLHA PROFISSIONAL	60
QUADRO 6 –	ESTUDOS SOBRE ESCOLHA PROFISSIONAL NA ABORDAGEM DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL	61
QUADRO 7 –	PARTICIPANTES	77

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – ARTIGOS DA REVISTA BRASILEIRA DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL.....	64
---	----

LISTA DE SIGLAS

ABOP	- Associação Brasileira de Orientação Profissional
CAFe	- Comunidade Acadêmica Federada
CTS	- Ciência, Tecnologia e Sociedade
EES	- Escrita Entrevista Semiestruturada
Enem	- Exame Nacional do Ensino Médio
FAPI	- Faculdade de Pinhais
FI	- Frases Incompletas
GRH	- Gestão de Recursos Humanos
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases
LOG	- Logística
Inep	- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
PG	- Processos Gerenciais
PPGTE	- Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade
RBOP	- Revista Brasileira de Orientação Profissional
RH	- Recursos Humanos
SUA	- Sistema Único de Admissão no Ensino Superior
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TCUV	- Termo de Consentimento de Uso de Voz
TES	- Transcrição Entrevista Semiestruturada
TSC	- Teoria Social Cognitiva
UTFPR	- Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	OBJETIVOS.....	16
1.1.1	Objetivo geral.....	16
1.1.2	Objetivos específicos.....	16
2	FUNDAMENTAÇÃO E REVISÃO DE LITERATURA	17
2.1	FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL	17
2.1.1	A Psicologia Histórico-Cultural	17
2.1.2	A visão de ser humano na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural.....	19
2.1.3	Sentidos e significados	20
2.2	A TEORIA DA SUBJETIVIDADE.....	23
2.2.1	A Teoria e suas categorias.....	23
2.3	CONTEMPORANEIDADE.....	30
2.3.1	A questão da escolha	30
2.3.2	O trabalho contemporâneo	34
2.3.3	A formação para o mercado de trabalho	37
2.3.4	O Ensino Superior no Brasil.....	41
2.3.5	Os Cursos Superiores de Tecnologia no Brasil	44
2.4	DIÁLOGO COM OS ESTUDOS: ESCOLHA PROFISSIONAL.....	47
2.5	IDEOLOGIA, CONSCIÊNCIA E ALIENAÇÃO	65
3	METODOLOGIA	70
3.1	ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA	70
3.2	CONTEXTO DA PESQUISA.....	72
3.3	A INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR	72
3.4	PARTICIPANTES	73
3.5	PROCEDIMENTOS	74
4	DISCUSSÃO	77
4.1	SOMOS SUJEITOS	77
4.1.1	GRH1.....	78
4.1.2	GRH2.....	80
4.1.3	PG.....	82
4.1.4	LOG.....	83

4.2	CATEGORIAS DE ANÁLISE	85
4.2.1	Sentidos subjetivos da escolha profissional	85
4.2.2	Sentidos subjetivos na trajetória do Curso Superior de Tecnologia.....	89
4.2.3	Configuração das escolhas: interfaces entre vivências escolares, familiares e condições econômicas	90
4.2.4	Expectativas relacionadas ao mercado de trabalho e futuro profissional.....	95
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
	REFERÊNCIAS	104
	APÊNDICE A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES DE EMPRESAS/INSTITUIÇÕES/ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS OU PRIVADAS	111
	APÊNDICE B - INSTRUMENTO: FRASES INCOMPLETAS	112
	APÊNDICE C - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	113
	APÊNDICE D - FRASES INCOMPLETAS (FI): PARTICIPANTE GRH1 ...	114
	APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (TES): PARTICIPANTE GRH1	115
	APÊNDICE F - ESCRITA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (EES): PARTICIPANTE GRH1	124
	APÊNDICE G - FRASES INCOMPLETAS (FI): PARTICIPANTE GRH2 ...	125
	APÊNDICE H - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (TES): PARTICIPANTE GRH2	126
	APÊNDICE I - ESCRITA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (EES): PARTICIPANTE GRH2	134
	APÊNDICE J - FRASES INCOMPLETAS (FI): PARTICIPANTE PG.....	136
	APÊNDICE K - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (TES): PARTICIPANTE PG.....	137
	APÊNDICE L - ESCRITA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (EES): PARTICIPANTE PG	142
	APÊNDICE M - FRASES INCOMPLETAS (FI): PARTICIPANTE LOG.....	143
	APÊNDICE N - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (TES): PARTICIPANTE LOG	144
	APÊNDICE O - ESCRITA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (EES): PARTICIPANTE LOG	151

ANEXO A - TERMO DE COMPROMISSO, DE CONFIDENCIALIDADE DE DADOS E ENVIO DE RELATÓRIO FINAL.....	153
ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) E TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DE VOZ (TCUIV).....	154

1 INTRODUÇÃO

A educação superior passou por diversas transformações no contexto educacional brasileiro nos últimos anos. A premissa, que em um passado não muito distante era a formação da elite, por meio de diversas remodelagens permeadas por necessidades políticas, econômicas e do mercado de trabalho aproximou-se das classes menos privilegiadas. Dentre essas mudanças destaca-se a educação profissional com foco na educação tecnológica.

Os Cursos Superiores de Tecnologia, também denominados Tecnólogos, são regulamentados como cursos de graduação direcionados ao aprendizado de conhecimentos científicos e tecnológicos em áreas profissionais. A perspectiva é o desenvolvimento de competências profissionais que permitam a utilização da tecnologia e a capacitação específica para o trabalho. Conforme informações do último Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia (BRASIL, 2016), a centralidade no trabalho é um princípio educativo no processo de formação. Há 134 denominações de cursos distintos com carga horária mínima entre 1600, 2000 e 2400 horas e divididos em 13 distintos eixos tecnológicos: ambiente e saúde; controle e processos industriais; desenvolvimento educacional e social; gestão e negócios; informação e comunicação; infraestrutura; militar; produção alimentícia; produção cultural e *design*; produção industrial; recursos naturais; segurança; turismo, hospitalidade e lazer (BRASIL, 2016). Essa formação contempla a possibilidade de se obter o diploma de nível superior em um período médio de dois anos.

A sociedade globalizada e guiada pelas transformações tecnológicas teve seus processos produtivos mais especializados, com a utilização de tecnologias cada vez mais complexas que nortearam a necessidade de expandir o aprendizado e nível educacional dos trabalhadores. As adaptações do Ensino Superior às necessidades de formação específica para o mercado de trabalho foram iniciadas no período do regime militar, sob a influência do modelo norte-americano de universidade. Porém, a mudança do modelo universitário ocorreu em 1968 com a Reforma Universitária (Lei n. 5.540) que, dentre outras definições, propôs a instalação e o funcionamento de cursos profissionais de curta duração com o objetivo de desenvolver habilitações intermediárias de grau superior (BRASIL, 1968). Assim, nesse período surgiram os Cursos Superiores de Tecnologia. Essa implantação pode ser percebida como um processo gradativo de mudanças na educação superior com o objetivo de adaptação da formação às diversas necessidades de um mercado transformado pela tecnologia e pelas tendências neoliberais.

O momento histórico atual é marcado pelos ideais do neoliberalismo, cuja estratégia é investir no desenvolvimento de um homem mais eficaz ao trabalho. A necessidade de formação e aprimoramento constantes originou o conceito de empregabilidade que, segundo Minarelli (1995), se refere à capacidade de o profissional estar empregado e manter a carreira protegida dos riscos inerentes ao mercado de trabalho. Tais ideias permeiam a realidade e configuram modalidades estratégicas do modelo de gestão das instituições e do mercado de trabalho.

Os Cursos Superiores de Tecnologia são possibilidades de escolha profissional centradas no aprendizado específico de atividades laborais e técnicas. Segundo o Censo da Educação Superior realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (Inep), no período de 2008 a 2018 houve um aumento de 102,9%, de 354.713 para 719.569 no número de ingressantes (BRASIL, 2019). Esse dado é importante para demonstrar o aumento significativo da escolha por essa modalidade de formação superior. Nesse sentido, os estudos dentro da área da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) podem contribuir para a ampliação das perspectivas das interfaces e dos impactos da tecnologia na configuração das diversas mudanças sociais e da formação educacional.

Os estudos na área CTS são responsáveis pelo questionamento do desenvolvimento tecnológico e sua inter-relação com os diversos campos da sociedade, considerando que a tecnologia está presente nas mudanças sociais que refletem e impactam de forma direta a construção de nossa sociedade. Trata-se de uma perspectiva de análise que apresenta caráter crítico da visão tradicional e essencialista da ciência que atua dentro da interdisciplinaridade e busca compreender a dimensão social da ciência e tecnologia, considerando os fatores políticos e econômicas que modulam as mudanças científico-tecnológicas e suas repercussões éticas, ambientais e culturais.

A visão dos estudos desse campo é a de que o conhecimento tecnológico no mundo globalizado atua como uma forma de dominação; compreende, portanto, que o cenário de desenvolvimento não é neutro. Essa acepção considera a necessidade de que o sujeito tenha espaço político para lutar por seus interesses e concebe a educação como mediadora no processo de transformação social. É necessário sempre questionar o propósito da formação escolar e pensar em formar, independentemente de classe ou outras condições de diferenças, sujeitos que tenham capacidade crítica e acesso à formação integral. O intuito é investir em um processo de formação que incentive o desenvolvimento da capacidade de escolha por meio da compreensão dos motivos envolvidos no processo decisório sobre educação e trabalho. Trata-se um tema vasto e complexo no qual é imprescindível analisar aspectos

pertinentes ao momento em que vivemos, tendo como desafio interpretar a interferência mútua entre educação, trabalho e sociedade. Nesta dissertação, a Psicologia Histórico-Cultural colabora com seu arcabouço teórico para sustentar as análises dentro dessa abordagem mais ampla e interdisciplinar do campo CTS.

Na Psicologia Histórico-Cultural, a escolha do sujeito é percebida como um produto histórico; está relacionada ao pensamento do estudante sobre o seu futuro e é multideterminada por diversos aspectos – sociais, históricos, culturais, econômicos, familiares e do mercado de trabalho, dentre outros. Analisa que o sujeito reflete a historicidade social, as relações sociais e ideologias, porém mantém sua singularidade, por meio dos sentidos subjetivos, das vivências e das relações singulares que este estabelece com o meio. Sob a visão de homem histórico e cultural que tem como referencial teórico a Psicologia Histórico-Cultural, alicerçada nos pensamentos de Vigotsky (1991a, 1991b, 1992, 1995, 1999, 2000, 2001) e da Teoria da Subjetividade de González Rey (2003, 2005, 2010, 2012), organiza-se uma discussão que orienta a análise específica da escolha profissional por Cursos Superiores de Tecnologia.

Defende-se que o processo de escolha profissional não se finaliza após a entrada no Ensino Superior; dessa forma, é necessário o desenvolvimento de estudos e estratégias para subsidiar os jovens no planejamento de carreira, bem como o conhecimento do mercado de trabalho e de aspectos subjetivos relacionados com suas decisões. Assim, propõe-se que essas análises podem subsidiar escolhas mais conscientes e contribuir para a possível redução dos processos de alienação, minimizando as frustrações e ansiedades dos estudantes.

No momento histórico atual, no qual o mercado de trabalho é marcado pela volatilidade e pelo direcionamento por qualificação para atender às necessidades de manutenção da produção e em que os processos educacionais estão sendo delineados pela exigência da formação do sujeito e limitação do conhecimento ao contexto das atividades laborais, assim como pelo aumento pela opção por Cursos Superiores de Tecnologia, justifica-se estudos para compreender as escolhas profissionais de estudantes que optaram por essa modalidade de formação superior. Tal inquietação foi despertada pela experiência da pesquisadora, que durante suas vivências profissionais trabalhou por longo período de tempo na área de Recursos Humanos de grandes empresas; sendo responsável pelo recrutamento e seleção, vivenciou as exigências de qualificação das organizações. Ao redirecionar sua trajetória, escolheu trabalhar com a formação em nível superior e, como professora de jovens que buscaram nessa modalidade de ensino transformar suas realidades profissionais, deparou-

se com diversas contradições entre o mercado de trabalho, o processo formativo e os anseios desses estudantes.

É importante destacar que há outras formas de articulação com o trabalho; entretanto, esta dissertação priorizou a relação dentro da perspectiva capitalista, na premissa da venda da mão de obra da classe menos privilegiada para organizações e/ou classes dominantes. Também analisou os impactos dessa realidade no contexto específico do mercado de trabalho, enfatizando o quanto os estudantes têm acesso às oportunidades em termos de empregabilidade. Assim, a pesquisa não se aprofundou em questões mais abrangentes do mundo do trabalho.

O presente estudo se articula à Linha de Pesquisa Tecnologia e Trabalho do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), colaborando com estudos da relação entre o trabalho e a constituição da sociedade e do próprio sujeito, os quais compreendem que o homem não apenas cria a altera o meio social, mas também modifica a si mesmo por meio de seu trabalho. Propiciar estudos para apoiar escolhas mais autônomas por meio do conhecimento da configuração dos sentidos subjetivos de suas escolhas contribui para a construção de sujeitos mais conscientes e de uma sociedade mais justa, na qual a alteridade esteja presente.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

- Analisar os sentidos subjetivos atribuídos por estudantes para a escolha por Cursos Superiores de Tecnologia.

1.1.2 Objetivos específicos

- Analisar a configuração dos sentidos subjetivos relacionados às escolhas profissionais;
- Verificar quais os sentidos presentes na trajetória das escolhas profissionais;
- Identificar as expectativas do estudante sobre o mercado de trabalho para a sua área de formação e futuro profissional.

2 FUNDAMENTAÇÃO E REVISÃO DE LITERATURA

2.1 FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

2.1.1 A Psicologia Histórico-Cultural

A Psicologia Histórico-Cultural fundamenta-se principalmente no trabalho desenvolvido por Vigotsky¹, que é considerado um dos mais importantes teóricos da psicologia soviética do início do século XX. Essa abordagem é apresentada com nomenclaturas diferentes, como Psicologia Sócio-Histórica, mais utilizada pelos pesquisadores da PUC-SP, e Cultural-Histórica, forma adotada pelo psicólogo González Rey (2003, 2005, 2010, 2012), considerando a tradução mais próxima do termo russo. Na presente dissertação optamos pela terminologia Psicologia Histórico-Cultural.

Os estudos de Vigotsky (2000) foram influenciados pelo contexto histórico em que ele viveu, na antiga União Soviética. A Psicologia na época atravessava um momento marcante, impactada por uma sociedade influenciada pela Revolução Russa. Vigotsky (2000) buscou compreender a constituição do homem considerando sua totalidade e cultura. Defendia que:

O desenvolvimento psicológico dos homens é parte do desenvolvimento histórico geral da nossa espécie e assim deve ser entendido. A aceitação dessa proposição significa termos de encontrar uma nova metodologia para a experimentação psicológica. (VIGOTSKY, 2000, p. 80).

Segundo Oliveira (2009), o autor criticava a visão fragmentada de homem da psicologia de sua época, em que cada abordagem defendia a predominância de determinados fatores em sua constituição. Em sua obra, Vigotsky (2000) analisou e realizou críticas tanto às psicologias idealistas² quanto às mecanicistas³; partindo da interpretação marxista do conhecimento teórico e do historicismo, sua perspectiva privilegiava a visão de homem em sua totalidade dialética. Buscou estruturar uma psicologia inspirada no materialismo-dialético,

¹ Será utilizada a grafia Vigotsky, por ser a forma adotada por Fernando Luiz González Rey (2003, 2005, 2010, 2012).

² As psicologias idealistas defendem que a realidade é mentalmente construída ou imaterial, assim para se conhecer o homem seria somente através de sua mente, consciência.

³ As psicologias mecanicistas recorrem a inúmeros eventos antecedentes para explicar o comportamento humano, podendo se citar como causas: sentimentos, emoções, desejos, mente, inconsciente. Essa visão é a mesma da Mecânica, que adotou a noção de força inicial para a explicação do movimento dos corpos.

na qual o sujeito é constituído pelas circunstâncias e ambiente físico e social onde está inserido; dessa forma, aplicou os princípios do marxismo aos problemas da psicologia.

Em seu método de análise, Vigotsky (2000) propõe “uma análise descritiva e não explicativa e uma análise do desenvolvimento que reconstrói todos os pontos e faz retornar à origem do desenvolvimento de uma determinada estrutura” (p. 86). O objetivo era compreender o processo de constituição do homem em sua interação com o meio, bem como o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões. Fundamentado na visão dialética, o autor considerava que o homem é produto e produtor de sua história.

Ainda para Oliveira (2009), o desafio de Vigotsky (2000) centrou-se em construir um pensamento alternativo ao dominante no início do século XX por meio do pensamento dialético. Nesse sentido, desenvolveu uma teoria crítica à concepção naturalizante⁴ do psiquismo que dominava a psicologia da época, a qual defendia que o aspecto biológico não era o único elemento que constitui o desenvolvimento, pois o homem precisa se apropriar da vida coletiva para sua sobrevivência, desenvolvimento e satisfação de necessidades.

Segundo Aguiar e Ozella (2006), a proposta do psicólogo russo visa

[...] romper com as dicotomias interno-externo, objetivo-subjetivo, significado-sentido, assim como afastar-se das visões naturalizantes [...]. Por outro lado, possibilita-nos uma análise das determinações inseridas num processo dialético, portanto, não causal, linear e imediato, mas no qual as determinações são entendidas como elementos constitutivos do sujeito. (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 225).

A colaboração de Vigotsky para a compreensão da constituição do homem é inquestionável, assim como a atualidade de suas concepções e métodos. Sua morte precoce, com apenas 37 anos, não o impediu de deixar um legado. Devido à dificuldade de acesso à amplitude de sua obra no Brasil, principalmente pelo fato de as traduções do russo para a língua portuguesa terem sido realizadas de forma restrita ou parcial, sua abordagem ainda é estudada de forma limitada, sendo bem difundida, porém pouco compreendida em sua profundidade e grandeza. Dentro da vasta gama de temáticas abordadas em sua teoria, esta dissertação discutirá os conceitos alinhados à necessidade do atual estudo; quais sejam: a visão de homem; pensamento e linguagem; e sentido e significado.

Posteriormente será abordada a Teoria da Subjetividade desenvolvida por González Rey (2003, 2005, 2012; GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017), que colaborou para ampliar os conceitos vigotskyanos e que também fundamenta as análises do presente estudo,

⁴ A visão naturalizante é fortemente influenciada pelo ideário liberal que surge com o advento do capitalismo, sendo que é possível considerar que permanece nos dias atuais, segundo Bock (2004).

principalmente com a análise da configuração dos sentidos subjetivos presentes nas escolhas dos sujeitos.

2.1.2 A visão de ser humano⁵ na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural

A Psicologia Histórico-Cultural proporciona análises aprofundadas sobre a constituição do ser humano. A ideia central é a de que somos constituídos por meio das interações com o meio social; sendo assim, o sujeito é percebido como produto histórico e pertencente a uma determinada sociedade (VIGOTSKY, 1991a).

Um dos pressupostos fundamentais dessa concepção, advindos da teoria marxista, é a importância do trabalho no desenvolvimento humano. Ao estudar as funções superiores, Vigotsky (1995) defende que o trabalho é uma atividade exclusivamente humana e que possibilita o desenvolvimento da cultura. Essa perspectiva é importante para o estudo em questão, pois o trabalho representa interfaces na constituição e do desenvolvimento do ser humano.

Entretanto, essa condição não faz com que o homem apenas se manifeste como resultado do meio externo e de suas condições determinantes. Por meio do que Vigotsky (1991a) denomina situação social de desenvolvimento, dos sentidos subjetivos e das vivências, o homem reflete a historicidade social e suas ideologias; contudo, mantém sua singularidade. Desse modo, de acordo com González Rey (2003):

O enfoque histórico-cultural teve como um de seus aspectos essenciais a compreensão da unidade dialética entre indivíduo e sociedade, unidade entendida como sistema complexo de onde um dos aspectos estava contido no outro e vice-versa, em uma processualidade que atravessava permanentemente as formas atuais de organização, tanto do social como do individual. (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 188).

A obra de González Rey (2003, 2005, 2012; GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017), enriquece a abordagem da Psicologia Histórico-Cultural; contribui teoricamente com revisão de pressupostos e conceitos e também questiona as abordagens psicológicas influenciadas pelo relativismo e as indefinições contemporâneas. A visão de sujeito e de subjetividade da obra rompe com a ideia de um homem marcado apenas pelo que está dado pelo meio, demonstrando a perspectiva da concretização de possibilidades de ação, mudança e

⁵ Nesta dissertação são utilizadas as palavras: homem; ser humano; sujeito; para facilitar a escrita, porém é importante destacar que compreende e abarca de forma ampla a questão de gênero.

transformação de sua realidade. A ideia de sujeito ativo está vinculada à sua capacidade de pensamento e reflexão:

Reconhecer um sujeito ativo é reconhecer sua capacidade de construção consciente como momento de seus processos atuais de subjetivação, o que não significa que estes se ajustem a um exercício da razão; entre outras coisas, porque, a partir de nossa compreensão da subjetividade humana, as construções da consciência são produções de sentido, não construções racionais. (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 226).

A capacidade de produzir rupturas está associada à capacidade de gerar sentidos. Dessa forma, sujeitos críticos que confrontam seus pensamentos podem gerar novos sentidos, em uma estrutura constante de modificações do pensamento e da ação. Essa concepção permite compreender de forma mais profunda a posição do sujeito na sociedade, questionando a visão determinista que defende que o homem é reflexo do social e assim não possui capacidade de articular ações singulares e libertadoras. Além disso, também entende que, para a configuração de ações mais conscientes, é necessário o acesso aos motivos das necessidades do sujeito, intimamente inter-relacionados às suas escolhas e à sua subjetividade.

Para adentrar no campo de compreensão dessa configuração, entretanto, é importante o estudo inicial dos conceitos de sentido e significado, conforme propostos pela Psicologia Histórico-Cultural.

2.1.3 Sentidos e significados

As categorias de sentido e significado são fundamentais para a compreensão da constituição do sujeito; neste estudo, em particular, são primordiais para a análise da configuração das escolhas profissionais. É importante destacar que, apesar de serem diferentes, mantendo suas singularidades e especificidades, se articulam, afirmando o processo dialético. Antes, por estarem inter-relacionados às categorias de sentido e significado, destacamos de forma breve os conceitos de pensamento e linguagem para Vigotsky (2000).

O autor considera que o pensamento e linguagem são processos psicológicos superiores e constituintes da consciência. Segundo Oliveira (2009), Vigotsky (2000) distingue as funções psíquicas em dois níveis de organização: as biológicas ou inferiores, que são involuntárias; e as superiores, que são voluntárias, sociais e complexas. O homem nasce com as funções psicológicas elementares, biológicas e involuntárias; assim, as características tipicamente humanas não são inatas: elas resultam da interação dialética com o meio

sociocultural. Ao mesmo tempo que o homem transforma o meio para atender suas necessidades básicas, transforma a si mesmo; para o autor, portanto, “as funções superiores diferentemente das inferiores, no seu desenvolvimento, são subordinadas às regularidades históricas” (VYGOTSKY, 2000, p. 23).

Oliveira (2009) ressalta que, para o autor, é a relação com o meio que diferencia o homem de outros seres vivos e possibilita a aquisição das funções psíquicas superiores – como memória, atenção voluntária, imaginação, capacidade de planejamento e ações controladas, dentre outras. O homem transformou a natureza biológica em cultura a partir de seu desenvolvimento e necessidades; o trabalho foi o maior impulsionador desse processo de transformação. Desenvolveu instrumentos para agir sobre a natureza, criou condições de existência, sendo que os instrumentos podem ser considerados ferramentas desenvolvidas para resolução de problemas e que foram mediados pelo homem de geração para geração.

O desenvolvimento da linguagem e suas relações com o pensamento ocupam lugar central na obra de Vigotsky (1991b). O autor defende que a linguagem é um sistema simbólico, um signo mediador por natureza e que carrega os conceitos generalizados e elaborados pela cultura humana. A linguagem consegue organizar os eventos em uma mesma categoria conceitual, permitindo fornecer conceitos e formas de organização da realidade. A linguagem é, portanto, um instrumento fundamental para a constituição do homem, sendo não somente um meio de contato com o ambiente externo, mas também com sua própria consciência. Ao abordar a relação entre linguagem e consciência, Vigotsky (1992) poeticamente relata:

A consciência se expressa na palavra assim como o sol se expressa em uma gota d'água. A palavra é para a consciência o que o microcosmo é para o macrocosmo, o que a célula é para o organismo, o que é o átomo para o universo. É o microcosmo da consciência. A palavra significativa é o microcosmo da consciência humana. (VYGOTSKI, 1992, p. 347).

Vigotsky (2001) afirma que “o pensamento não se exprime na palavra, mas nela se realiza” (p. 409), podendo, muitas vezes, “fracassar”, pois não se converte em palavras, ocorrendo vivências que não se expressam claramente, não sendo significadas objetivamente. Assim, percebe-se que as vivências são muito mais complexas do que aparentam. O autor considera que toda formação de conceitos e generalização é um ato específico do pensamento. Portanto, o pensamento passa por muitas transformações para ser expresso em palavras; para compreendê-lo, é necessário analisar esse processo por meio da compreensão do significado

da palavra. Assim, pensamento e linguagem se constituem. Compreende-se, desse modo, que essa relação perpassa a compreensão das categorias de sentido e significado.

O significado realiza a mediação entre o pensamento e linguagem, permitindo a relação entre ambos. Vigotsky (2001) considera que no campo psicológico o pensamento é uma generalização, um conceito. Segundo Aguiar e Ozella (2013):

Os significados são, portanto, produções históricas e sociais. São eles que permitem a comunicação, a socialização de nossas experiências. Muito embora sejam mais estáveis, “dicionarizados”, eles também se transformam no movimento histórico, momento em que sua natureza interior se modifica, alterando, conseqüentemente, a relação que mantêm com o pensamento, entendido como um processo. Os significados referem-se, assim, aos conteúdos instituídos, mais fixos, compartilhados, que são apropriados pelos sujeitos, configurados a partir de suas próprias subjetividades. (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 304).

Assim para os autores, o significado consiste em um núcleo relativamente estável de compreensão da palavra, sendo compartilhado por todas as pessoas que a utilizam. Trata-se de um sistema de relações objetivas que constituem os processos sociais, culturais e pessoais. Na perspectiva de compreensão do sujeito, os significados são o ponto de partida; eles contêm mais do que aparentam e sua análise e interpretação pode conduzir às zonas de sentido (AGUIAR; OZELLA, 2013). Por sua vez, é possível afirmar que o sentido é muito mais amplo que o significado e está relacionado às articulações dos eventos psicológicos que se produzem frente à realidade. Vigotsky (2000) conceitua:

[...] o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa que tem várias zonas de estabilidade variada [...] o significado é apenas uma dessas zonas de sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata. (VYGOTSKY, 2000, p. 465).

González Rey (2003) destaca que o sentido subverte o significado, não se submetendo a uma lógica racional externa; exprime necessidades que muitas vezes não se realizaram, mas que mobilizam e constituem o sujeito. O sentido destaca a singularidade do sujeito, que é historicamente construída:

O sentido é subversivo, escapa do controle, é impossível de predizer, não está subordinado a uma lógica racional externa. O sentido se impõe à racionalidade do sujeito, o que não implica a sua associação só ao inconsciente, como já foi dito, pois um mesmo sentido transita por momentos conscientes e inconscientes, até mesmo de forma contraditória. (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 252).

Dessa forma, o desafio reside em ir além do não dito, do sentido; em compreender a singularidade do sujeito – considerando, contudo, que o pensamento é emocionado e nunca será totalmente desvelado devido à sua complexidade (AGUIAR; OZELLA, 2013). A apreensão dos sentidos é uma tarefa fascinante que pode proporcionar um mergulho na singularidade do sujeito; é, porém, uma atividade complexa e parcial, pois é possível identificar zonas de sentido que não configuram generalizações de um todo. Desse modo:

A apreensão dos sentidos não significa apreendermos uma resposta única, coerente, absolutamente definida, completa, mas expressões muitas vezes parciais, prenes de contradições, muitas vezes não significadas pelo sujeito, mas que nos apresentam indicadores das formas de ser do sujeito, de processos vividos por ele. (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 307).

A Teoria da Subjetividade de González Rey (2003, 2005, 2012; GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017) proporciona um arcabouço teórico consistente e instiga a seguir seus passos na empreitada de dar continuidade em sua matriz teórica. No presente estudo, para a apreensão dos sentidos subjetivos da escolha profissional é imprescindível a discussão dessa teoria que, para González Rey (2005), tem como principais categorias: sentido subjetivo; subjetividade individual; subjetividade social; configuração subjetiva; e necessidades e motivos.

O próximo tópico aborda a Teoria da Subjetividade e suas categorias, conceitos primordiais para esta pesquisa, que colaboram para a compreensão da constituição do sujeito e a quebra de uma visão reducionista de homem. O aspecto fascinante dessa abordagem é que, mesmo considerando a complexidade da constituição do sujeito, instrumentaliza possibilidades de imersão em sua singularidade.

2.2 A TEORIA DA SUBJETIVIDADE

2.2.1 A Teoria e suas categorias

A Teoria da Subjetividade elaborada por González Rey (2003, 2005, 2012; GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017) constitui um referencial teórico e epistemológico fundamentado na Psicologia Histórico-Cultural. Nascido em Havana, doutor em Psicologia pelo Instituto de Psicologia Geral e Pedagógica de Moscou e doutor em Ciência pelo Instituto de Psicologia da Academia de Ciências da União Soviética, Fernando Luiz González Rey

faleceu recentemente, em março de 2019. Este estudo pretende prestar uma homenagem à rica contribuição dessa matriz teórica.

Os conceitos que definem a nossa aproximação teórica e os modos de trabalhar com eles expressam a ‘vitalidade completa da vida’ que Vigotsky dizia estar ausente na compreensão do pensamento em sua obra *Pensamento e Linguagem*. Sair dos limites estreitos nos quais a psicologia descritivo-instrumental tem mantido a pesquisa, seja qualitativa ou quantitativa, bem como a prática profissional, demanda mudanças audazes capazes de acompanhar a complexidade do homem, suas práticas e sua vida social, tanto em suas formas institucionalizadas como nas não institucionalizadas. (GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017, p. 62).

A partir dos pressupostos de Vigotsky o autor apresenta uma perspectiva dialética e histórico-cultural de análise dos sujeitos, considerados singulares e concretos dentro das relações sociais. Elabora também o conceito de subjetividade:

A subjetividade humana é uma produção qualitativamente diferenciada dos seres humanos dentro das condições sociais, culturais e historicamente situadas em que vivemos, o que implica a rejeição de qualquer conceito ou princípio universal com base na teoria. Conforme esse posicionamento, a subjetividade não representa um supra sistema acima das ações humanas e dos contextos em que elas acontecem. Ela não representa um sistema fechado, cujas regularidades gerais ordenam o funcionamento dos processos que ocorrem nela. A subjetividade é um sistema configuracional, que se organiza por configurações subjetivas diversas em diferentes momentos e contextos da experiência humana. (GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017, p. 62).

A subjetividade é um sistema complexo, compreendido como um macroconceito que integra processos e formas da organização psíquica do sujeito e envolvidos na produção de sentidos subjetivos. A subjetividade é produzida sobre sistemas simbólicos e emoções que expressam o encontro de histórias singulares, de instâncias sociais e sujeitos individuais com contextos sociais e culturais multidimensionais (GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017). Essa perspectiva amplia as possibilidades de análise da sociedade e das pessoas.

González Rey e Martínez (2017) atribuem importância significativa ao sujeito, pois sem ele não há produção de sentidos subjetivos – sem o sujeito, não existe subjetividade. Para os autores o sujeito não é passivo; ele participa de sua própria história, que interfere nos processos sociais e é por eles constituída. Essa visão é importante para afirmar a perspectiva de que o sujeito pode atuar de forma ativa e ser agente de mudanças individuais e sociais:

O indivíduo não é “vítima” de sua subjetividade, ele pode tornar-se sujeito dela, o que define um processo ativo na tomada de caminhos e decisões que são fontes geradoras de sentidos subjetivos. Por isso, o emergir do sujeito é parte essencial da mudança de configurações subjetivas, que, até determinado momento, foram hegemônicas no modo de viver uma experiência. (GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017, p. 53).

Assim, é possível compreender que cada sujeito se constitui de maneira única a partir das experiências de sua história de vida. Nesse sentido, os autores criticam os determinismos e fragmentações tanto da visão de homem como da própria pesquisa dentro do campo da psicologia, que abordam de maneira superficial as informações que o sujeito desvela.

Dentro da perspectiva teórica da subjetividade, existe uma relação entre os aspectos simbólicos e as emoções. No processo de compreensão do sujeito, defende-se a valorização de todos os seus aspectos constitutivos:

As operações intelectuais e os processos afetivos não aparecem como processos externos que se complementam, mas como processos subjetivos que expressam uma nova qualidade, onde a operação intelectual é geradora de emoção, num processo em que imaginação, sentimento e fantasia são inseparáveis da realização intelectual, aparecendo como um mesmo processo subjetivamente configurado. (GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017, p. 76).

Tecendo reflexões a partir da Teoria da Subjetividade, em sua dissertação sobre a produção de sentidos subjetivos dos professores no enfrentamento das adversidades da docência, Gallert (2010) realiza a análise das categorias. A autora destaca que o sujeito é compreendido na complexa relação estabelecida entre pensamento e emoções, que se manifesta por meio da linguagem oral ou corporal. As inúmeras maneiras que o sujeito se expressa por meio da fala, gestos, atitudes são manifestações dos sentidos subjetivos. Considerando, portanto, que o individual e o social se constituem reciprocamente, a análise da realidade precisa considerar aspectos sociais e individuais (GALLERT, 2010).

Assim, com o objetivo de maior compreensão do enfoque apresentado e da Teoria da Subjetividade, serão discutidas as categorias desenvolvidas por González Rey (2003, 2005, 2012; GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017): sentido subjetivo; subjetividade individual; subjetividade social; configuração subjetiva; e necessidades e motivos.

É possível exemplificar a diferença entre o sentido e o significado da palavra profissão da seguinte forma: o significado está associado à ideia de trabalho ou atividade especializada dentro da sociedade, por vezes adquirida em um processo de formação escolar. Por sua vez, os sentidos do termo profissão estão relacionados às vivências do sujeito e podem trazer lembranças agradáveis ou desagradáveis, constituídas nas relações e interfaces

com a ideia de profissão, como: possibilidade de ascensão social; esforço excessivo para adquiri-la; necessidade ou não do Ensino Superior; valorização ou desvalorização de determinadas profissões; e incertezas quanto ao futuro das profissões devido às mudanças tecnológicas, dentre outros.

Gallert (2010) destaca que o sentido subjetivo está relacionado à emocionalidade do sujeito, unindo os processos simbólicos e as emoções. Único e singular em cada sujeito, ele é constituído a partir das vivências de sua história de vida, sendo mais complexo que o significado. González Rey e Martínez (2017) definem o sentido subjetivo:

Em nossa concepção, os sentidos subjetivos são a unidade mais elementar, dinâmica e versátil da subjetividade. Os sentidos subjetivos emergem no curso da experiência, definindo o que a pessoa sente e gera nesse processo, definindo a natureza subjetiva das experiências humanas. Esse novo tipo de processo na vida social culturalmente organizada, permitindo a integração do passado e do futuro como qualidade inseparável da produção subjetiva atual. (GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017, p. 63).

O conceito de sentido subjetivo considera a versatilidade de formas de expressão no nível psíquico dos sujeitos, baseada nas experiências histórico-sociais; é um conceito de categoria importante para a sustentação da Teoria da Subjetividade. A capacidade de produção de sentidos subjetivos é parte da característica própria dos sujeitos e grupos sociais, que de forma complexa e dinâmica fazem parte do processo de constituição da subjetividade. Tal perspectiva valoriza o sujeito ativo e criativo que pode, por meio da produção de sentidos subjetivos, gerar movimentos, rupturas e transformação na vida social:

Da perspectiva teórica que defendemos, não existe a passividade como estado estático, pois quando a pessoa está no extremo de sua incapacidade para tomar decisões, de refletir e de estar vivo nos múltiplos espaços de sua existência pessoal, aparece o sofrimento, que não é um estado passivo, mas, ao contrário, extremamente ativo em sua nocividade para o indivíduo, impondo-se continuamente em todas as experiências pessoais, nas quais o indivíduo não consegue gerar novos espaços de subjetivação que lhe permitam transcender esses estados dominantes. (GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017, p. 73).

Gallert (2010) destaca que é por meio desse processo dinâmico e infinito de produção de sentidos subjetivos e flexibilidade que novos pensamentos e ações são gerados; assim, o sujeito enfrenta suas posições anteriores, transformando a si mesmo e o meio social, sendo autor e ator dos processos que vive. Trata-se de um movimento dialético entre social e individual, assim como entre os pensamentos e emoções, de forma indissociável. Nesse contexto é possível introduzir os conceitos de subjetividade individual e subjetividade social.

Na compreensão de González Rey (2005), o sujeito se constitui em sua subjetividade individual a partir das relações com o meio e dos sentidos subjetivos que elabora do contexto social em que está inserido. A subjetividade social, por sua vez, é resultado da apresentação das subjetividades individuais, que nesse processo de interação produzem novos sentidos.

Gallert (2010) pondera que a subjetividade individual é constituída pela história pessoal de cada sujeito, que influencia e é influenciado pela sociedade na qual se insere – é, portanto, produzida em espaços sociais constituídos historicamente. Entretanto, sob a perspectiva da Teoria da Subjetividade, não é constituída pela mera internalização social, mas como uma constituição subjetiva individual que revela um caráter de mediação – e não de linearidade – entre o social e o individual. Os processos de sentido são constituídos, portanto, por aspectos singulares da história do sujeito.

A subjetividade individual representa os processos e formas de organização subjetiva dos indivíduos concretos. Nela aparece constituída a história única de cada um dos indivíduos, a qual, dentro de uma cultura, se constitui em suas relações pessoais. Um dos momentos essenciais de subjetividade individual, que define com força sua natureza processual, é representado pelo sujeito, que constitui o momento vivo da organização histórica da sua subjetividade, e que está implicado de forma constante nos diversos espaços sociais dentro dos quais organiza suas diferentes práticas. (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 241).

Segundo González Rey e Martínez (2017), a subjetividade social “é uma fonte constante de produção de sentidos subjetivos nas tramas de seus múltiplos personagens” (p. 54). A proposta dos autores rompe com a ideia de que a subjetividade é um fenômeno individual, apresentando-a como um sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social e individual, tendo uma gênese histórico-cultural; dessa forma, não se associa apenas às experiências atuais do sujeito ou à instância social. É importante destacar que a experiência atual adquire sentido e significado dentro da constituição subjetiva da história do sujeito, que pode ser tanto social como individual.

A subjetividade social como um sistema complexo exibe formas de organização igualmente complexas, ligadas aos diferentes processos de institucionalização e ação dos sujeitos nos diferentes espaços de vida social, dentro dos quais se articulam elementos de sentido procedentes de outros espaços sociais. (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 203).

Um fator importante é a presença de processos ideológicos que impactam a constituição da subjetividade. Para González Rey e Martínez (2017),

[...] uma das formas de expressão da subjetividade social que está na base da perpetuação e da legitimidade de processos institucionais dominantes é a ideologia, pois ela é uma expressão da subjetividade na vida social que tem um forte conteúdo mítico e que procura se apoiar em sistemas de crenças de forte valor afetivo. (GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017, p. 58).

Assim, para os autores, a ideologia é simplificadora; age como um código para dar visão de conjunto do mundo. É uma produção subjetiva que permite a integração social em torno de um mito, culto ou projetos sociais. As perspectivas e visões da realidade fundamentadas em ideologias são invasivas e repressivas sobre a individualidade, pois pretendem negá-la em detrimento de objetivos sociais utópicos e que não se concretizam – que, contudo, têm impregnados em si um grande valor para as pessoas que deles fazem parte e são configurados por múltiplas formas de subjetividade individual de seus atores.

Dessa forma, a subjetividade social é constituída de forma complexa pelas diversas interfaces entre discursos, representações sociais e ideologias. Na inter-relação com os sujeitos, a subjetividade social configura-se diferentemente das subjetividades individuais:

Por intermédio dos discursos, mitos, representações sociais preponderantes bem como das distintas ideologias, que se expressam nesses processos, e em outras formas de produção social, delimitam-se as produções sociais que definem subjetivamente uma cultura num tempo específico de uma sociedade, como, por exemplo, a religião, a raça, o gênero, as construções sobre infância, velhice, saúde, doença etc. Essas construções sociais aparecem configuradas de maneira diferenciada na subjetividade individual dos atores que se relacionam e se organizam nas variadas instâncias sociais de cada cultura. (GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017, p. 64).

Outra categoria importante para a compreensão da Teoria da Subjetividade é a configuração subjetiva que, para González Rey e Martínez (2017), está relacionada à forma de organização sistêmica de cada sujeito nos diversos espaços sociais e integra seus sentidos subjetivos, tornando-se concreta a partir da ação e reflexão das pessoas em seus espaços sociais. É possível perceber as configurações subjetivas que constituem cada sujeito a partir da integração dos diversos sentidos subjetivos elaborados individualmente, permeados por sua história de vida e manifestados nas experiências humanas e nas atividades cotidianas.

Uma configuração subjetiva nunca é restrita às experiências específicas atuais dos indivíduos e grupos em uma área específica da vida. É precisamente essa característica que coloca a subjetividade além das determinações imediatas das atividades e das relações das pessoas que acontecem num espaço social concreto e que permitem explicar as resistências, rupturas e processos de desenvolvimento em face das situações objetivas que pareceriam impossibilitar a emergência desses processos. (GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017, p. 83).

Ao analisar esse conceito, Gallert (2010) ressalta que as configurações subjetivas não são estáticas e universais, mas sob a perspectiva dos autores da Teoria, constituem o conhecimento, o conjunto de crenças e mitos que circulam nos sistemas discursivos e se constituem na configuração subjetiva dos espaços sociais. Na identificação e compreensão das configurações subjetivas que os estudantes manifestam e expressam nos motivos de suas escolhas profissionais, por exemplo, é possível acessar alguns sentidos subjetivos que eles produzem.

A categoria necessidades e motivos constituintes da subjetividade é importante no processo de escolha, pois a análise do movimento do pensamento está relacionada à revelação de seus motivos, necessidades e interesses (AGUIAR; OZELLA, 2013). Para compreender os sentidos, portanto, é necessária a visão de totalidade do sujeito em suas dimensões biológica, cognitiva e afetiva – não sendo possível a divisão entre afeto e cognição. Entende-se que os reais motivos são carregados de afetividade e volição. Desse modo,

As necessidades estão sendo entendidas como um estado de carência do indivíduo que leva a sua ativação com vista a sua satisfação, dependendo das suas condições de existência. Temos, assim, que as necessidades se constituem e se revelam a partir de um processo de configuração das relações sociais, processo este que é único, singular, subjetivo e histórico ao mesmo tempo. Além disso, é fundamental ressaltar que, pelas características do processo de configuração, o sujeito não necessariamente tem o controle e muitas vezes a consciência do movimento de constituição das suas necessidades. Assim, tal processo só pode ser entendido como fruto de um tipo específico de registro cognitivo e emocional, ou seja, a constituição das necessidades se dá de forma não intencional, tendo nas emoções um componente fundamental. (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 306).

Ao analisar essa perspectiva, Oliveira (2009) destaca que o sujeito pode não se apropriar do conhecimento e percepção da constituição de suas necessidades; por isso, para compreender seu discurso, não basta acessar suas palavras, mas é necessário conhecer seu pensamento e motivações. A necessidade se completa quando o sujeito significa algo do mundo social como possível de satisfazer sua necessidade; então, esse objeto, fato ou pessoa constitui algo que direciona e motiva a ação na direção da satisfação da necessidade. Através do acesso a esses motivos, desse estado emocional dinâmico que direciona o sujeito para ação, será possível a aproximação dos sentidos e revelar sua essência, nos distanciando da aparência e desvelando seu movimento – seu sentir e pensar, que não foi expresso verbalmente. As necessidades estão vinculadas aos movimentos histórico, social e político. Por isso, a análise deve considerar essa complexidade, percebendo de forma ampla essas interações (AGUIAR; OZELLA, 2013).

Para o presente estudo tais conceitos se tornam primordiais, pois a configuração da escolha está vinculada às necessidades e motivos dos sujeitos e para que o estudante desenvolva maior capacidade de escolha, deve compreender a constituição de suas necessidades – e, por consequência, questionar as formas de satisfação das mesmas. É necessário, assim, desenvolver uma visão mais crítica do mercado de trabalho e das buscas/motivos que estão atrelados às suas escolhas. A consequência primordial desse conhecimento é a possibilidade de maior autonomia, transformação pessoal e social por meio da escolha. Essa análise se consolida em uma importante ferramenta de acesso aos conteúdos que influenciam o processo decisório e contribui ao exercício de escolhas mais conscientes. É processo desafiador, que instiga investir em estudos e prática que contribuam para tal possibilidade.

2.3 CONTEMPORANEIDADE

2.3.1 A questão da escolha

A compreensão do homem se dá pela busca da gênese social do individual, se quisermos apreender o processo de escolha, temos que focar nas mediações sociais e históricas constitutivas de tal processo e observar como o sujeito configura tais determinações. A discussão sobre a escolha só pode ser enfrentada se situada na trama de um debate que considere o histórico, o social, o ideológico e o subjetivo como elementos, ao mesmo tempo, diferenciados e inseparáveis. (AGUIAR, 2006, p. 14).

O sujeito realiza escolhas desde o início de sua vida. Durante a infância as escolhas normalmente não geram maiores consequências para quem toma uma decisão; mas, com o passar dos anos, as opções vão assumindo maior complexidade. O poder de decisão remete ao sentimento de liberdade; porém, a escolha também está vinculada à renúncia, insegurança e incertezas. Dessa forma, a configuração do processo decisório nem sempre é fácil. As mudanças provenientes das escolhas geram novas opções, por meio de um ciclo de ações e consequências. Por isso, escolhas que repercutem mais fortemente na vida do sujeito, como as profissionais, são complexas e demandam maior reflexão. São apostas no futuro – quem nunca se arrependeu de uma escolha?

Conforme indica Aguiar (2006), a questão da escolha só pode ser analisada na interface entre o subjetivo, o ideológico, o social e o histórico. Nesse cenário complexo a questão que se coloca é que, mesmo que o processo de escolha esteja envolto em várias interfaces, será que o sujeito realmente consegue desenvolver sua capacidade de escolher mais

livremente? É possível questionar até onde vai a liberdade, pois é fato que por ser multideterminada a escolha pode ser afetada por aspectos que o sujeito não possui ação. Mas dentro dessa contradição, é salutar pensar em articulações para ampliar o processo de consciência, frente às quais se possa apresentar uma análise ampliada das reais (im)possibilidades.

Sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, Aguiar (2006) destaca:

Portanto, vamos entender o sujeito como aquele que é ao mesmo tempo único e singular, mas também social e histórico, como aquele que transforma o social em psicológico, como aquele que vive a unidade contraditória do simbólico e do emocional e como aquele que produz sentidos subjetivos. Por isso, com certeza, ele certamente, escolhe. (AGUIAR, 2006, p. 12).

Não se trata de uma visão inocente sobre o sujeito, no sentido de negar os determinismos. É evidente que, como a escolha está envolta por diversas interfaces que podem ter maior ou menor impacto na configuração do processo decisório, é necessário um aprofundamento na compreensão dos motivos das ações do sujeito. O sujeito que tiver maior possibilidade de acesso ao conhecimento da constituição de suas escolhas terá, portanto, a possibilidade de articular o processo de forma mais consciente. Desse modo,

[...] não vamos olhar o sujeito numa perspectiva positivista, que se contenta com as aparências, nem numa perspectiva racionalista, que nega as emoções ou as colocam como epifenômenos da cognição. Ressaltamos, primeiramente, a necessidade de não nos determos na aparência, mas na apreensão do processo de constituição das escolhas. [...] Assim, nossas perguntas são: Por que ele sente, age e pensa assim? Por que ele faz esta escolha? Qual o processo de constituição desta escolha? Com essas perguntas, podemos desvelar as verdadeiras relações que subjazem aos processos. (AGUIAR, 2006, p. 15).

No artigo intitulado *Conceito de liberdade em Vigotski*, Toassa (2014) analisa condições concretas necessárias para a livre-escolha em tempos de alienação. Destaca que a liberdade para Vigotsky é um produto do desenvolvimento humano para o incremento da consciência humana. A formação da livre-escolha está atrelada às funções psíquicas superiores, como a atenção e a memória. Tais funções não são isoladas na consciência humana, mas desenvolvem-se em conjunto, no processo de constituição de uma estrutura superior de consciência. Assim, o conceito essencial de liberdade para Vigotsky está relacionado à tomada de consciência, processo constituído em uma relação dinâmica entre pensamento e linguagem. O processo decisório seria uma função dessa relação. A partir dessa constatação, Toassa (2014) problematiza:

Como se poderia entender a reação de livre-escolha no contexto da vida humana concreta? Resposta: entendendo a complexa relação entre as determinações de nossas escolhas e o processo de pensamento a elas relacionadas, que não só se define em função do que existe objetivamente, como também cria novas escolhas a partir do que já existe. A intenção livremente estabelecida não é caudatária de uma cognição asséptica, mas, sim, ato de uma individualidade consciente, em que se inscreve a história de interações humanas – até mesmo a história dos motivos constituídos pelas pessoas. (TOASSA, 2014, p. 4).

Essa perspectiva ressalta a possibilidade de o sujeito articular ações livres e modificar a sua realidade objetiva:

Tornar-se livre é, portanto, assimilar um significado diferenciando-se dele – é tornar-se indivíduo humano que recria a realidade na consciência, constituindo um ativo conhecimento das determinações da conduta e, nesse processo de conhecimento, modifica a realidade objetiva (natural e/ou social). (TOASSA, 2014, p. 5).

A autora reforça que o sujeito consegue modificar as condições que determinam sua conduta e cria uma nova solução. O próprio processo de constituição de um sentido para o mundo e suas relações pode ser considerado uma forma de criação de novas combinações. Sendo assim, a realidade simplesmente não se reflete na consciência; o sujeito também a reflete de forma ativa, produzindo uma nova versão da realidade. Nesse processo é possível atingir a relação entre imaginação, liberdade e atividade criadora. Surgem da consciência do sujeito as possibilidades de agir com liberdade, que estão intimamente ligadas à sua imaginação; tais possibilidades são consideradas um processo psicológico novo e representam uma forma específica da atividade consciente. A liberdade, portanto, é um fenômeno ontogenético indissociável das relações sociais já existentes (TOASSA, 2014). É importante, desse modo, conhecer as condições necessárias para analisar e mediar seu processo de constituição.

No âmbito profissional a escolha também assume estas características e exige alto nível de reflexão, informação e acesso à compreensão de seus sentidos. Dentre os aspectos que se inter-relacionam para a configuração do processo de escolha, Soares (2002) destaca os fatores econômicos, políticos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos, apresentados a seguir de forma resumida:

- Econômicos: o mundo do trabalho, desemprego, globalização, crises, empregabilidade, transformações tecnológicas;
- Políticos: impacto do sistema capitalista no modo de vida das pessoas, políticas do governo com relação à educação, incentivos ao ingresso no Ensino Superior;

- Sociais: divisão de classes, sentimento de aceleração do tempo, ideologias relacionadas a necessidade de consumo e ascensão social;
- Educacionais: constituição do sistema educacional brasileiro, possibilidades de instituições e cursos de Ensino Superior, impacto do neoliberalismo sobre a formação limitada às exigências de qualificação do próprio mundo do trabalho;
- Familiares: repasse de valores e visões sobre as profissões, importância atribuída à educação, expectativas da família *versus* interesses pessoais;
- Psicológicos: motivações, interesses e habilidades do sujeito, nível de compreensão sobre as interfaces entre as diversas influências e os fatores determinantes.

Dessa forma, Soares (2002) revela que o ato de escolher é multideterminado, sendo necessária a compreensão dessa configuração de forma não determinista. Semelhantemente, Bock (2006) defende que a escolha está vinculada a um ato de coragem. A escolha é permeada por expectativas de futuro, reflete a condição histórica e subjetividade dos sujeitos, se processa por meio da relação dialética entre o sujeito e o contexto em que está inserido. Assim, as vivências estabelecidas com o social ao longo da história de vida do sujeito repercutem em seu ato de escolher. A escolha profissional é fruto das (im)possibilidades que o cercam, mas ao mesmo tempo é o autor e ator de sua vida, podendo se posicionar por qual caminho seguir, através de reflexões e tomada de consciência de si e do que lhe atravessa socialmente.

No caso do Ensino Superior, o sujeito já fez escolhas, como o curso e a instituição de ensino. Durante o processo de formação ele se depara com a necessidade de definir os próximos passos da vida profissional; terá, portanto, que continuar decidindo dentre uma enorme diversidade de opções em um ambiente altamente competitivo, acelerado e mutável. Desse modo, a escolha profissional está relacionada ao pensamento do sujeito sobre o seu futuro e envolve características relacionadas com o seu projeto de vida. O complexo processo de escolha profissional está presente durante toda a permanência do sujeito no mercado de trabalho; não se restringe apenas aos aspectos de carreira, mas impacta nas mais diversas esferas de sua vida, como social, financeira e familiar.

Segundo Boutinet (2002), o mercado de trabalho moderno impulsionou a necessidade de pensar em projetos. Nossa sociedade tem sofrido grandes modificações quanto às possibilidades de escolha profissional. O sentimento de insegurança advindo de um cenário

competitivo e instável mobilizou a necessidade de antecipar ações e se projetar dentro de uma perspectiva de tempo. Em épocas anteriores, não havia essa mesma necessidade – esse período é denominado por Boutinet (2002) como cultura do “sem-projeto”, onde os sujeitos não se preocupavam de forma tão intensa com as questões do futuro. Atualmente, entretanto, nossa sociedade está imersa em uma cultura acelerada e tecnológica que impulsionou a necessidade de desenvolvimento de projetos. Assim, o projeto de vida do estudante da Educação Superior está diretamente interligado ao seu projeto profissional; seus pensamentos e desejos para sua vida futura estão condicionados às suas escolhas profissionais.

Outra temática importante a ser considerada é abordada por Faria (2018), que colabora com estudos sobre os eventos casuais no desenvolvimento de carreira, aspecto de grande relevância, porém pouco explorado nas pesquisas nacionais – pois mesmo com a estruturação de um planejamento futuro, o sujeito precisa saber articular ações considerando casualidades. A pesquisadora salienta que:

Há pouca dúvida de que a tomada de decisão oferece direção no desenvolvimento de carreira, mas no atual, complexo e volátil cenário, os planos carecem de flexibilidade frente aos recorrentes eventos não planejados, encontros fortuitos e oportunidades inesperadas. (FARIA, 2018, p. 135).

Portanto, ao adentrar o campo das escolhas profissionais, é possível presenciar a eterna luta entre a emancipação do sujeito ou sua alienação, que poderá ser marcada por aspectos determinantes de ideologias do mercado de trabalho, do sistema capitalista ou mesmo de uma formação escolar limitante.

Ao analisar o mercado de trabalho, conforme exposto anteriormente, é importante destacar que existem outros tipos de sistemas, além do capitalismo, assim como formas diferenciadas de estabelecimento de relações de trabalho. Este estudo, entretanto, concentra suas análises dentro dessa categoria, por ser a predominante dentro do contexto brasileiro e da pesquisa.

2.3.2 O trabalho contemporâneo

O trabalho reflete as mudanças sociais (ANTUNES, 2005; POCHMANN, 2004). Até a Revolução Industrial era possível encontrar um mercado de trabalho marcado por maior estabilidade. O ciclo de carreira era mais contínuo e a tendência era seguir caminhos sem muitas alterações bruscas em sua trajetória. Segundo Bock (2006), após a instalação do modo

de produção capitalista a escolha profissional assume maior importância. Nesse sentido, Dias (2009) destaca que:

O mundo do trabalho surge desintegrando profissões e perspectivas de futuro ao mesmo tempo em que (re)cria novas formas e novas maneiras do sujeito se relacionar com o processo produtivo. Afetando principalmente os universitários, que também passam a se posicionar, pensar e produzir novos sentidos em uma perspectiva mais global do que local e também mais fragmentada, ou desvinculada do processo e do produto de seu trabalho. (DIAS, 2009, p. 24).

O diploma em um curso superior não é mais garantia de emprego e estabilidade. A sociedade moderna determina que as pessoas precisam estar conectadas diretamente às necessidades de mudanças e buscando conhecimentos de forma constante. Essa situação gera o sentimento de que o sujeito nunca está preparado para o mercado, com muitas dúvidas de como proceder e receio de fazer as escolhas erradas. Autores como Marques (2007), Valore (2005), Dias (2009) e Aguiar, Bock e Ozella (2009) contribuem com estudos nos quais destacam a compreensão dos sentidos do trabalho, a importância do pensamento e ação críticos nos processos de escolha e a necessidade de práticas de orientação profissional.

A realidade social atual é baseada na valorização do consumo, na busca contínua de satisfação em um ambiente altamente competitivo e desigual, sem a percepção da influência dos aspectos do capital nas rotinas, trabalho e escolhas. O conceito do homem neoliberal impacta de forma direta o mercado de trabalho e as trajetórias profissionais. Segundo Dardot e Laval (2016, p. 322), “o homem neoliberal é o homem competitivo, inteiramente imerso na competição mundial”. Segundo os autores, nessa nova fase do neoliberalismo a estratégia é investir no desenvolvimento de um homem eficaz, dócil ao trabalho e disposto ao consumo, que se relaciona à construção do mercado, da empresa e do dinheiro por meio de técnicas de motivação, estímulo e incentivo.

A nova gestão transferiu os riscos para os assalariados, produzindo o aumento da sensação de insegurança, assim as empresas puderam exigir maior disponibilidade e comprometimento. A perspectiva neoliberal vincula a maneira como o homem é governado à maneira como ele próprio se governa. Vivencia-se a necessidade da formação e do aprimoramento constantes e da empregabilidade. Desse modo, as escolhas geram um impacto nesse processo, em que o sujeito se cobra para corresponder às necessidades desse mercado, ser ativo, buscar atualizações – caso contrário, poderá ficar para trás e sem perspectivas de emprego. Da mesma forma ele se questiona, por exemplo, se escolheu acertadamente seu curso superior, já que tem insegurança sobre o futuro das profissões.

Segundo Dardot e Laval (2016), o comportamento do homem neoliberal é permeado pela ideia de que “ser empreendedor de si mesmo significa conseguir ser o instrumento ótimo de seu próprio sucesso social e profissional” (p. 350). Desse modo, “o sujeito não vale mais pelas qualidades estatutárias que lhe foram reconhecidas durante sua trajetória escolar e profissional, mas pelo valor de uso diretamente mensurável de sua força de trabalho” (p. 352). O que se destaca no homem neoliberal não é o equilíbrio, a média, mas o desempenho máximo. A solicitação é que o sujeito se transcenda, que atinja um estado de além de si. Assim, os autores salientam que “o culto do desempenho leva a maioria das pessoas a provar sua insuficiência e conduz a formas depressivas em grande escala” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 366).

O processo de escolha profissional é impactado pela ideia de que o sujeito deve fazer as opções corretas, preparar-se para ter o melhor desempenho, um alto nível de exigência e pouca tolerância para perda de tempo; a tendência é o desenvolvimento do sentimento de ser o único responsável por sua trajetória profissional.

Outro aspecto fundamental que complementa a visão da sociedade atual é a questão de tempo. Soma-se, às condições anteriormente apresentadas, a sensação de aceleração do tempo e o sentimento que estamos sempre atrasados e sem tempo para concluir tudo que é necessário a ser realizado. De fato, a modernização gerou uma transformação estrutural e cultural extremamente importante nos horizontes temporais; o conceito de aceleração social permeia as direções dessas transformações. De acordo com Rosa (2019),

[...] estruturas temporais constituem o ponto central para a coordenação e integração de projetos de vida individuais e exigências sistêmicas, e, na medida em que questões éticas e políticas se referem, basicamente, a como queremos despender nosso tempo, essas estruturas representam também o cenário onde as análises sociológicas e as perspectivas ético-filosóficas podem e devem ser vinculadas. (ROSA, 2019, p. 10).

Assim, Rosa (2019) salienta que a velocidade das atividades raramente é determinada por nós mesmos enquanto atores individuais, mas quase sempre pré-determinados pelos modelos temporais coletivos e pelas exigências de sincronização da sociedade.

A ideia de que vivemos um tempo de crise não é recente e pode ser relacionada à convicção que o próprio tempo que estaria fora do eixo: “o persistente tempo de crise é o resultado de uma crise do tempo” (ROSA, 2019, p. 28). Desde 1750, muito antes da

Revolução Industrial, já era possível encontrar escritos sobre a percepção de uma enorme aceleração do tempo e da história. O autor destaca que:

De forma análoga ao paradoxal duplo diagnóstico, simultâneo, da aceleração da transformação social e da identificação do desenvolvimento social é possível encontrar na história da Modernidade queixas periódicas a respeito do aumento da velocidade da vida, e de um ritmo de vida cada vez mais acelerado, aos quais são relacionadas diversas características adoecedoras, sobretudo na forma de nervosismo e sobrecarga. (ROSA, 2019, p. 32).

É possível constatar que aspectos depressivos tão presentes em nossa sociedade podem estar relacionados às exigências da aceleração, impossíveis de serem satisfeitas. A sociedade moderna apresenta seus processos sistêmicos, rápidos demais para os sujeitos. Dessa forma,

Isso levaria à perda da capacidade de integração da própria vida de forma narrativa em um passado provedor de referências e em um futuro provedor de sentido, e da capacidade de se obter, assim, uma orientação duradoura, ao menos de médio prazo, para ações futuras. (ROSA, 2019, p. 37).

A aceleração do tempo impacta de forma profunda a sociedade, acarretando alienação e dessincronização. É importante perceber que algo que inicialmente estaria relacionado ao progresso (tecnologia, conhecimento, evolução) nos faz sempre estar inovando e acelerando nesse momento social, para simplesmente não ficarmos para trás.

A escolha profissional é um desafio que faz parte desse cenário. Como escolher em um mercado de trabalho marcado pelo neoliberalismo e aceleração do tempo? Um olhar crítico para essa sociedade permite questionar a realidade e, dessa forma, desempenhar papel de agente de mudanças. A formação educacional tem papel primordial na constituição do sujeito; sua trajetória escolar, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, pode contribuir para que desenvolva uma visão mais crítica e sistêmica ou apoie uma condição de alienação – e, conseqüentemente, pode interferir positiva ou negativamente em seus processos decisórios.

2.3.3 A formação para o mercado de trabalho

A formação escolar é um dos aspectos que podem interferir sobre a configuração da escolha profissional. O que se vive durante a trajetória até o Ensino Médio impacta no processo decisório do curso superior. Pode-se considerar que, quanto mais acesso à uma

formação integrada e interdisciplinar, maior será a possibilidade de articulação reflexões mais conscientes.

Dessa forma, é importante analisar os processos educacionais e refletir sobre o impacto do capitalismo sobre a formação dos trabalhadores. Marcado pela divisão de classes sociais, o capitalismo foi fomentado por uma educação reducionista e gerenciada por uma classe dominante, que refletiu em uma pedagogia focada no aprendizado de técnicas, desenvolvimento do trabalho em si e para o aumento na produtividade das corporações.

Enguita (1989) observa que, no contexto da carreira obsessiva e do domínio geral do discurso pela eficiência, ocorre a difusão de modelos educacionais nascidos na perspectiva capitalista. Nesse processo as escolas deveriam reconhecer a liderança do mundo empresarial. Para o autor, os processos educacionais são marcados por uma formação mecânica, focada em processos e distante da interdisciplinaridade. O principal impacto do capitalismo na educação é o investimento no preparo de mão de obra para as empresas. O autor defende que o objetivo não é uma formação de forma integrada e transformadora, mas formar para o desempenho de atividades pertinentes ao processo produtivo e com atitudes de disciplina e certa submissão ao próprio sistema (ENGUIITA, 1989).

Similarmente, Frigotto (2007) defende a ideia de que a ciência, a técnica e a tecnologia não são neutras e constituem forças de dominação e alienação, mas também podem ser elementos de emancipação. O projeto societário direcionará, assim o teor emancipatório ou alienador. Porém, no capitalismo, o trabalho se transformou em meio de produzir alienação e ampliação de capital dos proprietários dos meios de produção. Desse modo, “a ideologia das competências, da empregabilidade, da qualidade total e da formação técnico-profissional adestradora e fragmentada foi tomando ‘as mentes e os corações’ de professores e das classes populares. Trata-se da incorporação da ideologia neoliberal” (FRIGOTTO, 2007, p. 273). É possível analisar a existência de dois projetos de educação antagônicos: o do capital e seus intelectuais e o dos trabalhadores. Cabe frisar que, enquanto a educação da elite tem acesso à interdisciplinaridade, o trabalhador tem um cerceamento em seu processo educacional, limitado somente à formação profissionalizante.

De acordo com Nosella (2007), “se indagássemos sobre qual seria a categoria fundante e estruturante da fórmula pedagógico-escolar marxista, eu creio que deveríamos recorrer à categoria antropológica de liberdade plena para o homem, todos os homens” (p. 148). Portanto, a sociedade atual necessita de uma educação em que se formem homens para o “exercício pleno de sua interação com a natureza e com a sociedade” (p. 149). Dessa forma, deve oferecer atividades formativas com rigor disciplinar e outras para o exercício

responsável da liberdade e desenvolvimento dos talentos individuais: “o educador não pode jamais perder de vista o horizonte de liberdade plena, concreta e imanente como objetivo fundamental da educação” (NOSELLA, 2007, p. 150). Trata-se de uma tarefa complexa, considerando que os educadores podem ser produtos de uma formação alienante – e, por consequência, reprodutores dessa ideologia.

A análise da perspectiva do impacto da tecnologia sobre essas inter-relações é necessária. É fato que a tecnologia está presente no processo de mudanças sociais, que refletem e impactam de forma direta na construção de nossa sociedade. Podemos destacar os estudos dentro da área de Ciência, Tecnologia e Sociedade como responsáveis por questionar o desenvolvimento tecnológico e sua interface com os diversos campos da sociedade.

Segundo Linsingen, Bazzo e Pereira (2003), na visão clássica da ciência, acreditava-se que a busca era da verdade, contribuindo para o bem-estar social, mas esquecendo da sociedade. Nessa perspectiva, a ciência possuía sua autonomia inteiramente respeitada; o foco estava na eficácia técnica. A tecnologia era apresentada como neutra. Essa visão predominou após a Segunda Guerra Mundial, quando ocorreu um intenso otimismo acerca das possibilidades da ciência e tecnologia.

Dentro do processo de revisar a concepção da ciência e tecnologia, consideradas autônomas e neutras, Linsingen, Bazzo e Pereira (2003) destacam a importância da educação. O objetivo da educação CTS é a alfabetização científica e tecnológica, não direcionada a uma visão reducionista, tecnicista. É importante desenvolver uma concepção sistêmica e crítica, analisando aspectos sociais do impacto do desenvolvimento tecnológico e preparar os cidadãos para a participação nos processos decisórios sobre essa temática.

O professor e pesquisador Vaccarezza (2011) estuda a realidade complexa da América Latina, considerando a interface CTS justamente no ambiente que estamos inseridos. Ele questiona se a ciência seria integradora da sociedade ou apenas colaboradora do processo de fragmentação social. Destaca, assim, a importância de uma visão crítica, questionando as reais necessidades de desenvolvimento tecnológico e principalmente com o olhar na desigualdade e exclusão social.

Carvalho (1998) contribui à essa reflexão, colaborando com análises sobre o determinismo em diversas esferas, inclusive a tecnológica.

É importante considerar a interdependência dos fenômenos culturais, políticos, econômicos, ideológicos, religiosos, educacionais, jurídicos, tecnológicos e históricos, todos interagindo de formas diversas com o meio geográfico e com as características biológicas das pessoas que compõem os grupos sociais, para se ter uma melhor compreensão da sociedade humana. (CARVALHO, 1998, p. 90).

Na academia e nas escolas profissionais ocorre a fragmentação do conhecimento; cada disciplina é estudada de forma isolada, gerando uma visão limitada da realidade. É necessário o desenvolvimento de uma visão interdisciplinar. O conhecimento tecnológico se distanciou de outras áreas do conhecimento, especialmente a humanista. Dessa forma, fatores políticos e de desigualdade entre povos não foram considerados.

No mercado de trabalho, o desenvolvimento tecnológico gera a necessidade de novas qualificações e mudanças no perfil do trabalhador. As novas técnicas de gestão exigem mudanças comportamentais, às quais nem todos os trabalhadores estão preparados. O desemprego passa a ser uma grande questão social. Os avanços tecnológicos e as crises marcam o aumento do desemprego, até entre profissionais com nível de escolaridade superior, aumentando a terceirização e o crescimento do setor de serviços.

Para os estudiosos do campo CTS, a educação tecnológica deve desenvolver uma postura crítica, compreendendo os avanços tecnológicos como fatores de desenvolvimento de potencialidades nacionais de acordo com a necessidade de diversos grupos e não para atender os interesses de uma minoria. Trata-se de perceber a interação da tecnologia com todas as dimensões da sociedade, fazendo o resgate da interdisciplinaridade. Nessa análise devemos considerar que a educação deve ser a mediadora no processo de transformação social. É necessário sempre questionar o propósito da escola e pensar em formar, independente de classe ou outras condições de diferenças, sujeitos que tenham a capacidade crítica e com acesso à formação integral.

Mesmo repensando as práticas educacionais e aplicando métodos mais democráticos, é utópico considerar que não haverá conflito. Nesse caso, é possível fazer a seguinte relação: mesmo com o investimento nas reais necessidades de aprendizado, o sujeito irá se deparar com o mercado de trabalho – que poderá não acolher suas expectativas, geradas pela própria educação. Dessa forma salienta-se a importância de que a escola, embora faça parte e manifeste o contexto social, tenha uma postura reflexiva e desenvolva nos sujeitos esse olhar, para que tenham condições de analisar o cenário social, cultural e histórico em que estão inseridos.

Um olhar mais acurado permite perceber que, apesar de a educação ainda refletir processos de antagonismo social, é possível deparar-se com discussões em diversas instâncias sobre o papel da educação e a sua influência. As diferenças ideológicas estão mais manifestas, mas ainda não geram o processo de educação transformador e que possibilita maior autonomia aos sujeitos. Esse é um tema vasto e complexo, no qual é imprescindível analisar

aspectos pertinentes ao momento em que vivemos; interpretar a interferência mútua entre a educação, trabalho e sociedade constitui, assim, um desafio.

Com o intuito de integrar o desenvolvimento tecnológico aos aspectos ambientais, humanos e técnicos, é imprescindível a análise política dos aspectos relacionados às diferenças sociais que impactam nos processos educacionais e colaboram para a manutenção do sistema capitalista. Assim, poderemos exercer o papel de agentes de transformação; sob essa perspectiva, a academia deve ser sempre uma esfera que atue de forma direta para o estudo e implementação de práticas que favoreçam a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. São articulações que envolvem diversas esferas: social, política e educacional.

Direcionando a reflexão em relação especificamente ao campo de escolha da formação em nível superior, cabe ainda indagar: como podemos analisar o ensino superior no Brasil?

2.3.4 O Ensino Superior no Brasil

Jusevicius (2006), em sua tese orientada pelo professor González Rey intitulada *Subjetividade em sala de aula: a relação professor-aluno no Ensino Superior*, realiza uma breve discussão sobre o Ensino Superior no Brasil; suas reflexões sustentam, juntamente com os demais autores referenciados, a estruturação temporal das análises a seguir.

Jusevicius (2006) destaca que a trajetória do Ensino Superior no Brasil está articulada a fatores sociais, políticos e econômicos do país; considerando a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, é possível analisar que essa trajetória é influenciada e ao mesmo tempo influencia o contexto.

Até o século XVIII o governo português impediu a implantação do Ensino Superior no Brasil, por temer a possibilidade de libertação dos colonos. Segundo Meneghel (2001), os interessados em dar continuidade aos estudos dirigiam-se para Portugal e frequentavam a Universidade de Coimbra. Até esse período, somente a elite teve acesso a esse tipo de formação, marcada por diretrizes portuguesas.

Em 1808, com a chegada da família real no Brasil, foram fundadas as primeiras instituições de Ensino Superior, sendo elas: Escola de Cirurgia e Anatomia em Salvador; Escola de Anatomia e Cirurgia no Rio de Janeiro; e Academia de Marinha do Rio de Janeiro (MARTINS, 2002; MENEGHEL, 2001).

No período colonial e mesmo após a independência política de Portugal não houve interesse na criação de universidades, pois a ideia do Ensino Superior estava vinculada ao

modelo de formação profissional. Dessa forma, o modelo praticado foi baseado nas faculdades isoladas, com foco na educação superior da elite dirigente e em carreiras liberais (MARTINS, 2002). No Império, o Ensino Superior permaneceu administrado pelo poder central do estado. A descentralização ocorreu com a Constituição da República de 1891, que possibilitou aos governos estaduais e à iniciativa privada a implantação de suas instituições de ensino. As iniciativas privadas foram vinculadas aos movimentos das elites e confessionais católicas.

No ano de 1920 foi fundada a primeira universidade brasileira; anteriormente a esse período, as escolas permaneciam isoladas. A Universidade do Rio de Janeiro nasceu da unificação de três escolas: Escola Politécnica, Escola de Medicina e Faculdade de Direito. Entretanto, é possível destacar que o funcionamento das escolas permaneceu sem articulação e de forma isolada (MENEGHEL, 2001).

No ano de 1931 o governo provisório de Getúlio Vargas promoveu uma ampla reforma educacional, conhecida como Reforma Francisco Campos⁶, por meio do Decreto 19.851, de 11 de abril de 1931, que autorizava e regulamentava o funcionamento das Universidades. Houve a liberação da cobrança de anuidade, pois o ensino público não era gratuito. As universidades deveriam se organizar em torno de um núcleo constituído por uma escola de Filosofia, Ciência e Letras. A concepção direcionava um novo formato para as universidades, que deveriam ir além de um aglomerado de faculdades. É possível considerar esse como um novo marco para o Ensino Superior; entretanto, não foi de fato implementado (MENEGHEL, 2001).

O crescimento econômico e o processo de industrialização do período de 1945 a 1964 geraram o aumento da procura por escolarização para corresponder às necessidades do mercado com a visão de ascensão social. Esse fato colaborou para o aumento das instituições de Ensino Superior, incluindo as pertencentes à Igreja Católica, já que, por falta de recursos, o Estado criou subsídios para a iniciativa privada. Nesse mesmo período os movimentos estudantis e docentes se organizaram na defesa do ensino público, do modelo de universidade ao invés das escolas isoladas e da eliminação do setor privado. O movimento acabou sendo desmantelado no regime militar instalado em 1964, porém uma reforma universitária foi realizada em 1968 com a influência das ideias do movimento estudantil e de intelectuais (MARTINS, 2002).

A reforma promovida pela Lei 5.540/68 (BRASIL, 1968) decretou a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Entretanto, segundo Martins (2002) e

⁶ Francisco Campos foi o primeiro Ministro da Educação do Brasil.

Meneghel (2001), o que efetivamente ocorreu foi a proliferação dos estabelecimentos isolados e privados, além de poucas universidades particulares instituírem a produção científica. Apesar das ações, a universidade pública mantida pelo Estado não conseguiu atender toda a demanda pelo Ensino Superior, gerando excedentes de alunos aprovados no vestibular, mas que não eram admitidos por falta de vagas. Essa mesma lei também propôs a instalação e funcionamento de cursos profissionais de curta duração, com o objetivo de propiciar habilitações intermediárias de grau superior (BRASIL, 1968); nesse período surgiram também os Cursos Superiores de Tecnologia, que serão abordados adiante.

Nessa trajetória, desde 1968 até a década de 1980, houve o aumento no número das instituições privadas. Desse modo, apesar da idealização da democratização da educação, quem atendeu a essa demanda foram as instituições privadas. Mesmo com todas as divergências e questionamentos sobre a qualidade de ensino sempre presentes nas discussões sobre educação, é notável que durante o processo de transformação houve a ampliação da participação de outras camadas sociais além da elite. Porém o questionamento se refere à qualidade na formação dessa nova clientela.

Houve a expansão do Ensino Superior e a proliferação das instituições particulares; evidenciou-se, porém, a inadequação das instituições às exigências do mercado, a frustração das expectativas dessa nova clientela e problemas de evasão do Ensino Médio que ocasionaram a redução progressiva da busca pelo Ensino Superior iniciada na década de 1980.

A partir do ano de 2002 as discussões pertinentes às necessidades de reformas da educação superior se intensificaram e foram instituídos programas de inclusão. Mas o que desde essa época até os dias atuais está presente é a inquietação acerca da existência de ações para a garantia do acesso, porém a falta de apoio para a permanência dos estudantes.

Outro aspecto a ser considerado é se as reformas atendem à formação integral. Segundo Figueiredo (2005), a reforma implementada durante o governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), por exemplo, foi realizada à revelia das discussões sociais, de forma antidemocrática e direcionada pelo ideário neoliberal na educação. Esse ideário pode ser entendido com a exclusiva formação para atender às necessidades do mercado de trabalho.

O desafio atual é pensar e investir no Ensino Superior considerando seu contexto, envolto por brigas ideológicas e políticas. O governo atual, do presidente Jair Messias Bolsonaro, iniciado em janeiro de 2019, questiona a ocorrência de doutrinação e aparelhamento do Ensino Superior, principalmente das universidades públicas. A briga acaba sendo entre a ideologia de esquerda e o liberalismo. O presidente afirma que as universidades

públicas atendem questões político-partidárias de esquerda e adiciona à narrativa sua oposição à ideologia de gênero.

No que diz respeito à concepção da educação, o governo Bolsonaro entende a educação como forma de ascensão social e de libertação da doutrinação e reforço de valores como a defesa da família, a disciplina e a ordem. A concepção da universidade do governo é de uma universidade voltada ao mercado, marcada pela formação empreendedora e estreita relação com a iniciativa privada, autônoma do financiamento exclusivamente público e politicamente, enquanto sua comunidade não for contrária a esse ideário. (PEREIRA, 2019, p. 347-348).

Como é possível observar, o contexto social e político no Brasil contribuiu para a configuração do Ensino Superior, assim como a construção do significado da educação para nossa sociedade. É notável o paradoxo entre a educação capitalista elitizada e a ideologia de uma educação emancipatória, integral e transformadora. O ensino brasileiro é permeado por um processo meramente de transmissão de conhecimento marcado pela formação somente para a profissionalização. Essa lógica impacta de forma direta a constituição das escolhas do sujeito, restringindo seu repertório de conhecimento e vivências atrelados aos motivos relacionados ao processo decisório.

Embora seja um cenário complexo, o objetivo deste estudo não consiste em aprofundar análises sobre esse contexto. O que se mostra como relevante é a compreensão dos impactos dessa realidade específica sobre a constituição subjetiva dos sujeitos ao realizarem suas escolhas profissionais. Até que ponto nossos jovens articulam ideias e analisam as interfaces entre suas reais possibilidades de escolha *versus* questões baseadas nas necessidades do mercado de trabalho contemporâneo, através de uma formação limitada e apenas para atender às necessidades de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho? Independentemente de ideologias, o mais importante é que o processo de escolha seja permeado por uma profunda compreensão dos aspectos sociais, individuais, políticos e econômicos, sendo que o processo de formação escolar poderá colaborar ou não para essa dinâmica.

A seguir abordaremos mais detalhes sobre os Cursos Superiores de Tecnologia, opção de formação dos participantes desta pesquisa.

2.3.5 Os Cursos Superiores de Tecnologia no Brasil

A análise dos Cursos Superiores de Tecnologia no Brasil realizada neste tópico tem como intuito levantar aspectos relacionados à sua implantação e funcionamento. Os Cursos

Superiores de Tecnologia se enquadram na perspectiva da educação profissional. Por muito tempo, o Ensino Superior brasileiro afirmou-se pela formação da elite; entretanto, o aumento da exigência da titulação em nível superior para ingresso ao mercado de trabalho mobilizou mudanças no processo de ensino e a abertura para a participação de um novo público. As classes sociais menos privilegiadas começaram a sofrer com a cobrança de maior especialização frente às necessidades do mercado, impulsionadas por transformações tecnológicas.

As mudanças observadas no cenário econômico e produtivo, em nível mundial, sinalizam a utilização de tecnologias complexas agregadas à produção e à prestação de serviços, requerendo sólida educação formal para todos os trabalhadores. (FAVRETTO; MORETTO, 2013, p. 409).

Tais mudanças no modelo do Ensino Superior foram iniciadas durante o regime militar e com a Reforma Universitária de 1968. Com a proposta de implantação dos cursos profissionais de curta duração surgiram os Cursos Superiores de Tecnologia. Conforme já analisado, a partir dessa Reforma ocorreu a expansão da oferta de vagas por instituições particulares. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 (BRASIL, 1996) também direcionou ações para atender às necessidades do mercado:

Na década de 1990, entretanto, à luz das tendências neoliberais, observou-se a reordenação do Estado brasileiro, a qual, no que tange à educação, culminou, em 1996, com a promulgação da LDB. Ainda que a noção de formação do ser humano integral esteja presente nas diretrizes básicas da LDB, ao definir as diferentes finalidades do ensino superior, podemos dizer que as reformas embasaram-se nas mudanças econômicas impostas pela globalização, que exigia maior eficiência e produtividade dos trabalhadores. (FAVRETTO; MORETTO, 2013, p. 410).

Nesse período é possível perceber a forte influência da globalização na economia. Esse aspecto marcou a necessidade de flexibilização dos modelos das instituições de ensino e da formação da mão de obra que precisou atender à demanda das organizações. O mercado de trabalho, atingido por esse processo de maior competitividade e transformações tecnológicas, exigiu profissionais mais qualificados e conscientes da necessidade constante de aperfeiçoamento.

O novo modelo de educação profissional e tecnológico, nesse sentido, traduz uma tentativa de adequar a educação às novas demandas sociais. A ideia é estruturar um tipo de formação que capacite o aluno e/ou trabalhador a empregar-se e manter-se em atividade. Assim, a educação entra em cena como condição para a concorrência no mercado de trabalho e como garantia para a melhoria das condições econômicas. (FAVRETTO; MORETTO, 2013, p. 412-413).

A abertura propiciada pela LDB e as necessidades do contexto impulsionaram o aumento da oferta de graduações tecnológicas nas mais diversas áreas. É importante salientar a perspectiva de Pacheco, Pereira e Domingos Sobrinho (2009), que analisam a narrativa utilizada na ocasião focada não apenas no discurso de preparar os trabalhadores para os interesses do mercado de trabalho, mas destacam a importância do aumento do seu grau de escolaridade e sua participação na efetivação da democracia do Brasil. Segundo o Conselho Nacional da Educação, “a educação para o trabalho não tem sido convenientemente tratada pela sociedade brasileira que, em sua tradição, não lhe vem conferindo caráter universal, colocando-a fora da ótica do direito à educação e ao trabalho” (BRASIL, 2001, n.p.).

Evidencia-se, na discussão sobre o Ensino Superior, o investimento na formação para atender às determinações do mercado cada vez mais competitivo, em constantes mudanças e transformações. Especificamente sobre os cursos de graduação de tecnologia, destaca-se o expressivo aumento de ofertas de instituições, cursos e vagas. O panorama atual baseado no Censo da Educação Superior realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (Inep) no ano 2018 é apresentado no QUADRO 1:

QUADRO 1 – DADOS DO CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR (2018)

Descrição	Dados
Total de Instituições de Ensino Superior	2.537
Número de Instituições de Ensino Superior privadas	2.238 (88,2%)
Total de cursos de graduação oferecidos	37.962
Alunos que ingressaram em cursos de educação superior de graduação (2018)	3,4 milhões
Entre 2008 e 2018, aumento nas matrículas da Educação Superior	44,6% (de 5.843.322 para 8.451.748)
No período de 2008 a 2018, aumento de ingressantes nos Cursos Superiores de Tecnologia	102,9% (de 354.713 para 719.569)
Entre 2008 e 2018, aumento das matrículas nos Cursos Superiores de Tecnologia a distância	345% (de 127.619 para 568.873)
Entre 2008 e 2018, aumento das matrículas nos Cursos Superiores de Tecnologia presenciais	28,4% (de 412.032 para 529.193)
Entre 2008 a 2018, aumento dos concluintes dos Cursos Superiores de Tecnologia	94,6% (de 108.950 para 212.037)

FONTE: Elaborado a partir de Brasil (2018).

A análise dos dados permite refletir sobre os questionamentos realizados até o momento. A expressiva representatividade nas Instituições de Ensino Superior privadas, perfazendo 88,2% (2.238) das instituições que compõem a oferta de ensino, demonstra justamente o aumento do ensino privado para preencher uma lacuna deixada pelo ensino público. Dessa forma, apesar do discurso da ampliação do acesso, na realidade o jovem com menores condições de formação em sua trajetória escolar acaba por apresentar maior

dificuldade para ser aprovado no vestibular em uma instituição pública, notoriamente mais disputado que nas universidades particulares.

Mais um elemento importante é o aumento em 102,9% (de 354.713 para 719.569) dos ingressantes nos cursos tecnológicos no período de 2008 a 2018, demonstrando o interesse na formação direcionada para o mercado de trabalho. Esse aspecto evidencia a preocupação com a agilidade do processo formativo, a colocação no mercado ou a possibilidade de recolocação em atividades de interesse e maior ganho salarial.

Outro fator de destaque é o aumento, no mesmo período, de 345% (de 127.619 para 568.873) dos ingressantes nos cursos tecnológicos a distância; trata-se mais uma possibilidade de acesso ao Ensino Superior, com menor valor de mensalidade e sem a necessidade de deslocamento diário, podendo ser uma evidência da escolha pela maior facilidade em conciliar trabalho e estudos.

Nesse cenário, nosso olhar não é apenas de crítica com relação a essas opções de formação; é fato que muitos jovens estão tendo a possibilidade de acesso ao Ensino Superior que provavelmente não teriam no passado e que muitas instituições de ensino privadas ofertam bolsas de estudo e viabilizam o acesso. A análise deve ser articulada dentro dessa realidade; indaga-se, no entanto, o quanto o processo de formação está apenas vinculado às necessidades do mercado e respondendo às demandas do neoliberalismo – e, especificamente, o quanto os jovens conseguem analisar suas opções de escolha, considerando essas diversas interfaces.

Outra situação é o quanto, de fato, o mercado de trabalho está efetivamente absorvendo esses jovens após sua formação, ou apenas camuflando, por meio do ideal de uma formação no Ensino Superior, uma realidade de desemprego em massa e precarização do trabalho. Assim, justificam-se pesquisas voltadas a compreender a escolha por cursos tecnológicos, pelo aumento na busca por tal formação de Ensino Superior.

Destacamos, nesse momento, a importância do levantamento de estudos já realizados dentro da temática da escolha profissional, para favorecer o aprofundamento das análises da pesquisa em questão.

2.4 DIÁLOGO COM OS ESTUDOS: ESCOLHA PROFISSIONAL

Destaca-se a importância da revisão bibliográfica sobre a temática da pesquisa para subsidiar o aprofundamento de questões teóricas e análises de resultados encontrados previamente. No percurso desta pesquisa não foram encontrados estudos específicos sobre a

escolha profissional por Cursos Superiores de Tecnologia. Esse fator demonstra a importância da pesquisa em questão, que pretendeu contribuir para ampliação de perspectivas e olhares dentro do processo decisório de jovens que têm como decisão trilhar tal trajetória de formação.

Foram realizados levantamentos nas seguintes fontes: Portal de Periódicos da Capes, Plataforma Redalyc e Revista Brasileira de Orientação Profissional (RBOP). A prioridade foi o levantamento de estudos realizados dentro da realidade brasileira, pois nossa perspectiva volta-se à interface dessas condições específicas sociais, políticas, educacionais, culturais na subjetividade do sujeito e seu processo decisório dentro desse cenário; porém cabe destacar que, na busca com a utilização de palavras em português, possíveis estudos em outras localidades não foram descartados.

Apresenta-se inicialmente, os estudos levantados no Portal de Periódicos da Capes, destaca-se que foi utilizada a ferramenta CAFe⁷, disponibilizada pela Universidade Tecnológica do Paraná. Nessa plataforma, considerando sua maior amplitude, a revisão teve o objetivo de investigar os processos de escolha profissional de forma mais ampla, não restrito a universitários ou à abordagem da Psicologia Histórico-Cultural, tampouco aos sentidos subjetivos da escolha, o que reduziria o número de estudos analisados.

A busca foi realizada durante o mês de maio de 2020 com os descritores: (“escolha profissional” OR “escolha carreira”), a partir dos quais se obteve 429 artigos. A busca foi refinada com a inclusão do filtro dos últimos cinco anos (de 2015 a 2020), reduzindo os resultados para 158 artigos. Após esse filtro foi ainda aplicado o refinamento para periódicos revisados por pares, totalizando 117 artigos para a leitura dos resumos. Por meio desse processo foram selecionados apenas os artigos cujo tema se relacionava ao processo de escolha profissional; os artigos nos quais não foi possível a identificação de tópicos relacionados com a temática a partir do resumo foram selecionados para uma leitura mais detalhada. Obteve-se, assim, 18 artigos para análise. Após a leitura na íntegra e análise desses artigos, conforme a ênfase dos estudos foi possível categorizá-los em quatro temáticas centrais, sendo: processo de escolha; profissão específica; intervenção para a escolha; gênero e escolha profissional.

Na categoria *processo de escolha* (dez artigos), foram considerados os estudos em que a temática específica estava centralizada nos processos de escolha profissional; em

⁷ Comunidade Acadêmica Federada (CAFe) é um recurso disponibilizado pela UTFPR, que possibilita aos estudantes e docentes o acesso remoto ao conteúdo integral disponibilizado pelo Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

profissão específica (quatro artigos), a centralidade estava na escolha por determinadas profissões. A categoria *intervenção para a escolha* (dois artigos) abrangeu estudos baseados em ações direcionadas ao apoio para a escolha profissional. Por fim, a categoria *gênero e escolha profissional* (dois artigos) relaciona pesquisas que analisam o impacto das condições de gênero nessas escolhas.

É possível identificar que o campo de pesquisa dentro da temática *escolha profissional* é heterogêneo, com diferentes epistemologias e visões do ser humano. É um fator positivo, visto que proporciona articulações diferenciadas para a análise e orientação das escolhas; porém, de certa forma, demonstra a falta de um arcabouço teórico que dê sustentação ao trabalho mais coeso e integrado entre os pesquisadores da área. Para início das análises, o QUADRO 2 relaciona os estudos sobre *o processo de escolha*.

QUADRO 2 – O PROCESSO DE ESCOLHA

Ano	Autores	Título
2015	Sobrosa et al.	Influências percebidas na escolha profissional de jovens provenientes de classes socioeconômicas desfavorecidas
2015	Ambiel, Noronha e Carvalho	Analysis of the professional choice self-efficacy scale using the Rasch-Andrich rating scale model
2016	Chiocca, Favretto e Favretto	Escolha profissional: fatores que levam a cursar uma segunda graduação
2016	Ambiel e Noronha	Professional choice self-efficacy: predicting traits and personality profiles in high school students
2017	Jarpa-Arriagada e Rodríguez-Garcés	Segmentação e exclusão no Chile: o caso dos jovens de primeira geração no Ensino Superior
2018	Oliveira	Escolha profissional: uma visão humanista-existencial
2018	Grings, Kaieski e Jung	Fatores que influenciam a escolha do curso superior: a região do Paranhana/RS em questão
2018	Lima et al.	La precocidad en la toma de decisión sobre la elección la carrera universitaria
2018	Moreira e Ambiel	Antecedents and consequents of professional choice self-efficacy: a study with Brazilian students
2019	Ambiel et al.	Predição da definição da escolha vocacional a partir de variáveis familiares

FONTE: A autora (2021).

Nessa categoria, a partir da leitura dos artigos foram alocados os estudos focados na compreensão do processo decisório e fatores que influenciam a escolha profissional. Os estudos de Sobrosa et al. (2015), Jarpa-Arriaga e Rodríguez-Garcés (2017) destacam a influência dos fatores sociais e econômicos.

O artigo de Sobrosa et al. (2015) teve como objetivo compreender as percepções de jovens de classes socioeconômicas desfavorecidas sobre a influência de seus genitores no processo de escolha profissional. Realizou a análise entre a relação de fatores econômicos e familiares, mais especificamente da influência dos pais. A pesquisa foi realizada por meio de

questionário com questões abertas e fechadas, aplicado em 200 alunos das três séries do Ensino Médio que frequentavam duas escolas públicas do interior do Rio Grande do Sul. É realizada a análise da influência dos pais e aspectos econômicos na escolha da profissão dos filhos, salientando que “jovens pertencentes a classes desfavorecidas muitas vezes abandonam sua primeira opção profissional em detrimento de uma escolha mais próxima de sua realidade socioeconômica” (p. 319); nesse sentido, os autores defendem que “de maneira geral, a literatura assinala que a inserção dos jovens brasileiros oriundos de classes socioeconômicas desfavorecidas no âmbito profissional tende a ocorrer de maneira precária e difícil” (p. 319).

Dessa forma, o ambiente que os jovens estão inseridos influencia na tomada de decisão profissional, assim como o meio social também sofre alterações dentro dessa dialética. A relação que os pais possuem com o trabalho e mesmo suas restrições de visão e acesso às informações exercem influência sobre a percepção de seus filhos:

Além disso, pais provenientes de classes socioeconômicas desfavorecidas tendem a apresentar dificuldades em perceber o trabalho como fonte de satisfação, pois, frequentemente, realizam trabalhos com baixa remuneração e reconhecimento. O contato com situações de insegurança profissional e a exposição a discursos negativos sobre o mundo trabalho, possivelmente experienciados nesses ambientes familiares, podem diminuir o investimento escolar do indivíduo. Isso pode fazer com que os jovens resistam em se envolver em projetos que demandam persistência, como o processo de exploração vocacional. (SOBROSA et al., 2015, p. 319).

O estudo de Sobrosa et al. (2015) defende que conhecer as percepções acerca das influências sofridas por esses jovens pode colaborar para o desenho de intervenções em orientação profissional mais adequadas à essa realidade, pois os jovens em condições econômicas desfavorecidas com frequência demandam inserção imediata no mercado de trabalho e auxílio no planejamento do projeto de vida profissional, indicando a necessidade de modelo diferenciado do atendimento tradicional que é realizado para jovens pertencentes a classes mais abastadas. Os resultados obtidos demonstram que, apesar de a teoria defender a influência dos genitores nas decisões de carreira dos jovens, a maioria dos participantes nega ter sofrido influência de alguém para sua escolha (SOBROSA et al., 2015). Pode-se pontuar que a percepção dos jovens foi obtida por meio de uma pergunta fechada e pontual, demonstrando a necessidade de novas pesquisas e até mesmo práticas para trabalhar a ampliação da visão desses jovens. Destaca-se que, mesmo sem intenção, as conversas estabelecidas entre filhos e pais sobre seus empregos e satisfação com estes transmitem valores relacionados ao mercado de trabalho e que de certa forma, são considerados pelos jovens ao estabelecer seus planos de futuro.

O artigo de Jarpa-Arriaga e Rodríguez-Garcés (2017) relata um estudo realizado no Chile. Como exposto anteriormente, apesar da priorização de estudos nacionais e a busca realizada com palavras em português, não foram desconsiderados os artigos listados e que estavam dentro da temática da escolha profissional. A perspectiva de análise, assim como a de Sobrosa et al. (2015), busca relacionar as influências sociais e familiares no processo decisório. Realiza a análise dos jovens nomeados de primeira geração e o acesso à universidade. Os jovens de primeira geração são os que seus pais não cursaram o Ensino Superior.

Jarpa-Arriaga e Rodríguez-Garcés (2017) ressaltam que o sistema educacional chileno discrimina os menos favorecidos. O artigo utiliza a teoria do sociólogo francês Pierre Bourdieu para a análise do comportamento dos jovens, que são considerados condicionados pelo *habitus*, pois a segregação escolar limita a livre escolha devido às restrições econômicas e sociais que são permeadas pelo *habitus*, fruto de um capital cultural restritivo. Dessa forma, apesar da massificação e da diversificação da educação superior, os jovens da primeira geração alcançam 21% de êxito no acesso às vagas da universidade; em contrapartida, os jovens considerados continuístas, que já possuem pais que cursaram o Ensino Superior, alcançaram 42% de êxito. Seis em cada dez jovens que participam do processo de admissão para a universidade pública chilena são de primeira geração. A pesquisa utilizou as bases de dados dos processos do Sistema Único de Admissão no Ensino Superior (SUA) no período de 2000 a 2015. Os autores argumentam que os jovens atuam condicionados por um *habitus* e escolhem carreiras que não necessariamente são de sua preferência e se concentram em programas de menor seletividade como expressão da conformidade (JARPA-ARRIAGA; RODRÍGUEZ-GARCÉS, 2017).

Grings, Kaieski e Jung (2018) apresentam os resultados de uma pesquisa que investigou e analisou os fatores que influenciam os jovens concluintes do Ensino Médio na escolha profissional e do curso de graduação, da região do Paranhana no Rio Grande do Sul. Participaram do estudo um total de 1.338 alunos, sendo que 13% estudavam em escolas particulares e 87% em escolhas públicas. O levantamento dos dados foi realizado por meio de um questionário com nove perguntas, abertas e fechadas. De acordo com a revisão de literatura dos autores, vários estudos afirmam que o jovem sofre com o sentimento de indecisão e a família exerce influência em suas escolhas. Porém, na pesquisa é demonstrado que a maioria dos alunos pesquisados já realizou a escolha profissional, sendo que a realização pessoal foi fator decisivo, e não a família. O artigo reforça os estudos de pesquisadores como Dias e Soares (2009), que afirmam que “as constantes mudanças no

mundo do trabalho, somadas a um aumento expressivo da oferta de cursos de nível superior no Brasil, podem contribuir para tornar a escolha profissional um desafio ainda maior” (p. 66).

O estudo de Grings, Kaieski e Jung (2018) afirma que a escolha profissional não pode ser considerada um ato normal, corriqueiro, é uma decisão que pode gerar frustração. O questionamento é se seria possível o jovem fazer uma escolha consciente se ainda não conhece a si mesmo. Ao ingressar no Ensino Superior o jovem se vê em um mundo novo, frente a uma nova realidade e se sente sozinho e abandonado, diferentemente do Ensino Médio. A falta de apoio pessoal reflete no rendimento escolar. Os autores defendem que a orientação profissional poderia ocupar lugar no meio acadêmico e auxiliar o jovem a efetuar escolhas de maneira consciente. Porém, a orientação profissional ainda não faz parte das grades curriculares da maioria das escolas brasileiras.

Os fatores da escolha indicados pelos participantes da pesquisa de Grings, Kaieski e Jung (2018) são: 398 alunos (40,32%) apontam a atuação no mercado como o fator principal da escolha profissional; 360 alunos (36,47%), a realização pessoal; 91,79% demonstraram interesse em realizar um curso superior e 8,21% responderam que não querem cursar o Ensino Superior. Na escolha do curso de graduação, para 694 alunos (80,23%) o fator de maior influência é realização pessoal e a empregabilidade representa somente 103 respostas (11,91%). De acordo com os autores, o confronto dos achados da pesquisa com a literatura sugere que o jovem esteja manifestando “seus desejos e sonhos” ao apontar os motivos de suas escolhas profissionais, mas a realidade pode se manifestar de forma diferente de seus desejos e por muitas vezes, percebe-se trocas de curso. Assim, o desafio é constante em auxiliar os jovens para uma satisfatória tomada de decisão.

O estudo de Chiocca, Favretto e Favretto (2016), por sua vez, aborda justamente a escolha por uma segunda graduação, procurando compreender os motivos da reescolha. A pesquisa foi realizada com 12 acadêmicos da Universidade de Contestado, Campus de Concórdia-SC, nos cursos de graduação em Administração, Ciências Contábeis, Direito, Ciências Biológicas, Sistemas de Informação, Engenharia Civil, Engenharia Ambiental e Sanitária, Psicologia e Fisioterapia. O instrumento utilizado para coleta de dados foi um roteiro de entrevista com cinco questões, sobre o significado do trabalho na vida dos pesquisados e questões de escolha profissional relacionadas à segunda graduação.

O artigo destaca a importância que a escolha profissional tem na vida das pessoas, o aumento do número de opções oferecidas e o mercado de trabalho mais competitivo e exigente, assim como a necessidade de maior capacitação e eficiência dos profissionais.

Defende que geralmente a escolha inicial é envolvida por falta de informação sobre os diversos cursos e as diversas opções de profissões. Além disso, o trabalho ocupa lugar central na vida das pessoas e no funcionamento da sociedade, sendo uma das principais fontes de significado; assim, a reescolha profissional ocorre na busca de inserção no mercado de trabalho e da própria realização pessoal (CHIOCCA; FAVRETTO; FAVRETTO, 2016).

Para Chiocca, Favretto e Favretto (2016), o mercado de trabalho contemporâneo exige um novo posicionamento perante as escolhas profissionais, que vai além do momento específico que a escolha foi realizada e se estende às contínuas reflexões, reposicionamentos e busca contínua de conhecimento durante toda a vida profissional. O estudo elenca, dentre os motivos para reescolha, aspectos relacionados à maturidade, busca de novos conhecimentos, complementação da primeira graduação e autorrealização.

Já no artigo de Oliveira (2018), a análise da escolha profissional é realizada dentro da abordagem humanista-existencial, a partir de uma revisão teórica conceitual. O autor ressalta que a escolha profissional é um momento de decisão e de muitos conflitos. Defende que é um momento de urgência que acontece após o encerramento do Ensino Médio, no qual o jovem é levado a escolher uma carreira profissional, recebendo pressões relacionadas aos anseios e idealizações dos familiares, pela sua estória de vida e sua vivência na sociedade.

O estudo de Oliveira (2018) argumenta que a futura escolha profissional resulta do processo iniciado na infância e se transforma conforme a personalidade do sujeito vai se formando; salienta, dessa forma, a necessidade de ter calma, viver as experiências e interrogações de cada momento. A fase da adolescência é marcada por profundas mudanças físicas e psicológicas e tanto mais complexa a realidade sócio-histórico-cultural do jovem maior será sua dificuldade de amadurecimento. Assim, Oliveira (2018) indica que a construção da identidade facilitará o encontro do caminho vocacional. A construção desse caminho é um mergulho em si mesmo. Frente a essa realidade, o autor ressalta a contribuição da Fenomenologia:

No que se refere à escolha profissional, torna-se necessária reconhecer a pessoa como ser na sua totalidade, corpo e mente, como também à presença do psicólogo nas escolas, devido ao processo de escolha estar permeado pela influência da estória de vida de cada pessoa, a partir do que introjeta suas experiências e relações sociais. Neste sentido a fenomenologia e a percepção de Edith Stein, como suporte aqueles que escolhem, pois reconhece o ser humano com um todo, reconhecendo o momento de extrema angústia, assim reconhecendo as possibilidades do vir-a-ser. Deste modo a orientação vocacional torna-se necessária como auxílio, ajudando a pré-vestibulandos a terem maior clareza e maturidade diante das escolhas e da profissão que almeja. (OLIVEIRA, 2018, p. 6).

Lima, Iñiguez-Rueda e Nanclares (2018) apresentam estudo realizado com 14 alunos do curso de Psicologia de uma universidade espanhola. A pesquisa foi desenvolvida em parceria com pesquisadores da Universidade Federal da Bahia. O objetivo foi problematizar o processo de escolha profissional em diferentes faixas etárias. A análise é realizada dentro da abordagem da psicologia construcionista social e das noções de Pierre Bourdieu sobre *habitus*, espaço de possibilidades e espaço social. Os estudantes participantes da pesquisa eram de idades diferentes, com diversos tipos de acesso à universidade. Foram realizadas entrevistas narrativas e identificadas três tipos de trajetórias acadêmicas, conforme a idade de ingresso na universidade, sendo: precoce (idade entre 18 e 19 anos), intermediária (idade entre 20 e 25 anos) e tardia (mais de 35 anos). Os autores salientam a existência de estudos que destacam a precocidade da escolha como um fator de evasão, sendo que é responsabilidade da instituição escolar ajudar os alunos em suas trajetórias profissionais.

As análises demonstraram que as trajetórias entre os três tipos não são muito diferentes, porém se percebe uma característica sutil e gradual ligada às experiências anteriores ao ingresso à universidade, que faz com que os alunos (intermediária e tardia) estabeleçam uma posição mais crítica com relação ao ensino superior. Conclui-se que o desconhecimento e dificuldades no processo são independentes da idade, porém a situação é agravada pelos princípios da seletividade para o ingresso na universidade, no qual os alunos da classe popular e média enfrentam de forma desigual as situações de entrada e permanência no espaço universitário (LIMA; IÑIGUEZ-RUEDA; NANCLARES, 2018).

Em conjunto com outros pesquisadores, o professor Ambiel (AMBIEL; NORONHA, 2016; AMBIEL; NORONHA; CARVALHO, 2015; AMBIEL et al., 2019) apresenta estudos sob a perspectiva da teoria social cognitiva acerca do desenvolvimento de carreira, focalizadas no conceito da autoeficácia⁸. Assim, com um olhar mais diretivo de análise, o autor utiliza-se de diversas escalas e testes com fatores diversos de impacto no processo de escolha para avaliar aspectos preditivos. Dentre os quatro artigos listados, três são em língua inglesa, direcionados à amplitude internacional e à promoção da ideia de que os profissionais da área de orientação profissional precisam estar qualificados para utilizar instrumentos de avaliação e técnicas com respaldo científico. Dessa forma, promovem estudos para aprimoramento de técnicas e instrumentos dentro da área.

⁸ Segundo Moreira e Ambiel (2018), a autoeficácia é a forma como o sujeito se percebe capaz para organizar e executar determinadas ações a partir do reconhecimento e capacidade de adquirir suas habilidades; trata-se de um conceito dentro da Teoria Social Cognitiva (TSC) de Bandura (1986, apud MOREIRA; AMBIEL, 2018).

Dentro da categoria de análise de escolha por *profissão específica*, foram analisados quatro artigos, conforme mostra o QUADRO 3.

QUADRO 3 – PROFISSÃO ESPECÍFICA

Ano	Autores	Título
2016	Gallert e Tacca	Escolha profissional e perspectivas de futuro na docência: uma análise a partir da subjetividade dos professores
2016	Teodosio e Padilha	“Ser enfermeiro”: escolha profissional e a construção dos processos identitários (anos 1970)
2016	Hsiao e Nova	Abordagem geracional dos fatores que influenciam a escolha de carreira em contabilidade
2018	Silva, Ribeiro e Malta	Tipos e sentidos de motivação para a escolha do curso de licenciatura

FONTE: A autora (2021).

Nessa categoria constam os artigos que analisam aspectos relacionados à escolha de uma profissão específica, sendo: professor e cursos de licenciatura (docência), enfermagem e contabilidade.

O estudo de Gallert e Tacca (2016) versa sobre a produção de sentidos subjetivos de professores frente às adversidades da profissão – justamente a perspectiva teórica de análise desta pesquisa. O objetivo do estudo é identificar expectativas, realizações e frustrações referentes à escolha profissional e perspectivas de futuro de professores. A pesquisa foi realizada com 11 professores do Ensino Fundamental em uma escola pública de Palmas-TO. A temática é abordada sob a perspectiva da Teoria da Subjetividade de González Rey. A subjetividade é definida como “um sistema complexo, singular e contraditório, que se constitui no curso da história de vida de cada pessoa e está em constante movimento a partir da contínua e processual produção de sentidos subjetivos” (GALLERT; TACCA, 2016, p. 424).

Fundamentada nos pressupostos da epistemologia qualitativa e de caráter construtivo-interpretativo, a pesquisa de Gallert e Tacca (2016) colabora com a análise de aspectos relacionados à escolha profissional de professores que estão no campo de trabalho. Apresenta a visão do processo de escolha de forma dialética e complexa, relacionada à subjetividade social e individual das pessoas:

O processo de escolha da profissão acontece a partir de inúmeras situações na vida das pessoas, as quais podem levar ao sentimento de motivação ou desmotivação em relação ao trabalho que realizam. A vivência desse sentimento se constitui de maneira dinâmica, pois se relaciona também com as circunstâncias que acontecem no cotidiano da profissão. Às vezes as pessoas sentem-se motivadas em relação a escolha, porém acontecem situações que as decepcionam. Noutros casos as pessoas sentem-se inicialmente desmotivadas e esse sentimento muda em função das experiências que vivenciam. (GALLERT; TACCA, 2016, p. 425).

O estudo identificou três motivos para escolha pela carreira de professor: influência da família, falta de oportunidades de trabalho em outras áreas e opção pessoal pelo magistério (GALLERT; TACCA, 2016). A conclusão é centrada na ideia de que o processo da escolha profissional e a singularidade da história de vida de cada pessoa são fatores que interferem na vivência do cotidiano da profissão desses professores. Segundo os autores,

Os diferentes caminhos percorridos por cada um dos onze professores que analisamos e suas perspectivas de futuro evidenciam a complexidade do trabalho realizado na escola, pois são pessoas que pensam, vivem e sentem a sua profissão de maneiras singulares, únicas, diferentes. (GALLERT; TACCA, 2016, p. 440).

Silva, Ribeiro e Malta (2018) também pesquisaram a carreira docente, direcionando o foco de análise para as representações sociais de estudantes e para os tipos e sentidos da motivação pela escolha pelos cursos de licenciatura. A base teórica está alicerçada em contribuições de Arruda, Bezerra e Cerdeira, Dubar, Martins e Moscovici. O estudo envolveu 77 estudantes de uma universidade pública da Bahia, dos cursos de licenciatura em Geografia, Letras, Música e Química. Para os autores, “diante de uma conjuntura complexa e contraditória, na qual se valoriza mais a aparência e o status social, a procura pela carreira docente tem diminuído quando se busca o ingresso no Ensino Superior” (SILVA; RIBEIRO; MALTA, 2018, p. 744). Assim como a interferência da representação do curso superior construída pelo grupo social que o sujeito está inserido, os autores consideram que no processo de escolha:

Há diversos elementos que influenciam nesse processo, inclusive pondo em xeque a própria concepção do que se adota por escolha. Nem sempre é o próprio sujeito que a faz por suas razões próprias, por sua vontade e desejo. Nessa lógica, a escolha passa de uma dimensão pessoal para ancorar-se na representação do curso construída pelo grupo social em que o sujeito está inserido. É o que se pensa de uma área, de uma profissão e o que ela pode promover aos olhos da sociedade o que determina por vezes a escolha de um curso. (SILVA; RIBEIRO; MALTA, 2018, p. 743).

Dessa forma, o aporte teórico da Teoria das Representações Sociais “tem o potencial de reconhecer que as escolhas pela profissão e o processo identitário docente são forjados, engendrados e partilhados nos grupos sociais aos quais os indivíduos pertencem” (SILVA; RIBEIRO; MALTA, 2016, p. 745). Os autores consideram que, sobretudo na realização de um curso universitário, o individual e o imaginário coletivo se entrecruzam e se entrelaçam de forma reflexiva, ocasionando a produção de uma identidade profissional atravessada pela dimensão pessoal e pelo sistema social da qual faz parte. O estudo conclui que há dois tipos de motivação para a escolha: uma intrínseca, relacionada à vontade, ao desejo e ao gosto; e

outra marcada por influências externas, como pressões e recompensas para uma colocação no mercado de trabalho. Constatam, assim, que a profissão docente é valorizada sob a justificativa de ser a base de formação de todas as outras profissões (SILVA; RIBEIRO; MALTA, 2016).

Teodosio e Padilha (2016) analisam fatores que influenciaram a escolha pela carreira de enfermagem de egressos da primeira turma do curso de graduação em Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos anos 1970. Foram entrevistados 17 egressos. O estudo utilizou a perspectiva teórica sócio-histórica para compreender os sentidos e significados de ser enfermeiro na época da opção pela profissão e sua construção identitária. A pesquisa é qualitativa e utilizou a história oral para coleta de dados. Apoiar-se nos pressupostos dos processos identitários de Claude Dubar, em que a premissa é que “as formas identitárias são construídas e/ou reconstruídas pelos processos de socialização que os sujeitos estabelecem na família, nos processos de formação e de trabalho”, (TEODOSIO; PADILHA, 2016, p. 429). A análise acerca da dialética entre memória e identidade apoia-se no referencial teórico de Joël Candau, que defende que a memória é responsável pelo fortalecimento da identidade, nos níveis individual e coletivo. Destaca-se a importância da formação universitária na construção da identidade profissional:

A formação universitária, à medida que institui elementos ativos na constituição de um grupo profissional e por acompanhar todas as modificações do trabalho e do emprego, intervém na construção da identidade profissional por muito tempo, além do período escolar. (TEODOSIO; PADILHA, 2016, p. 429).

O estudo conclui que a escolha profissional dos participantes foi marcada pela influência familiar e pela expectativa de trabalho, indicando que o curso de Enfermagem influenciou a construção de identidade profissional dos sujeitos (TEODOSIO; PADILHA, 2016).

Hsiao e Nova (2016) pesquisaram fatores de influência na escolha da carreira de Contabilidade na geração Y⁹, utilizando a Teoria Geracional de Mannheim, bem como literatura referente à escolha de carreira e as discussões de Boltanski e Chiapello sobre o novo espírito do capitalismo. A amostra foi composta por 665 alunos do Ensino Médio que participaram de uma feira de carreiras na Universidade de São Paulo. A opção por pesquisar o

⁹ A geração Y é caracterizada como ávida pelo consumo de novas tecnologias, à procura de recompensas e resultados imediatos, prezando pela autonomia e equilíbrio entre vida pessoal, profissional e propensos a multitarefas (HSIAO; NOVA, 2016).

curso de Contabilidade reflete a preocupação da comunidade acadêmica sobre o menor nível de qualificação educacional dos estudantes dessa área.

Os resultados apontaram que a escolha pela carreira de Contabilidade foi influenciada por fatores como: criatividade; independência; ambiente desafiador e dinâmico; segurança e disponibilidade de emprego; geração de dinheiro; e pessoas importantes, como amigos e professores. Não houve constatação da influência de fatores sociais, como trabalhar com pessoas, proporcionar contribuições sociais e para a família. Os participantes manifestaram desejo de maior autonomia, criatividade e flexibilidade no trabalho, bem como a preocupação com a segurança no emprego e geração de dinheiro (HSIAO; NOVA, 2016).

Na categoria *intervenção para a escolha*, constam dois estudos que relatam estratégias para apoiar o processo de escolha de estudantes do Ensino Médio sobre possibilidades e perspectivas dentro da educação superior, conforme sumaria o QUADRO 4.

QUADRO 4 – INTERVENÇÃO PARA A ESCOLHA

Ano	Autores	Título
2016	Zatti et al.	Cursos e profissões: conhecendo possibilidades para a escolha profissional
2018	Falcão e Caldas	Diálogos sobre a escolha profissional: a aproximação entre o estudante da escola pública de ensino médio e a universidade

FONTE: A autora (2021).

Zatti et al. (2016) apresentam um projeto de extensão realizado com estudantes concluintes do Ensino Médio de escolas públicas de um município do norte do Rio Grande do Sul, tendo a participação de 459 alunos. O objetivo foi oferecer informações sobre os cursos ofertados por um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, visando o auxílio no processo de escolha profissional e a redução dos índices de evasão relacionados à falta de conhecimento do curso escolhido.

De acordo com o estudo, a literatura revela informações sobre cursos e profissões como elementos que contribuem para escolhas profissionais acertadas. Indica também que a fluidez do mercado de trabalho e as circunscrições das profissões transformaram o processo de escolha, tornando-a mais complexa. Foram organizadas visitas à instituição de ensino, com palestras e apresentação de vídeo institucional, nas quais docentes das áreas específicas realizaram explicações sobre os cursos e abertura para questionamentos. Os autores ressaltam a existência de certo desconhecimento na comunidade local sobre a instituição de ensino e de seus cursos, o que dificulta o acesso. Esse desconhecimento também é evidenciado nos estudantes que ingressam na instituição, o que gera dificuldades e resulta no abandono do curso (ZATTI et al., 2016).

Os autores afirmam que,

[...] de acordo com o Ministério da Educação e Cultura (2015), a segunda metade do século XX foi marcada por uma expansão sem precedentes da demanda e da oferta de cursos de educação superior, ligadas tanto à valorização do saber acadêmico pelo mercado de trabalho quanto ao crescimento da importância da pesquisa acadêmica. (ZATTI et al., 2016, p. 23).

Entretanto, segundo Zatti et al. (2016), não ocorre a disseminação das informações e possibilidades. O desafio é a aproximação das instituições de Ensino Superior da comunidade, principalmente no interior dos estados brasileiros; assim, os sujeitos poderão conhecer e se apropriar das oportunidades de formação disponíveis.

Segundo o estudo, a demanda por qualificação profissional no atual mercado de trabalho impulsionou a expansão da oferta da educação pública – inclusive em regiões anteriormente sem assistência – e facilitou a democratização do acesso. O desafio atual está estabelecido em um novo cenário, com diferentes atores e estruturas. Destaca-se a importância da aproximação das instituições de ensino com a comunidade. Avalia-se de forma positiva os resultados do projeto, pois por meio de um questionário de avaliação constatou-se que ocorreu a interação proposta entre comunidade e instituição, assim como o auxílio no processo de escolha profissional através de informações sobre as possíveis oportunidades oferecidas pela instituição da rede federal de educação técnica, científica e tecnológica (ZATTI et al., 2016).

A pesquisa de Falcão e Caldas (2018) também compartilha a mesma perspectiva de aproximação entre a instituição de Ensino Superior e jovens do Ensino Médio, apresentando um projeto de extensão realizado pela Universidade Federal do Amazonas em escolas públicas da Rede Estadual do Amazonas. Foram realizadas reuniões, encontros de estudo, rodas de conversa e palestras, bem como a construção de um mural informativo. Os métodos privilegiaram o diálogo e a compreensão que os estudantes são sujeitos da ação educativa. Os autores defendem que:

Ocorre que os projetos juvenis no campo das escolhas profissionais nem sempre têm sido incorporados às práticas pedagógicas das escolas. Na maior parte dos casos, quando o tema da escolha profissional adentra no ambiente escolar, restringe-se à busca de soluções operacionais para a adequação dos conteúdos da formação escolar às exigências do mercado de trabalho. (FALCÃO; CALDAS, 2018, p. 149).

Após uma experiência piloto com 230 estudantes, o projeto foi realizado com 1036 estudantes participantes. Constatou-se a pertinência do projeto, que foi fundamentado no

debate entre a educação e o mercado de trabalho, defendendo a atuação dentro do olhar da dialética, em que “o pensar dialético reconhece a importância das subjetividades na história das sociedades, para além do pensar dogmático e estanque” (FALCÃO; CALDAS, 2018, p. 151).

A última categorização realizada com os artigos levantados na Plataforma Capes é constituída por estudos que analisam questões de *gênero e escolha profissional*, conforme mostra o QUADRO 5.

QUADRO 5 – GÊNERO E ESCOLHA PROFISSIONAL

Ano	Autores	Título
2015	Ataíde	O papel das representações culturais na construção da identidade e da escolha profissional docente por mulheres
2017	Lima et al.	A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional

FONTE: A autora (2021).

Ataíde (2015) faz alusão ao papel das representações culturais na identidade e escolha pela docência por mulheres. Divide o estudo em: retrospectiva do papel da mulher na sociedade; docência e processo de construção da identidade profissional; alusão à identidade; e escolha da profissão docente sob a ótica das representações das mulheres professoras. Os fundamentos teóricos são centralizados na teoria das representações em Chartier, da identidade em Dubar e da profissão docente em Nóvoa. Utilizou, como método, grupos focais com práticas de leitura e produção de textos. A compreensão do autor é a de que:

[...] a maneira como estão organizadas as relações de gênero, em que os papéis e os comportamentos sociais são marcados historicamente pela situação de desigualdade da mulher em relação ao homem, acaba por reforçar essa situação na sociedade, bem como incide sobre a identidade e a escolha da docência como profissão, principalmente, em se tratando da educação infantil e do ensino fundamental. (ATAÍDE, 2015, p. 144).

O autor destaca a relevância de refletir sobre o papel da mulher e do homem na sociedade, que considera marcada pelo determinismo biológico e que demonstra tendência em justificar como algo natural as diferenças de comportamento e de desempenho de papéis sociais diferentes conforme o gênero. A conclusão é que as participantes da pesquisa acreditam nas características inerentes ao gênero, colocam que as mulheres possuem um perfil para ensinar crianças e os homens para ensinar alunos maiores ou adultos (ATAÍDE, 2015).

Lima et al. (2017) realizaram revisão bibliográfica sobre a influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. O estudo propõe que a educação sexista

que ocorre dentro e fora das escolas contribui para a (re)produção por homens e mulheres de lugares sociais diferentes a partir da atribuição de papéis sociais de gênero, sendo que esse processo leva a construção de formas de escolha inclusive relacionadas ao trabalho:

Constatou-se a importância da reflexão e da discussão sobre questões de gênero no tocante aos interesses e escolhas profissionais e a consequente produção de novos estudos sobre o tema, já que as desigualdades de gênero vividas na sociedade e, portanto, nas organizações de trabalho, limitam escolhas, relações, o desenvolvimento e, podem prejudicar a saúde das pessoas. (LIMA et al., 2017, p. 33).

Com o objetivo de analisar estudos específicos sobre a temática *escolha profissional* na abordagem da Psicologia Histórico-Cultural e complementar a revisão bibliográfica, foi realizada nova busca por estudos na Plataforma Redalyc, no mês de maio de 2020. A busca foi realizada com os seguintes descritores: “escolha profissional” AND (“histórico-cultural” OR “sócio-histórica”), a partir dos quais foram listados 70 artigos. Após o filtro do período dos últimos cinco anos (2015 a 2020), permaneceram 25 estudos. A leitura dos resumos permitiu a seleção de quatro artigos que demonstravam a possível análise da escolha profissional na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural.

Ao realizar a leitura na íntegra dos quatro artigos selecionados previamente, percebeu-se que três deles realizavam análises sobre a escolha profissional e citavam alguns autores dentro da abordagem, porém não abordavam especificamente o desenvolvimento de pesquisas na temática *escolha profissional* abordada dentro da Psicologia Histórico-Cultural. Assim, permaneceu somente um estudo específico, conforme o QUADRO 6:

QUADRO 6 - ESTUDOS SOBRE ESCOLHA PROFISSIONAL NA ABORDAGEM DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Ano	Autores	Título
2017	Medeiros e Souza	Psicologia Histórico-Cultural e orientação profissional: vivências de jovens mobilizadas pela arte

FONTE: A autora (2021).

O estudo contribui com análises importantes sobre as interfaces da escolha profissional de jovens sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. Trata-se do recorte de uma dissertação de mestrado que investigou a vivência de pré-vestibulandos. Foram realizados 15 encontros mediados por expressões artísticas, em um grupo de orientação profissional composto por 20 alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola particular.

Os autores relatam que a valorização do Ensino Superior começou a direcionar o Ensino Médio, principalmente privado, à preparação do aluno para o vestibular. Essa preocupação com a aprovação nos processos seletivos das universidades impactou na redução de espaços de reflexão sobre o processo de escolha, a ênfase é dada ao conteúdo. Assim, o Ensino Médio passou a ser voltado para a preparação para o vestibular e gerador de ansiedades, autopunição e com possibilidades de fracasso. Medeiros e Souza (2017) questionam em qual momento os jovens conseguem ocupar o papel de protagonismo nesse ensino. Analisam a importância do meio social enquanto fonte de desenvolvimento do sujeito:

[...] para a Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, o social assume tamanha relevância que não é possível ao homem se humanizar fora da cultura, das relações sociais, onde reside a fonte das produções humanas que, uma vez acessadas, possibilitam o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Assim sendo, ao nascer o indivíduo dispõe do potencial para se tornar humano, dado pelas funções psicológicas elementares que, na relação com as produções culturais, mediada pela linguagem e seus processos de significação, se apropria dos meios humanos para agir no mundo. (MEDEIROS; SOUZA, 2017, p. 156).

Assim, de acordo com os autores, não é possível esperar que os jovens sejam autônomos e críticos no Ensino Superior se não encontram acesso a formas culturais promotoras de relações autônomas e pensamento crítico durante seu processo de formação. Afirmam ainda que:

Essa aceção permite pensar a Orientação Profissional como uma situação social de desenvolvimento que promove a vivência da escolha profissional como movimento de configuração de novos significados e sentidos, de ampliação da consciência. (MEDEIROS; SOUZA, 2017, p. 157).

O artigo reforça a necessidade de um trabalho de orientação profissional que possibilite a ressignificação do momento da escolha profissional, pois os jovens estão inseridos em uma cultura onde a escolha profissional está atrelada à ótica neoliberal, que não admite fracassos e prega a necessidade de retorno financeiro imediato acima da satisfação pessoal. O estudo questiona os processos de orientação profissional focados na aplicação de testes e que acabam por desresponsabilizar o próprio jovem das consequências das escolhas, sendo que o orientador que detém as informações. Medeiros e Souza (2017) defendem práticas que ampliem a compreensão da realidade do jovem e indicam que a Psicologia Histórico-Cultural subsidia através de arcabouço teórico e prático para essa finalidade:

O objetivo principal é, portanto, proporcionar uma reflexão sobre a escolha profissional, ao se considerar os determinantes histórico-sociais, desenvolver uma visão crítica em relação ao mundo do trabalho, da profissão e da própria escolha. (MEDEIROS; SOUZA, 2017, p. 158).

Nos encontros realizados com os jovens para a orientação profissional, utilizou-se a arte como caminho para colocar a emoção e o pensamento em movimento, oferecendo novas ideias como fonte de mudança para os afetos. O recorte do artigo, analisando o conteúdo produzido nos encontros, demonstra duas categorias de análise: o silêncio que aliena *versus* o silêncio que proporciona a análise crítica; e ser reconhecido *versus* ter aceitação incondicional. Os autores constataram que os jovens se afastam da possibilidade de protagonismo de suas histórias, provavelmente devido ao ambiente social e educacional em que estão inseridos. Nesse sentido, a Orientação Profissional configurou um espaço para a ressignificação da relação dos jovens com a multiplicidade de fatores que constituem suas escolhas (MEDEIROS; SOUZA, 2017).

Pode-se perceber que, de modo geral, os estudos demonstram a variedade de fatores que impactam a escolha profissional, considerando que na sociedade atual se torna mais complexo o processo decisório devido às exigências e mudanças do mercado de trabalho. Independentemente da abordagem utilizada para a análise da temática, evidencia-se a necessidade de orientação profissional para os jovens investirem na possibilidade de realizar escolhas mais conscientes.

Outra fonte de levantamento de estudos foi a Revista Brasileira de Orientação Profissional (RBOP), que é uma publicação semestral da Associação Brasileira de Orientação Profissional (ABOP), para complementar a análise em uma fonte onde constam trabalhos originais na área de orientação profissional e de carreira. Considerou-se as publicações do período de 2015 a 2020. A busca foi realizada em janeiro de 2021, porém ainda não havia sido publicado o fascículo referente ao segundo semestre de 2020, e centrou-se na identificação de artigos direcionados a temática: Cursos Superiores de Tecnologia e Ensino Superior. Foram analisados 11 fascículos (sendo dois por ano, pois se trata de uma publicação semestral); foi realizada a leitura do editorial dos fascículos, onde consta uma breve exposição dos artigos publicados, assim como a leitura dos resumos de todos artigos.

O objetivo inicial da busca, por ser realizada dentro do campo específico de publicações na área de orientação profissional, foi listar estudos envolvidos com análises de escolhas profissionais por Cursos Superiores de Tecnologia. Entretanto, não foi encontrado nenhum estudo sobre escolhas profissionais por tal modalidade de ensino superior.

Especificamente sobre Cursos Superiores de Tecnologia, foi encontrado apenas um artigo, intitulado *Significados atribuídos ao trabalho por docentes de Gestão de Recursos Humanos* (HELENO; AGULLÓ-TOMÁS; BORGES, 2020). Dessa forma, a temática demonstra distanciamento dos objetivos da presente pesquisa.

Assim, para finalizar as análises, considerou-se interessante verificar dentro das publicações da RBOP, artigos focados em estudos com o Ensino Superior, para detectar o interesse no desenvolvimento e aprimoramento de práticas e teorias sobre orientação e planejamento de carreira para esse público. A TABELA 1 sumaria o número de artigos por ano e os estudos relacionados à temática Ensino Superior.

TABELA 1 – ARTIGOS DA REVISTA BRASILEIRA DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Ano	Número de artigos	Ensino Superior
2015	20	3
2016	22	2
2017	19	2
2018	20	20
2019	19	8
2020	10	5

FONTE: A autora (2021).

É interessante destacar o aumento do número de publicações nos últimos três anos, sendo que no ano de 2018 a revista centralizou todos os artigos publicados dentro de temáticas relacionadas ao Ensino Superior, demonstrando assim o interesse e importância de se investir em estudos de orientação e planejamento de carreira para esse público.

A articulação com a revisão de literatura realizada anteriormente revela uma lacuna em relação a estudos sobre os motivos de escolha profissional por Cursos Superiores de Tecnologia, sendo importante analisar especificamente essa opção de escolha, pois nos últimos anos ocorreu o aumento no número de jovens que trilham essa formação. Este estudo está alinhado à perspectiva de que investir no processo de compreender os sentidos subjetivos dessa escolha contribui para a viabilização de espaços de fala e demonstra a importância de propiciar condições sociais de desenvolvimento desse protagonismo na escolha profissional.

Antes de iniciar o próximo tópico que aborda a interface entre ideologia, consciência e alienação, é pertinente refletir sobre essa dura e verdadeira perspectiva de González Rey e Martínez (2017):

Acho que a sedução da mídia, que fabrica modelos estereotipados centrados nos atributos de fama, dinheiro e conquistas, é um fato que toma força em certos espaços sociais onde o indivíduo se aliena da procura de um caminho próprio, para focar na procura de outro caminho, onde a sorte, a oportunidade e a avaliação dos outros são os elementos definidores de si mesmo, e não as qualidades, o esforço ou a capacidade da pessoa em questão. Quando alguém abandona tudo em prol de conseguir uma quimera socialmente produzida, corre o risco de que, nesse processo, sua capacidade de ação seja destruída. (GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017, p. 82).

Na relação entre o sujeito e o social percebe-se duas principais situações: tornar-se sujeito e dessa forma atuar de forma mais livre, ou infelizmente sofrer com os processos ideológicos e a alienação, apenas reproduzindo modelos pré-estabelecidos e direcionados socialmente. Essa temática é aprofundada no tópico a seguir.

2.5 IDEOLOGIA, CONSCIÊNCIA E ALIENAÇÃO

Na trajetória estabelecida até o momento desta pesquisa, muitos questionamentos repercutem sobre a real liberdade dos sujeitos com relação aos determinismos que permeiam suas singularidades e escolhas. Estudiosos como Silvia Lane (2001), Martín-Baró (2012) e González Rey e Martínez (2017) analisam de forma profunda a realidade da sociedade atual e também do momento histórico em que estavam inseridos. Embora desvelem a presença de ideologias, discursos normativos e diferenças de classes sociais, entre outros aspectos, não inserem o homem de forma passiva nesse contexto, sem possibilidades de articulação de ações transformadoras de sua realidade. A visão desses autores é a de que o indivíduo é constituído de suas relações sociais, sendo simultaneamente determinado e determinante. Ser mais ou menos ativo como sujeito da história dependerá do grau de autonomia, conhecimento e iniciativa que ele alcançar.

Assim, é possível analisar a presença do conceito de ideologia em atividades superestruturais da sociedade, cuja reprodução ocorre de modo individual, responsável pelo relacionamento social de forma orgânica e apenas reprodutora das condições de vida. A ideologia, portanto, é permeada por interesses grupais, de classes dominantes e adquire sentido e significação social.

Martín-Baró (2012) relata que a ideologia cumpre funções, como:

[...] oferecer uma interpretação da realidade, subministrar esquemas práticos de ação, justificar a ordem social existente, legitimar essa ordem como válida para todos, quer dizer, dar categoria de natural ao que é simplesmente histórico, exercer na prática a relação de domínio existente e reproduzir o sistema social estabelecido. (MARTÍN-BARÓ, 2012, p. 18).

Assim, a partir de suas funções, a ideologia efetiva as forças sociais que “se convertem em formas concretas de viver, pensar e sentir das pessoas, quer dizer, a objetividade social se converte em subjetividade individual” (MARTÍN-BARÓ, 2012, p. 18).

A ideologia pode guiar o processo de alienação e desumanização das pessoas. A alienação é entendida como a concretização da ideologia, uma consciência parcial sem a possibilidade de apreender o real em suas determinações, sendo expressa como uma falsa consciência. Em contrapartida, a tomada de consciência da função ideológica é realizada por meio da percepção de cada processo psicológico na totalidade dos processos sociais, com a superação de compreensões parciais. Dessa forma, o sujeito pode superar a ideologia mediante a tomada de consciência.

Martín-Baró (2012) defende e reivindica a necessidade da conscientização, que seria efetivada por meio de processos sucessivos de tomada de consciência, para a promoção da desalienação dos indivíduos e de mudanças sociais. A alienação, em sua abordagem, é relacionada à despersonalização, desumanização e de outro lado a conscientização é a autenticidade, identidade social.

Lane (2001) contribui de forma brilhante para a Psicologia Social brasileira e teoriza sobre os processos de alienação e consciência. Defende que a linguagem, enquanto produto histórico, é um veículo de ideologia e traz representações e significados nos grupos sociais; em contrapartida, a linguagem é também necessária para o desenvolvimento do pensamento do sujeito. Para a autora, “a análise ideológica é fundamental para o conhecimento psicossocial pelo fato de ela determinar e ser determinada pelos comportamentos sociais do indivíduo e pela rede de relações sociais que, por sua vez, constituem o próprio indivíduo” (LANE, 2001, p. 41). O sujeito pode, então, tornar-se consciente por meio da detecção das contradições entre as representações e suas próprias atividades vinculadas à produção de sua vida material.

Segundo Lane (2001), as questões da alienação e da consciência só poderão ser analisadas no plano individual enquanto processos que envolvem pensamento e ação, mediados pela linguagem.

A alienação se caracteriza, ontologicamente, pela atribuição da “naturalidade” aos fatos sociais; esta inversão do humano, do social, do histórico, como manifestação da natureza, faz com que todo conhecimento seja avaliado em termos de verdadeiro ou falso e de universal; neste processo a “consciência” é reificada, negando-se como processo, ou seja, mantendo a alienação em relação ao que ele é como pessoa e, conseqüentemente, ao que ele é socialmente. (LANE, 2001, p. 42).

O homem age em seu ambiente por meio do pensamento e do planejamento de suas ações. Após uma ação executada, ela é pensada e avaliada, determinando novas ações. Esse pensar se dá por meio dos significados que são transmitidos pela linguagem aprendida. Nesse sentido, qualquer ação implica uma não-ação ou não-agir, sendo o pensamento uma atividade fundamental para prever consequências e levar a uma decisão ou escolha que se transforma em ação ou não-ação. Após uma decisão, novamente se pensa em termos de avaliação ou justificativa para as decisões tomadas.

Para Lane (2001), “o pensar uma ação pode simplesmente reproduzir essa ideologia, na medida em que se submete ou a reproduz através de explicações do tipo é assim que deve ser, é assim que se faz” ou se o sujeito “refletir sobre estas contradições e suas consequências fará com que a ação decorrente seja um avanço no processo de conscientização; se essa reflexão não ocorre, o pensar a ação se caracterizará por uma resposta pronta, tida como ‘verdadeira’, já elaborada pelo grupo, reproduzindo a ideologia e mantendo o indivíduo alienado” (p. 43). A autora destaca a importância de detectar o ideológico ou nível de consciência através do discurso individual produzido na interação com o pesquisador, que é analisado por meio de categorias que são emergidas do próprio discurso.

González Rey e Martínez (2017) também estudam a questão da ideologia, percebida como repressora e limitante para o sujeito, que acaba sendo direcionado por questões do espaço social a que pertence; assim, argumentam:

Os projetos que explicitamente se apoiam em ideologias são ainda mais invasivos e repressivos sobre a individualidade, intencionam negá-la em prol de objetivos sociais utópicos que não se concretizam, mas que têm um grande valor para as pessoas que deles fazem parte, configurando-se de múltiplas formas de subjetividade individual de seus atores. (GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017, p. 59).

Os autores contribuem com a diferenciação entre agente e sujeito. Enquanto o agente sofre maior influência das ideologias, o sujeito consegue transcender os espaços sociais, sendo mais criativo. Desse modo, para González Rey e Martínez (2017):

O agente, à diferença do sujeito, seria o indivíduo – ou grupo social – situado no devir dos acontecimentos no campo atual de suas experiências: uma pessoa ou grupo que toma decisões cotidianas, pensa, gosta ou não do que lhe acontece, o que de fato lhe dá uma participação nesse transcurso. Por sua vez, o conceito de sujeito representa aquele que abre uma via própria de subjetivação, que transcende o espaço social normativo dentro do qual suas experiências acontecem, exercendo opções criativas no decorrer delas, que podem ou não se expressar em ação. Esse é um tema central para a teoria das organizações e das instituições que, definidas por uma subjetividade social, são conservadoras com todas as formas de criação que ameacem o status quo dominante. (GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017, p. 73).

Os autores enfatizam a transformação do homem em sujeito, que é capaz de se posicionar, bem como de romper com as ideologias e alienação, assim articular opções mais criativas. Esse processo acontece em dois níveis simultâneos: o social e o individual. É um processo complexo, pois toda criação que ameaça o *status* dominante de um grupo ou funcionamento institucional é rejeitada pelo próprio grupo social. O interessante é que o processo de pesquisa pode tornar o pesquisador e o participante agentes reflexivos e emocionalmente envolvidos e o diálogo favorece a emergência do sujeito. Desse modo, para González Rey e Martínez (2017, p. 75), “como em qualquer outra atividade humana, na pesquisa, o indivíduo pode se tornar sujeito quando os processos de subjetivação gerados por ele transcenderam as referências desse processo, originando novos caminhos de vida”.

Habermas (1983) é outro autor que colabora para a análise da possibilidade ou não de escolhas mais conscientes, por meio de sua Teoria sobre a Modernidade. Contribui com o conceito de racionalização das relações da vida, que seria a institucionalização de uma dominação que acaba por ser irreconhecível enquanto política, pois aparece como razão técnica. Assim, as ideologias dominantes justificam-se através de interpretações técnicas e científicas. A racionalização, segundo o autor, está relacionada “à escolha correta entre estratégias, ao emprego adequado de tecnologias e à organização de sistemas de acordo com fins” (HABERMAS, 1983, p. 313). Defende que na sociedade capitalista e industrializada, a dominação tende a mascarar seu caráter opressivo e explorador, tornando-se racional. O progresso ou crescimento da força produtiva, ligados à ciência e à técnica, passam a legitimar o sistema; assim, as escolhas podem ser atreladas à essa legitimação, sendo alicerçadas pela falta de questionamento de aspectos e necessidades pessoais, apoiadas nas características de uma sociedade capitalista.

Habermas (1983) endossa que a racionalização está relacionada à ação do progresso técnico-científico sobre o quadro institucional, sendo que a legitimação do capitalismo está associada ao próprio sistema de trabalho social. O Estado passou a regular a sociedade e disseminou a ideologia da troca justa; assim, a crítica da econômica política enquanto crítica da ideologia perde força e o sistema de dominação passa a não ser mais criticado a partir da relação de produção. Porém, o sistema continua permeado pela ideologia burguesa do rendimento, mascarando ideologias e garantindo um mínimo de bem-estar social e trabalho. O conflito relacionado às diferenças entre as massas é atenuado com indenizações do Estado; para Habermas (1983), contudo, “isto não significa superação, mas latência da oposição entre as classes” (p. 334). A política tem como objetivo apenas corrigir disfunções do próprio sistema, sendo centrada na solução de questões técnicas e favorecendo a despolitização das

massas. Essa despolitização acaba sendo plausível, “fazendo com que técnica e ciência assumam também o papel de uma ideologia” (HABERMAS, 1983, p. 330). A nova tendência do capitalismo é a cientifização da técnica.

Dentro desse complexo cenário, Habermas (1983) coloca a possibilidade de deslocamento da zona de conflito para fazer frente à legitimação do capitalismo, não mais apresentada pela divisão das massas, encontrando nos estudantes de Ensino Médio e nos universitários a possibilidade de manifestar uma condição de protesto. Dessa forma, o processo de racionalização condiciona escolhas pouco pessoais e conscientes; na visão de Habermas (1983), porém, são os próprios estudantes que podem articular ações de repolitização e questionamento da legitimação dessa realidade.

Assim, considerando sempre a premissa do investimento no indivíduo para torná-lo sujeito, na qual suas escolhas possam ser articuladas por meio de uma ruptura de ideologias e rompendo com a alienação, adentra-se o campo de pesquisa.

3 METODOLOGIA

3.1 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Como metodologia foi adotada a pesquisa qualitativa, que pode atender de forma mais eficaz aos questionamentos relacionados com o estudo de um determinado fenômeno – no caso desta pesquisa, o desafio da escolha profissional de estudantes a partir dos sentidos subjetivos construídos pelos envolvidos. Fundamenta-se na abordagem teórica-metodológica da Epistemologia Qualitativa elaborada por González Rey (2005), que defende a compreensão do caráter subjetivo do próprio processo de construção do conhecimento, que ocorre durante a investigação da pesquisa. O autor explica sua perspectiva:

Nossa proposta da Epistemologia Qualitativa foi introduzida com o objetivo de acompanhar as necessidades da pesquisa qualitativa no campo da psicologia, pois, de modo geral, as referências epistemológicas alternativas ao positivismo se limitavam a um nível de princípios muito gerais, sem se articularem essencialmente às necessidades dos diferentes momentos concretos da pesquisa, os quais sem dúvida requeriam uma fundamentação para se legitimar diante dos critérios dominantes do positivismo. (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 4).

Percebe-se a preocupação em elaborar um processo de pesquisa que atenda a realidade e os desafios da sociedade atual, por meio do qual os pesquisadores possam superar a visão centralizada nos instrumentos de coleta; nesse sentido, esforça-se para reconstruir permanentemente o processo de pesquisa, articulando a construção teórica com o momento empírico (GONZÁLEZ REY, 2005). A pesquisa qualitativa que assume os princípios da Epistemologia Qualitativa é caracterizada pelo caráter construtivo-interpretativo e pelo estudo dos casos singulares.

O caráter construtivo-interpretativo reconhece a realidade como um domínio infinito de campos inter-relacionados de forma complexa. Por meio das práticas de investigação é possível aproximar-se de parte dessa realidade, mas não de sua totalidade. Assim, é possível captar os espaços ou zonas de inteligibilidade:

Quando afirmamos o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, desejamos enfatizar que o conhecimento é uma construção, uma produção humana, e não algo que está pronto para conhecer uma realidade ordenada de acordo com categorias universais do conhecimento. Disso surgiu o conceito de “zona de sentido” (1997), definido por nós como aqueles espaços de inteligibilidade que se produzem na pesquisa científica e não esgotam a questão que significam, senão que pelo contrário, abrem a possibilidade de seguir aprofundando um campo de construção teórica. Tal conceito tem, então, uma profunda significação epistemológica que confere valor ao conhecimento, não por sua correspondência linear e imediata como o “real”, mas por sua capacidade de gerar campos de inteligibilidade que possibilitem tanto o surgimento de novas zonas de ação sobre a realidade, como de novos caminhos de trânsito dentro dela através de novas representações teóricas. (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 6).

A compreensão da pesquisa como um processo dialógico de comunicação é mais um princípio da Epistemologia Qualitativa, que defende que a maioria dos problemas sociais e humanos se expressa na comunicação direta ou indireta entre as pessoas. González Rey (2005) afirma que “a comunicação será a via em que os participantes de uma pesquisa se converterão em sujeitos, implicando-se no problema pesquisado a partir de seus interesses, desejos e contradições” (p. 14). Desse modo, a comunicação constitui um espaço privilegiado em que o sujeito se expressa de diferentes formas simbólicas, as quais viabilizarão o estudo de sua subjetividade e das formas como suas condições sociais objetivas aparecem em sua constituição.

Outro princípio é a legitimidade dos casos singulares como iminência de produção de conhecimento científico. Tal conceito está estritamente relacionado à compreensão da subjetividade no estudo do homem, da cultura e da sociedade:

A legitimação do singular como fonte de conhecimento implica, segundo já assinalamos, considerar a pesquisa como produção teórica, entendendo por teórico a construção permanente de modelos de inteligibilidade que lhe deem consistência a um campo ou um problema na construção do conhecimento, ou seja, o teórico não se reduz a teorias que constituem fontes de saber preexistentes em relação ao processo de pesquisa, mas concerne, muito particularmente, aos processos de construção intelectual que acompanham a pesquisa. O teórico expressa-se em um caminho que tem, em seu centro, a atividade pensante e construtiva do pesquisador. (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 11).

Dessa forma, no processo de construção da pesquisa trabalha-se com a singularidade, por meio da busca constante dos modelos de inteligibilidade que geram a consistência do conhecimento gerado. Trata-se um processo dinâmico permanente que, por meio do singular e do subjetivo, reflete na geração de conceitos para a ciência e o social como um todo.

3.2 CONTEXTO DA PESQUISA

É importante destacar que, devido às circunstâncias de isolamento social ocasionadas pela pandemia do coronavírus iniciada no mês de março de 2020, as aulas presenciais foram canceladas e a Instituição de Ensino Superior em que os alunos pesquisados estudavam optou pela realização de aulas remotas. Assim, a pesquisa foi realizada em um momento peculiar, vivenciando-se o cancelamento das aulas presenciais, adaptações de alunos e professores com a implantação das aulas remotas, caracterizando a vivência de uma fase permeada por sentimentos de insegurança, medo, frustrações e dificuldades relacionadas ao isolamento social, mortes ocasionadas pela doença, crise econômica e sanitária e perda de emprego, dentre outras situações de impacto no processo de educação e na realidade de vida de cada um dos sujeitos envolvidos.

Dessa forma, houve a necessidade de adaptação dos procedimentos metodológicos para a coleta de dados, que a princípio seria de forma presencial. Foi então incluída a utilização da ferramenta *Google Meet* para a realização das entrevistas, priorizando os cuidados para a não disseminação do vírus.

3.3 A INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

Fundada em 1992, a Faculdade de Pinhais (FAPI) está localizada na cidade de Pinhais, região metropolitana de Curitiba-PR. É uma instituição de ensino privada que tem como missão formar lideranças para o mundo do trabalho. Oferece Ensino Médio e diversos cursos de graduação em bacharelado, licenciatura e tecnólogos, assim como cursos de pós-graduação e extensão (FAPI, 2020).

O perfil de seus alunos do Ensino Superior é composto em sua maioria por moradores da região, que cursaram Ensino Médio em escolas públicas, com condições sociais menos privilegiadas e que necessitam conciliar os estudos com o trabalho.

A opção pela Faculdade de Pinhais deve-se ao fato de a pesquisadora ser professora na Instituição, fato que, além de facilitar o acesso aos participantes, contribui para a construção da pesquisa, por conhecer o funcionamento da Instituição e dos Cursos Superiores de Tecnologia e por compartilhar a realidade dos alunos, suas experiências, aprendizados, sonhos e dificuldades.

3.4 PARTICIPANTES

Inicialmente, a pesquisa foi planejada com oito alunos dos Cursos Superiores de Tecnologia da Faculdade de Pinhais. A decisão por oito alunos no planejamento prévio da pesquisa considerou a realização de articulações e análises a partir da vivência de dois alunos de cada um dos Cursos de Tecnologia oferecidos pela instituição: Gestão de Recursos Humanos; Processos Gerenciais; Logística; e Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas.

Contudo, na construção da pesquisa, três aspectos alteraram o número de participantes:

- 1) Nenhum aluno de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas manifestou interesse em participar;
- 2) Percebeu-se que a configuração da escolha estava relacionada às condições do Curso Superior de Tecnologia em geral, independente de qual a área de formação;
- 3) A pesquisa com quatro participantes gerou um volume significativo de achados para análise.

Reforça-se que na Epistemologia Qualitativa a pesquisa não é centrada no número de sujeitos nem em uma rígida organização metodológica com passos a serem seguidos, mas no conteúdo que emerge nos diversos momentos do processo de construção e diálogo sobre as informações (GONZÁLEZ REY, 2005). Dessa forma, participaram deste estudo quatro estudantes dos Cursos Superiores de Tecnologia, sendo: dois de Gestão de Recursos Humanos, um de Processos Gerenciais e um de Logística.

Os alunos poderiam estar matriculados em qualquer período do curso e deveriam estar acompanhando assiduamente às aulas remotas. O recrutamento dos participantes foi realizado por meio da divulgação nas salas de aula virtuais (mural do *Classroom*¹⁰) dos referidos cursos. Os alunos foram convidados a participar e foram incluídos na agenda de entrevistas de forma voluntária, após ciência e consentimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Consentimento de Uso de Voz (TCUV) (ANEXO B).

É relevante analisar a falta de participação dos alunos do Curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, que pode estar vinculada ao fato de que na época da pesquisa havia somente o último período do curso em funcionamento na faculdade. Dessa

¹⁰ A Instituição disponibiliza o *Google Education*, ferramenta *Google* que fornece vários aplicativos da web. O *Classroom* é um espaço virtual interativo para compartilhamento de conteúdo, atividades, questionários, vídeos, dentre outros.

forma, os alunos estavam sobrecarregados de atividades para finalização da graduação, como a finalização de disciplinas e a entrega do trabalho de conclusão de curso.

A pesquisa priorizou a manifestação direta do desejo de participação dos estudantes, buscando assim respostas mais espontâneas e com maior aprofundamento, vinculadas ao interesse dos participantes com o estudo.

Resumidamente, apresenta-se algumas características dos participantes: idade média de 29 anos; estudos até o Ensino Superior foram realizados em escola pública; condições econômicas menos privilegiadas; fazem parte da primeira geração de sua família com acesso ao Ensino Superior; expressaram crenças sobre a dificuldade de acesso e/ou acompanhamento dos estudos no Ensino Superior; vivência de dificuldades relacionadas ao desemprego e/ou trabalhos que exigiam esforço físico; demonstraram a priorização do trabalho em relação aos estudos. Uma das participantes relata barreiras de acesso ao mercado de trabalho e enfatiza a invisibilidade de seu currículo, impactada pela falta de experiência apesar de estar cursando o Ensino Superior. Um dos participantes possuía experiência na área, porém vivenciou situações de desemprego pelo fato de não estar cursando o Ensino Superior. Dois participantes foram mobilizados a cursar o Ensino Superior pelas vivências em seus trabalhos atuais. Participaram do estudo dois homens e duas mulheres, não tendo sido constatadas diferenças em suas falas devido à questão de gênero.

3.5 PROCEDIMENTOS

O processo de construção das informações sobre a temática estudada ocorreu por meio da aplicação do instrumento de Frases Incompletas (APÊNDICE B) e de uma entrevista semiestruturada (APÊNDICE C) com cada um dos quatro alunos de Cursos Superiores de Tecnologia.

O instrumento Frases Incompletas é baseado em um procedimento sugerido por Bohoslavsky (1998) e reiterado por González Rey (2005). É uma técnica projetiva indutora de informações. É considerado um “instrumento aberto para o estudo da subjetividade”, que “se organiza em torno de um número variável de frases que a pessoa estudada deve completar, e que sempre tomam formas singulares a partir do que é relevante para quem as responde” (GONZÁLEZ REY, 2010, p. 333). A pesquisadora desenvolveu um conjunto de frases relacionadas ao tema de pesquisa para serem completadas pela primeira ideia que viesse à mente do participante. A entrevista semiestruturada foi composta por perguntas norteadoras relacionadas aos objetivos do estudo.

Reitera-se a anuência da Faculdade de Pinhais, por meio da assinatura do Termo de Autorização para Divulgação de Informações de Empresas/Instituições/Organizações Públicas e Privadas (APÊNDICE A). A coleta de dados iniciou-se somente após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica do Paraná, sob o número CAAE 22848019.7.0000.5547, e após a assinatura do Termo de Compromisso, de Confidencialidade de Dados e Envio de Relatório Final (ANEXO A).

Foi realizada a divulgação do estudo nas salas de aula virtual (*Classroom*) dos Cursos Superiores de Tecnologia. A princípio seria organizada uma lista, considerando a ordem de contato dos estudantes, caso o número de interessados excedesse dois alunos por curso. Esse procedimento não foi necessário, pois não houve manifestação de número maior de interessados em participar da pesquisa; foi realizada, inclusive, a divulgação por mais de uma ocasião para a manifestação dos interessados. Acredita-se que esse fato esteja relacionado à fase de adaptação ao ambiente remoto de ensino, vivenciada durante a pesquisa e a pandemia do coronavírus, na qual os estudantes demonstraram certa dificuldade em conciliar as diversas atividades que substituíram as aulas presenciais.

Cada participante foi orientado por telefone sobre o processo da pesquisa e também recebeu por *e-mail* o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Consentimento de Uso de Voz (TCUV) (ANEXO B). Após o aceite, cada participante recebeu antecipadamente por *e-mail* as perguntas norteadoras da entrevista semiestruturada e o formulário de Frases Incompletas. Cabe ressaltar que o envio prévio dos formulários não fazia parte do planejamento inicial da pesquisa; porém, com a adaptação da metodologia e a realização da entrevista de forma virtual, foi uma alternativa encontrada tendo em vista a impossibilidade do contato presencial.

Os participantes não precisaram se deslocar até a Instituição para a pesquisa, que foi realizada e gravada por meio da ferramenta *Google Meet*. O horário foi agendado com cada aluno após o envio dos instrumentos preenchidos (as perguntas norteadoras e as Frases Incompletas).

A entrevista semiestruturada levantou informações sobre a escolha profissional por Cursos Superiores de Tecnologia. Conforme Sampieri, Collado e Lucio (2013, p. 426), “as entrevistas semiestruturadas se baseiam em um roteiro de assuntos ou perguntas e o entrevistador tem a liberdade de fazer outras perguntas para precisar conceitos ou obter mais informação sobre os temas desejados”. A proposta compreende que durante o processo de entrevista, se estabelece um diálogo entre a pesquisadora e o participante, sendo que

perguntas relevantes poderiam ser formuladas sem que tivessem sido planejadas anteriormente. A entrevista foi norteada pelas respostas já encaminhadas previamente.

O instrumento de Frases Incompletas estimulou o levantamento de aspectos subjetivos relacionados à escolha profissional. A entrevista semiestruturada foi gravada através da ferramenta *Google Meet* e posteriormente transcrita para um editor de texto e armazenada, considerando os aspectos de sigilo previstos no TCLE/TCUV. Cabe frisar que as informações desta pesquisa, incluindo desde a coleta até a análise de dados, permaneceram sob a guarda da pesquisadora; os dados relevantes foram publicados após o devido tratamento e respeitando o sigilo da identidade de cada participante.

Quanto à análise e interpretação dos resultados, foi realizada a apreciação do material produzido sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural e da Teoria da Subjetividade, tendo como base os pressupostos de Vigotsky (1991a, 1991b, 1992, 1995, 1999, 2000, 2001) e González Rey (2003, 2005, 2010, 2012). O processo envolveu a categorização dos dados produzidos por meio do instrumento de Frases Incompletas e da entrevista semiestruturada.

A categorização foi realizada da seguinte forma: em um primeiro momento, o instrumento de Frases Incompletas e as perguntas norteadoras da entrevista semiestruturada contemplaram aspectos que durante o levantamento teórico foram apontados como fatores envolvidos no processo de configuração das escolhas profissionais, como familiares, econômicos, trajetória escolar, interesses e preferências profissionais, aspectos sociais e culturais, bem como aspectos relacionados aos objetivos do estudo, como o processo de configuração da escolha, sentidos subjetivos relacionados à escolha por Cursos Superiores de Tecnologia, e expectativa em relação ao mercado de trabalho e futuro profissional. Após análise do material produzido, foi possível identificar por meio da recorrência das respostas as principais categorias:

- 1) Sentidos subjetivos da escolha profissional;
- 2) Sentidos subjetivos presentes na trajetória do Curso Superior de Tecnologia;
- 3) Configuração das escolhas: interfaces entre vivências escolares, familiares e condições econômicas;
- 4) Expectativas relacionadas ao mercado de trabalho e futuro profissional.

A análise foi dividida em duas partes: inicialmente se apresentou de forma breve as vivências e singularidades dos participantes; na sequência, discute-se os entrelaçamentos das subjetividades individuais, analisadas por meio da categorização e apreensão da configuração dos sentidos subjetivos que os participantes construíram sobre a realidade vivida.

4 DISCUSSÃO

A apresentação dos achados é delineada por meio da exposição das análises da configuração dos sentidos subjetivos dos participantes e dos trechos dos relatos nos quais foi possível realizar as articulações interpretativas. Em cada excerto de fala indica-se o instrumento que possibilitou a expressão da informação descrita com as siglas FI (Frases Incompletas), EES (Escrita Entrevista Semiestruturada) e TES (Transcrição Entrevista Semiestruturada).

Os participantes foram identificados pelas iniciais de seus cursos, seguidos dos números 1 ou 2. As siglas utilizadas para representar os cursos são GRH (Gestão de Recursos Humanos), PG (Processos Gerenciais) e LOG (Logística).

Os resultados das análises foram apresentados em forma de texto. É importante salientar que o caráter construtivo-interpretativo que permeia esta pesquisa reconhece que a investigação se aproxima da realidade vivenciada por esses jovens em seus processos de escolhas, porém não de sua totalidade, apresentando alguns espaços de inteligibilidade.

Inicialmente, priorizando a subjetividade individual dos sujeitos, realiza-se uma exposição das vivências de cada participante da pesquisa: GRH1, GRH2, PG e LOG.

4.1 SOMOS SUJEITOS

Antes de refletir sobre o processo de escolhas dos estudantes considerando suas subjetividades, histórias, condições sociais, familiares, entre outras, é importante conhecer os participantes. Esse processo contribui para o aprofundamento da constituição e apreensão dos sentidos subjetivos das escolhas, que é realizado posteriormente, por meio do processo de construção e interpretação das subjetividades de todos os sujeitos participantes da pesquisa. Para início das análises, o QUADRO 7 relaciona informações sobre os participantes e entrevista semiestruturada.

QUADRO 7 – PARTICIPANTES

Identificação	Idade	Curso Superior de Tecnologia	Data da entrevista	Tempo de entrevista
GRH1	33	Gestão de Recursos Humanos	04/06/2020	32min e 57s
GRH2	27	Gestão de Recursos Humanos	22/06/2020	27min
PG	28	Processos Gerenciais	19/11/2020	18min e 25s
LOG	31	Logística	04/12/2020	27min e 21s

FONTE: A autora (2021).

4.1.1 GRH1

GRH1 é do gênero feminino, solteira e reside com os pais e sua filha de dez anos. Estava cursando o 3º período do Curso de Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos, com previsão de término em dezembro de 2020. Até finalizar o Ensino Médio, sempre estudou em escolas públicas. Estava desempregada e durante o processo de pesquisa conseguiu emprego como atendente na área de suporte ao consumidor. Após finalizar o Ensino Médio realizou o curso técnico em Secretariado com uma bolsa de estudos integral e iniciou a graduação em Administração, porém não se adaptou por ser na modalidade a distância.

A participante relata ser uma pessoa ativa, tendo preferência pela agilidade na resolução de suas demandas:

Eu me avalio como uma pessoa... **proativa, não gosto de deixar as coisas para depois.** (FI_GRH1)

Relata esforçar-se em seu processo de qualificação para o mercado de trabalho, porém expressa as tentativas frustradas que já vivenciou:

Eu [me] valorizo na vida...às vezes, fato de tentar evoluir e sempre estar tentando sem muitas conquistas. (FI_GRH1)

Suas vivências são marcadas por condições econômicas e sociais menos favorecidas. A participante afirma:

Financeiramente me avalio como... **péssimo**, sempre vivendo no limite de contas e gastos, ganhando pouco. (FI_GRH1)

Minha trajetória escolar antes da faculdade foi... boa, mas poderia ter tido mais direcionamento profissional, **falta de visão.** (FI_GRH1)

O acesso ao Ensino Superior é percebido como a possibilidade de ruptura de sua realidade social e econômica. Desse modo, através da graduação GRH1 sonha com uma carreira e com a estabilidade:

Cursar uma faculdade representa para mim... **realização de um sonho**, uma porta para atingir meus objetivos. (FI_GRH1)

A escolha por um Curso Superior de Tecnologia revela a premissa da prática de uma carreira de forma mais concreta, direcionada e rápida:

Os Cursos Superiores de Tecnologia são... bons, **passam bastante prática** [...]; escolhi o Curso Superior de Tecnologia, pois... **me gradua em menos tempo**. (FI_GRH1)

No processo de pesquisa realizado com GRH1 (APÊNDICES C, D e E) é possível analisar aspectos importantes de sua subjetividade. A trajetória de vida é marcada pela falta de planejamento de carreira. Relata que seus pais sempre a orientaram sobre a necessidade de estudar, porém sem ter vivenciado formas de como articular ações, investir no conhecimento de seus reais desejos e possibilidades. A pressão pela formação superior surgiu com a entrada no mercado de trabalho onde, assim como seus pais, teve acesso a oportunidades em áreas mais operacionais e com maior esforço físico.

É relevante o impacto da ideologia do neoliberalismo sobre a necessidade de adaptação a essa realidade, ditada pelo meio social (externo). Nesse momento, apoiada em necessidades externas, sem uma vivência que lhe proporcionasse o desenvolvimento de constituição de escolhas mais conscientes, a participante articulou seu processo decisório de forma a considerar a preparação para atender as demandas do mercado de trabalho.

Nesse cenário é importante destacar a quebra de algumas ideologias, como sua incapacidade de acesso ao Ensino Superior, pois questionava se seria capaz. O atendimento a essa demanda foi realizado por instituições privadas, com o diferencial estabelecido por sua busca por informações sobre bolsas de estudo. É recorrente, em sua fala, o termo **barreira**.

Apesar do esforço para se adequar às exigências do mercado de trabalho, GRH1 não tem encontrado oportunidades dentro de sua área de formação. Essa dificuldade é justificada pela falta de experiência, pois se deparou com a realidade de que a formação superior não é garantia de ampliação de oportunidades. Destaca em sua fala:

E a formação, nossa **doce ilusão**, não é garantia de emprego algum, pois a concorrência é muito grande e sem muita empatia com as pessoas. (EES_GRH1)

No momento da pesquisa, GRH1 vivenciava a expectativa de finalizar a faculdade e ter seu diploma. Esse processo foi permeado por sentimentos de satisfação, porém muitas incertezas quanto ao seu objetivo de conquistar posições dentro de sua área de formação, bem como quanto às possibilidades de crescimento e mudança.

4.1.2 GRH2

GRH2 é do gênero masculino, solteiro e reside com a mãe e um irmão mais novo. Estava cursando o 4º período do Curso de Tecnologia em Gestão de Recursos, com previsão de término em dezembro de 2020. Até a opção pela faculdade, estudou em escolas públicas e relata que conseguia aprender com facilidade, inclusive recebeu certificado de honra ao mérito no Ensino Fundamental. Escolheu o Ensino Médio Técnico em Administração por considerar que poderia agregar mais conhecimento e obter um destaque.

O participante demonstra considerar-se um bom aluno:

[...] eu queria me **destacar** de alguma forma, sabe? Então, eu no meu entendimento fazer só o Ensino Médio não conseguia esse destaque. (TES_GRH2)

Como estudante me descrevo como **esforçado e inteligente**. (FI_GRH2)

Ao finalizar o Ensino Médio, GRH2 priorizou trabalhar ao invés de dar continuidade aos estudos. Em seu relato salienta que demorou para a tomada de decisão em realizar o curso superior e compreender seus interesses e preferências de carreira.

[...] eu acho que a gente demora um pouco para conhecer a sua vocação. (TES_GRH2)

Demorei para entender o que eu **realmente queria**. (TES_GRH2)

Logo em seu primeiro emprego, GRH2 deparou-se com a necessidade de esforço físico para a manutenção de sua rotina de trabalho. Acabou solicitando desligamento da empresa para buscar novas oportunidades, que em geral foram em atividades mais operacionais, como operador de caixa e auxiliar administrativo.

Fiquei um ano trabalhando e pedi demissão, devido ao **grande esforço físico** para desenvolver a função. (TES_GRH2)

Então, a partir desse momento em que eu não queria mais fazer tanto **esforço físico** né, eu entendi que eu **precisava cursar uma faculdade**. Eu demorei para entrar numa faculdade, né? Eu demorei em torno de mais ou menos uns seis anos. (TES_GRH2)

Em sua trajetória, GRH2 conseguiu trabalhar como auxiliar dentro da área de Recursos Humanos (RH), obtendo experiência e aprendizado nos fluxos de trabalho. Porém,

ao ser desligado da empresa em que teve acesso à área, apresentou dificuldades em conseguir novas oportunidades.

Em 2017 fui desligado do RH e precisei procurar novas oportunidades, após muita procura sem sucesso percebi que eu **tinha a experiência**, porém **faltava o grau de ensino necessário**. (EES_GRH2)

O mercado de trabalho revelou a necessidade, além da experiência, da formação superior para possibilidades de recolocação profissional. Assim que iniciou a faculdade, foi aprovado em um processo seletivo para estágio e na sequência conseguiu a efetivação como funcionário dentro de sua área de formação.

Eles queriam um candidato que tivesse a **experiência necessária e cursando o Ensino Superior**, né? Como é uma vaga de estágio, normalmente os candidatos não têm tanta experiência. Eu consegui me **destacar** pelo fato de eu anteriormente já ter trabalhado em RH. (TES_GRH2)

No processo de escolhas profissionais de GRH2, é possível constatar que não houve o planejamento de carreira; ao finalizar o Ensino Médio, demonstrava incerteza quanto ao direcionamento de estudos e priorizou trabalhar por necessidade em se manter financeiramente, sendo que em seu relato se enquadra economicamente como classe C. Em sua família, o pai era porteiro e sua mãe balconista de panificadora, sendo o primeiro a iniciar o Ensino Superior. Ao se deparar com oportunidades de trabalho que exigiam esforço físico e o direcionamento do mercado de trabalho quanto à necessidade de experiência e ensino superior, se adaptou às exigências e buscou se **destacar**, palavra recorrente em seu relato.

Acredita que obteve êxito ao iniciar o Curso Superior de Tecnologia e ser aprovado em processo seletivo, após um período de tentativas sem sucesso. Avalia o curso de forma positiva e pretende continuar o processo de desenvolvimento baseado na tendência de responder à um mercado exigente e volátil.

Cursar uma faculdade representa para mim o sucesso e o futuro. (FI_GRH2)

Atualmente, se eu fosse procurar um emprego eu teria que me **adequar novamente ao mercado de trabalho**, porque sempre quando a gente tá em um emprego fixo fica meio que acomodado. (TES_GRH2)

No momento da pesquisa (APÊNDICES F, G e H), GRH2 apresenta satisfação com sua escolha e possibilidades de carreira, está trabalhando dentro da área de formação, porém avalia o mercado de trabalho com certo receio devido à exigência de qualificação e

competitividade, relata preocupação com o sustento das pessoas versus a escassez de empregos. Pelo fato de ter trabalhado dentro da área de Recursos Humanos antes de escolher o curso, acredita que teve a oportunidade de direcionar o processo decisório dentro de seus interesses e preferências.

4.1.3 PG

PG é do gênero feminino, casada e reside com esposo. Durante a pesquisa estava cursando o 4º período do Curso de Tecnologia em Processos Gerenciais, com previsão de término em dezembro de 2020. Antes da faculdade, sempre estudou em escolas públicas.

Após finalizar o Ensino Médio cursou o Técnico em Secretariado seguindo a orientação da empresa em que trabalhava para obter promoção de cargo. Trabalha há sete anos em uma associação que presta consultoria para empreendedores, sendo que para seu cargo a empresa solicitou que cursasse o Ensino Superior. Dessa forma, direcionou sua escolha para atender à exigência da atual empresa e optou por um curso relacionado com gestão de empresas para facilitar as atividades do seu trabalho.

A minha **escolha** pelo curso foi justamente **pelo que eu faço hoje**, para entender melhor as necessidades do meu cliente, eu queria entender melhor os processos dentro de uma empresa, e como gerenciar ela da melhor forma, com isso eu conseguiria entender melhor o meu cliente e auxiliá-lo com a melhor solução. (TES_PG)

PG avalia a oportunidade de cursar o Ensino Superior como uma possibilidade de crescimento profissional; percebe a si mesma como uma pessoa criativa e esforçada. Relata realização com o curso superior e que fez a escolha certa.

Escolhi certo! Eu fui objetiva naquilo que eu precisava, supriu minhas necessidades e expectativas. Então eu avalio que foi uma escolha muito bem feita para o que eu **precisava aprender naquele momento**, o que eu precisava usufruir. (TES_PG)

Relata que sua família é humilde e seus pais não finalizaram o Ensino Fundamental; dessa forma, não teve incentivo para cursar o Ensino Superior. Seus pais salientavam a importância do estudo, porém desconheciam formas de colaborar no processo de formação dos filhos.

Não incentivavam a gente, porque não era algo que para eles era muito relevante. **Eles não entendem como ser algo muito relevante porque eles não tiveram isso, né?** (TES_PG)

Sua trajetória de escolhas profissionais foi marcada pela adaptação principalmente às exigências das empresas em que trabalha ou trabalhou; apesar disso, PG demonstra satisfação com o curso e aprendizados. Um fato importante é que, para pagar seus estudos, conseguiu bolsa na faculdade e subsídio da empresa em que trabalha. A empresa exigiu o Ensino Superior para o cargo e, em contrapartida, a apoiou financeiramente.

Pelo fato de trabalhar com empreendedores, PG relata que se apaixonou pela atividade, fato que despertou o interesse por empreender. Recentemente iniciou uma sociedade para atuar com mídias digitais, o que considera uma possibilidade de carreira. Destaca a importância de sua profissão e a necessidade de qualificação permanente.

No futuro eu me vejo... com uma empresa estruturada. (FI_PG)

Em relação ao mercado de trabalho, o relato de PG (APÊNDICES I, J e K) demonstra que ela acredita na importância de sua profissão e destaca aspectos do neoliberalismo, como a necessidade de qualificação permanente para resposta às exigências das empresas e principalmente a perspectiva de empreender e o sujeito ser o único responsável pelo seu sucesso.

Acredito que a administração nunca vai acabar mas que os profissionais vão ter que se **reinventar, estudar sempre**, pois o mercado sempre esta mudando e novas tecnologias chegando. (EES_PG)

Então é um passo de fé que você tem que dar [empreender] e ver se der certo beleza, e se não der vai em frente e **faça outra coisa e tente outra vez!** (TES_PG)

4.1.4 LOG

LOG é do gênero masculino, casado e reside com esposa que está grávida. Na época da pesquisa, cursava o 2º período do Curso de Tecnologia em Logística, com previsão de término em dezembro de 2021.

Sua trajetória escolar até a faculdade foi em escolas públicas; começou a trabalhar durante o Ensino Médio como empacotador em supermercado. Relata ser de origem econômica menos privilegiada e por isso priorizou o trabalho ao invés dos estudos. O curso superior era considerado algo distante de sua realidade, pelo fato do desconhecimento e

principalmente pelo medo de não conseguir acompanhar os estudos e fazer um investimento sem a certeza de um retorno ou satisfação.

Eu cresci em um bairro muito pobre, né? Então logicamente a **mente da gente acaba se tornando muito pequena a respeito disso**, né? Então logo depois... alguns anos depois vieram os planos do governo que incentivaram os cursos superiores. (TES_LOG)

Não sei, sabe acho que de não conseguir dar conta, sabe? De ser algo muito... muito... como posso dizer, **muito denso** que eu **não conseguisse** diluir. (TES_LOG)

Porém, na atual empresa em que trabalha ao ocupar o cargo de assistente comercial para o qual foi promovido, percebeu que sua nova equipe de trabalho apresentava menos experiência e possuía o Curso Superior e remuneração semelhante à sua. Tal situação e após conversa com chefia, fez com que decidisse por cursar o Ensino Superior, que foi facilitado por bolsa de estudo e subsídio da empresa. Demonstrou uma quebra da ideologia de limitação do acesso e da impossibilidade de acompanhar os estudos.

Após iniciar a faculdade me sinto... mais satisfeito comigo mesmo. (FI_LOG)

Na verdade, era o que eu queria destacar, essa importância de tá cursando, **pra mim foi algo que trouxe um peso muito grande**, porque eu acho que essa coisa de... de eu não ter entrado, acredito que tinha até **medo dessa coisa de faculdade e é uma coisa boba**, né, particular minha. (TES_LOG)

Sua escolha foi marcada pelas vivências na empresa em que trabalha, que direcionaram a escolha para atender às demandas de sua atividade profissional; assim, LOG optou pelo curso de Logística. Por trabalhar há bastante tempo na empresa, relata que está acomodado com relação a avaliar o mercado de trabalho, demonstra não ter um planejamento futuro de sua carreira.

O relato de LOG (APÊNDICES L, M e N) demonstra adaptação às exigências externas ao buscar o Ensino Superior, principalmente da empresa em que trabalha, ao iniciar os estudos relata com satisfação os conhecimentos adquiridos e vivência na faculdade, responsável por mudar sua percepção sobre o Ensino Superior.

Após a apresentação desses relatos iniciais, as análises apresentadas na sequência consideram as categorias estabelecidas e o entrelaçamento dos relatos de todos sujeitos envolvidos no processo de construção e interpretação da configuração dos sentidos subjetivos das escolhas profissionais desses estudantes.

4.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Conforme exposto anteriormente, as quatro categorias de análise desta pesquisa são: sentidos subjetivos da escolha profissional; sentidos subjetivos presentes na trajetória do Curso Superior de Tecnologia; configuração das escolhas: interfaces entre vivências escolares, familiares e condições econômicas; e expectativas relacionadas ao mercado de trabalho e futuro profissional.

Apresentamos, a seguir, os achados referentes a cada uma dessas categorias.

4.2.1 Sentidos subjetivos da escolha profissional

Buscou-se, por meio da construção da análise da pesquisa, compreender os processos de escolhas e os sentidos subjetivos envolvidos em sua configuração nos relatos dos participantes. Evidencia-se a complexidade da escolha profissional, sendo multideterminada e marcada pela interface de diversos aspectos em sua constituição, conforme defende a Psicologia Histórico-Cultural.

Vigotsky (1991a) conceitua a situação social de desenvolvimento, na qual o sujeito mantém sua singularidade e ao mesmo tempo reflete as condições sociais e ideológicas, colabora para a compreensão desse processo dialético em que se visualiza as singularidades dos sujeitos e ao mesmo tempo é possível analisar suas inter-relações com o meio social onde estão inseridos.

Dessa forma, ao considerar os motivos envoltos nas escolhas dos quatro sujeitos, nota-se a maior relevância de fatores do mercado de trabalho e as necessidades de qualificação e de adaptação impostas pelo neoliberalismo, predominando assim processos ideológicos do momento histórico atual. Os participantes relatam:

Na verdade, eu escolhi Recursos Humanos mesmo pelo... por causa de achar uma profissão **para se enquadrar no mercado de trabalho**, por exemplo. Não foi nada pensado assim... não foi nada assim, ah, um sonho que eu quero ser tal coisa. Nunca tive! (TES_GRH1)

Eu ponderei o que esse curso iria me trazer de conhecimento que eu **pudesse transmitir ao empresário**, que é o meu cliente hoje. (TES_PG)

Ao finalizar o Ensino Médio, os participantes demonstraram a falta de definição sobre os próximos passos de estudo e planejamento de carreira. Permaneceram por vezes

longo tempo sem estudar e priorizaram o trabalho devido à necessidade de manutenção financeira.

Percebe-se que as condições sociais e culturais não impulsionaram a mobilização de desejos, o reconhecimento de profissões mais próximas de possíveis afinidades e a realização pessoal. GRH1 enfatiza repetidamente a falta de projeções e sonhos relacionados com sua carreira; LOG, por sua vez, revela que por longo tempo manteve uma visão limitada ao considerar a possibilidade de cursar o Ensino Superior.

Bom, sempre estudei em colégio público, e pensava que faculdade era só federal, provas imensas com muita preparação, etc. Eu achava **que não era capaz**, então quando terminei o Ensino Médio eu não sabia qual profissão seguir, **nunca** tive esse sonho de querer ser **médica, dentista, nunca** pensei assim... (EES_GRH1)

[...] com a faculdade eu tinha aquele pensamento ainda na época, 12 anos atrás, que era uma coisa assim, que ainda somente o pessoal com **poder aquisitivo maior, né, tinha o acesso**. Então eu acabei me enrolando muito para voltar a estudar um curso superior, né? Com isso eu acabei **não decidindo qual o rumo da minha carreira profissional, né?** Eu fui simplesmente levando ali, e me arrependo de não ter iniciado antes. (TES_LOG)

GRH2 demonstra aproximar-se de suas preferências e interesses ao realizar a escolha. Relata que demorou para a tomada de decisão sobre cursar o Ensino Superior; porém, como já havia trabalhado na área de Recursos Humanos, acredita que prevaleceu sua identificação com o desempenho das atividades. Entretanto, o processo decisório foi marcado pela dificuldade de recolocação no mercado dentro da área de interesse.

[...] eu estava no seguro-desemprego [riso], praticamente nas últimas parcelas, né.? Então **bateu meio que um desespero** mesmo, da minha parte. Eu falei não... eu vou ter que começar o curso, mesmo que seja com a **última parcela do seguro**. (TES_GRH2)

É evidenciado que a maior dificuldade de acesso ao Ensino Superior público se deve ao número reduzido de vagas ofertadas, em comparação ao ensino privado; inclusive, tal condição orientou uma percepção da incapacidade de se sonhar com tal formação, evidenciada nos relatos de GRH1 e LOG. A opção da formação superior se apresentava muito distante da realidade desses jovens, sendo que todos atualmente estudam com bolsa de estudos e/ou subsídio da empresa onde trabalham, demonstrando o impacto das reformas do Ensino Superior na possibilidade de acesso desses estudantes.

Configura-se em suas trajetórias, inicialmente, o distanciamento de se perceberem capazes de conquistar tanto o acesso à formação superior, como de escolher profissões

socialmente mais reconhecidas. É possível questionar o quanto houve uma restrição na articulação de possibilidades pautadas nas reais necessidades por se limitarem a uma perspectiva de incapacidade; dessa forma, percebe-se a falta de projeção de possibilidades de carreira. Essa configuração fez com que os participantes adiassem ou não cogitassem a formação superior, que foi percebida como uma necessidade após a vivência da competitividade do mercado de trabalho.

As condições econômicas que nortearam a perspectiva de não conseguir ter acesso ao Ensino Superior foram reavaliadas ao tomar conhecimento das possibilidades de bolsa de estudos e subsídio da empresa em que trabalham.

Então na época que eu fiquei desempregada, então eu falei, vou ter que estudar de novo e tal. Aí eu fiquei sabendo do **Educa Mais Brasil**. Eu vi os comerciais na televisão, né? (TES_GRH1)

Eu tive um **incentivo da empresa**, eles pagam 50% da minha bolsa e eu também tive incentivo do **Quero Bolsa**, então para mim ficou mais tranquilo assim em questão da faculdade. A parte econômica ficou mais tranquilo para mim. (TES_LOG)

O processo decisório foi marcado pela necessidade de resgatar o tempo considerado perdido por não terem estudado anteriormente, bem como pela busca por agilizar a formação e assim mudar suas realidades de desemprego ou manutenção do emprego atual. Conforme declara Rosa (2019), a sensação de aceleração do tempo impacta profundamente nossa sociedade e acarreta alienação e dessincronização, gerando o sentimento que estamos sempre para trás, como se não conseguíssemos acompanhar as necessidades do mundo em que estamos inseridos, sempre devendo algo.

Que foi um curso (Administração) que eu pensei fazer, mas que eu fiquei pensando... são **quatro anos**, aí comecei a me preocupar com a idade, já era mãe, sem ter muito uma profissão. Eu vou entrar em uma faculdade de quatro anos! Quando eu me formar, meu Deus do Céu, **já vou estar velha!** [risos], já penso assim! (TES_GRH1)

Porque eu precisava de algo que fosse **rápido e objetivo**. (TES_PG)

Então eu já estava há cinco anos aqui [empresa em que trabalha] e não tinha ainda o ensino superior. Então era uma das exigências, não foi cobrado nesse período de cinco anos, mas depois foi cobrado. Então eu também tive que fazer um ensino superior para continuar na função que eu exerço hoje. (TES_PG)

Considerando os conceitos de subjetividade social e individual de González Rey (2003) é possível analisar que, ao se depararem com o momento da escolha profissional para o Ensino Superior, as vivências da trajetória escolar e das interações sociais que constituem a

subjetividade social do meio em que participam os sujeitos compõem suas subjetividades individuais e direcionam as alternativas de escolhas. Assim, se não houver durante o processo de formação possibilidades de conhecimento e experiências que conduzam à transformação do indivíduo em um sujeito crítico, com capacidade de ruptura e articulação de suas opções, o processo decisório se demonstra pautado em visões muito restritas da realidade.

Porque foi uma coisa assim de **uni, duni, tê, sem saber!** (TES_GRH1)

Ao considerar que os processos de escolhas não foram configurados no conhecimento mais aprofundado de seus reais motivos e necessidades, compreende-se que tampouco houve a possibilidade de articular opções mais próximas da conciliação de direcionamentos de condições sociais, econômicas e do mercado de trabalho, assim como de desejos e afinidades.

Porém, apesar da identificação dos participantes com o curso durante o processo de formação, é notável que a escolha não está solidificada para GRH1, pois a dificuldade em conseguir uma oportunidade de trabalho dentro da área de formação e o sentimento de não atender às exigências do mercado, mesmo na fase final de sua formação, geram dúvidas e novos interesses. LOG e PG não demonstram clareza sobre os próximos passos de suas carreiras.

Porque eu... eu... eu já vi que **não vai ser fácil eu trabalhar na área... não vai ser fácil** e por curiosidade mesmo, por querer aprender outra coisa e por... Processos Gerenciais ter muita essa coisa de liderança e tal. Eu tava lendo lá na grade... então eu acho que se fosse possível **eu me formaria em outra coisa já!** [risos] (TES_GRH1)

No futuro eu me vejo... **ainda não tenho planejado.** (FI_LOG)

[...] quando eu escrevi porque eu escolhi fez eu refletir um pouco, porque eu tinha escolhido e se **é isso mesmo que eu quero seguir a partir de agora!** Por isso que eu estou nessa reflexão da minha Pós ainda! [sorriso] (TES_PG)

Desse modo, ao analisar os sentidos subjetivos da escolha profissional dos participantes, destaca-se a predominância de fatores do meio social e processos ideológicos relacionados ao neoliberalismo e aceleração do tempo como influências na configuração das escolhas profissionais.

Passa-se, agora, à proposta de compreensão das interfaces específicas com o Curso Superior de Tecnologia.

4.2.2 Sentidos subjetivos na trajetória do Curso Superior de Tecnologia

Os Cursos Superiores de Tecnologia constituem uma alternativa frente ao sentimento de aceleração do tempo e a alta exigência de qualificação imposta pelo mercado de trabalho. Some-se também a ideologia do neoliberalismo que, segundo Dardot e Laval (2016), apresenta o sujeito como o único responsável por sua própria limitação e que precisa se adaptar constantemente às prerrogativas de qualificação e desenvolvimento de competências para ter acesso às possibilidades de mudanças e ascensão profissional, social e econômica. Assim, a formação é percebida como uma possibilidade de acelerar a qualificação direcionada especificamente no desenvolvimento de competências para as atividades laborais – trata-se, portanto, de conquistar uma profissão.

Eu escolhi este curso primeiro porque é um **curso mais curto**, e porque eu já tinha um curso técnico de secretariado e gostaria de me graduar com um tempo menor. (EES_GRH1)

[...] porque desde o período que eu terminei o Ensino Médio até o **retorno aos estudos da faculdade** foi em média **dez anos**, né? (TES_LOG)

Então o curso com dois anos, eu conseguiria me **capacitar e conseguir esse destaque** no mercado de trabalho também. Por isso que eu escolhi o curso de Tecnologia, pelo **tempo** e pela questão do ensino que é **mais técnico né, é centrado**. (TES_GRH2)

O mercado de trabalho se apresenta de forma competitiva e exige qualificação para obter um emprego, mantê-lo e crescer profissionalmente. É um processo contínuo e infinito. Nesse contexto, a escolha pelo Curso Superior de Tecnologia é uma alternativa para esses jovens responderem de forma mais acelerada às exigências que se deparam. O cenário é marcado pela falta de planejamento de carreira e de mais análises; a resposta está relacionada às necessidades impostas pelo meio externo.

Foi o que eu senti como uma **necessidade** ao ver que já tava adulta sem uma profissão, sabe? **Difícil de arrumar emprego**. (TES_GRH1)

Olha foi bem na **época da crise** mesmo [riso], começaram a ocorrer vários desligamentos, várias lojas começaram a fechar de uma hora para outra, né? [...] Então nessa parte que eu comecei a ficar preocupado mesmo e eu precisaria de um **conhecimento mais aprofundado** na minha área para eu conseguir uma nova oportunidade de emprego, né? (TES_GRH2)

A formação superior é percebida como uma possibilidade de transformação da realidade profissional, social e econômica.

Cursar uma faculdade representa para mim... **realização de um sonho uma porta para atingir meus objetivos.** (FI_GRH1)

Destaca-se, nesse contexto, o estado atual de satisfação com o curso escolhido pelos participantes:

Mas eu **gostei** do curso em si, em **tudo que a gente aprendeu**, é... [pausa] me vejo assim, trabalhando na área e tal, **gostaria muito**, não dá para falar assim, ah... não gostei, **me arrependo, não!** (TES_GRH1)

Eu acho que eu **cresci muito em conhecimento** em todas as áreas! (TES_PG)

Você olha para os processos que você já está executando, você olha para o seu dia a dia, sua rotina, e à medida que você vai aprendendo, você vai tendo novos conteúdos que batem com o seu cotidiano, eu vejo que **abre um novo horizonte!** (TES_LOG)

Um fator importante é a percepção por parte dos participantes das mudanças com relação a suas rotinas de trabalho e o despertar de novos conhecimentos que impactaram em suas vidas pessoais e profissionais. É possível salientar que, dentro de um processo crítico do acesso limitado à educação integral desses jovens, coloca-se um contraponto: mesmo limitados às questões de âmbito mercadológico, os Cursos Superiores de Tecnologia estão atendendo à uma demanda emergencial de qualificação das classes menos favorecidas, possibilitando a construção de novas vivências e gerando novos sentidos sobre suas possibilidades futuras.

Por meio da construção interpretativa dos diálogos, é possível analisar a influência da ideologia do neoliberalismo e o direcionamento de necessidades de adaptação ao mercado de trabalho. Porém, somam-se ao processo de configuração das escolhas nos relatos dos participantes outras influências, como as vivências relacionadas à trajetória escolar e os familiares, bem como as condições econômicas. Tais aspectos serão abordados na próxima categoria.

4.2.3 Configuração das escolhas: interfaces entre vivências escolares, familiares e condições econômicas

O processo de formação escolar do sujeito é mais um fator de influência sobre o processo decisório, que pode prepará-lo de forma a estimular possibilidades mais conscientes – ou contribuir para sua alienação. Conforme Enguita (1989), no contexto histórico atual em que predomina a narrativa da eficiência e da carreira obsessiva, surgem os modelos educacionais dentro da perspectiva capitalista, que são marcados por uma formação mecânica

e distante da interdisciplinaridade, investindo na qualificação de mão de obra para as empresas. Assim, a trajetória escolar até o momento da escolha pela formação superior tem papel primordial, por ser um período cuja condução poderá estimular o pensar e questionamento de ideologias ou favorecer o processo de alienação do sujeito, que configura o processo decisório de forma menos crítica.

Destaca-se que os participantes demonstraram em comum a realização da formação prévia ao Ensino Superior em escolas públicas, iniciando atividades profissionais durante ou logo ao finalizar o Ensino Médio. A prioridade foi o ingresso no mercado de trabalho ao invés da continuidade nos estudos, sendo que as primeiras experiências profissionais foram em cargos operacionais e usualmente com maior carga de esforço físico.

O aprendizado se revelou necessário para os sujeitos, embora não tenham sido despertados pelo interesse por cursar o Ensino Superior em um primeiro momento, por falta de orientação de carreira ou sentimento de impossibilidade:

É que normalmente, a gente já faz essa escolha quando sai do Ensino Médio, né? Então você faz o Enem e já ingressa numa faculdade. **Esse período eu tava meio que desfocado** assim, sabe? (TES_GRH2)

Não sei, sabe acho que de **não conseguir dar conta** [do conteúdo no Ensino Superior], **sabe?** (TES_LOG)

É possível perceber a prevalência de um modelo educacional reducionista na trajetória dos participantes, que não foram mobilizados a desenvolver o pensamento crítico e avaliarem as diversas influências inter-relacionadas em seus processos decisórios, corroborando para as afirmações de Enguita (1989) e Frigotto (2007). Nesse aspecto destaca-se a importância dos estudos no campo CTS, nos quais a premissa é o investimento na educação que estimule uma visão sistêmica e crítica, através da interdisciplinaridade e do questionamento sobre a neutralidade do desenvolvimento tecnológico sobre o meio social e os sujeitos. Dessa forma, amplia e prepara os cidadãos para a participação nos processos decisórios de forma mais independente de fatores ideológicos.

Ao vivenciar uma limitação no processo educacional anterior à escolha pelo Ensino Superior, evidencia-se o distanciamento da projeção do acesso a tal formação por parte dos participantes, que não demonstraram mobilização pela busca de conhecimento sobre suas reais possibilidades. Os sujeitos permaneceram, por certo tempo, com a premissa de que cursar uma faculdade seria algo complexo dentro de suas realidades. Somente através da necessidade imposta pelo mercado de trabalho em situações de desemprego ou para

manutenção de seus empregos, as bolsas de estudo e subsídios da empresa em que trabalham foram uma alternativa.

Então para isso eu tive que também pedir ajuda da própria empresa. Então eu consegui uma **bolsa da faculdade e o restante a empresa paga para mim!**
(TES_PG)

Um ponto de destaque e contraponto é a quebra de algumas ideologias limitantes ao ingressarem no Ensino Superior, demonstrando que mesmo de forma limitada, a vivência gerou processos de ruptura e de transformação da realidade, que logicamente poderiam ser ampliados através de uma educação focada na emancipação desses jovens. Os participantes destacam a satisfação por quebrar a visão de incapacidade de acesso e distanciamento do Ensino Superior. Um fator positivo é o subsídio para o pagamento dos estudos de dois participantes, revelando a colaboração das empresas que, para se adaptarem às necessidades de qualificação e de aumento no desempenho dos funcionários, se posicionaram em um papel de corresponsabilidade.

A vivência no Ensino Superior colaborou para a ruptura do sentimento de limitação e para a mobilização do desejo de continuar estudando ou estender essa realidade para suas famílias. Esse aspecto reafirma a visão proposta por Vigotsky (2000) segundo a qual o homem, enquanto produto e produtor de sua história, reflete e refrata as condições do meio social; dessa forma, também modifica o meio em que está inserido, por meio de sua própria transformação.

Então foi bem legal, quando eu comecei a cursar também, eu comecei a incentivar minha **mãe** e ela **começou a estudar também** nesse período. Então foi bem legal!
(TES_GRH2)

As vivências familiares influenciam a perspectiva de estudo e de carreira, constituindo outro fator que opera na constituição da subjetividade do sujeito, influenciando a formação dos sentidos subjetivos atribuídos aos processos de formação educacional, profissão e carreira, dentre outros.

As famílias dos participantes apresentam condições sociais e econômicas menos favorecidas. Os pais não tiveram acesso ao Ensino Superior e, embora defendessem a importância do estudo, não vivenciaram de forma mais próxima a rotina da formação superior; dessa forma, apresentam menos preparo para a efetivação de uma orientação mais

específica dessa realidade. Os participantes ou seus irmãos foram os primeiros da família a ter acesso ao Ensino Superior.

Então [os pais diziam] estude, só que **não dava caminho**, até porque eles nem estudaram. Meu pai e minha mãe... meu pai parou no Ensino Fundamental e minha mãe no Ensino Médio. (TES_GRH1) [...] Então, tipo assim... eles não, a gente **não tinha um norte**, assim, sabe? (TES_GRH1)

Para os meus pais o incentivo de estudo deles era terminar o Ensino Médio, porque como eles tiveram só o Fundamental, para eles era importante que a gente terminasse tudo. **Agora para fazer o Ensino Superior, eles não falavam nada assim!** (TES_PG)

Dentro dessa realidade, o sentido do estudo é novamente reforçado como promotor da obtenção de um melhor emprego e de adaptação ao mercado de trabalho.

Com **pouco estudo**, né, e **muito esforço físico**, né? Então eles sempre falaram “estude”! Mas não... não... acho que por não ter mesmo, né, um conhecimento ou alguma coisa assim, e acabou que eu fui crescendo e tal, sem muito saber assim, **não foi nada lapidado assim.** (TES_GRH1)

Um aspecto vivenciado na estrutura familiar de GRH1, pelo fato de estar desempregada, é a dificuldade de obter a formação superior e após essa conquista o mercado de trabalho não disponibilizar oportunidades de emprego dentro da área de formação, refletindo em sentimento de frustração e insegurança. Esse fator não foi evidenciado pelos demais participantes, por estarem trabalhando dentro de suas áreas de formação.

[...] e se formou em Biologia na PUC [seu primo], mas também, **coitado! Nunca conseguiu trabalhar na área! Lutou** um monte, se formou endividado para caramba, porque é PUC, né? E ele era bolsista [...] E hoje em dia quem arrumou emprego para mim (...)? O próprio! Trabalha como **atendente** [...]. (TES_GRH1)

Os relatos evidenciam o sentido da formação superior como fator primordial para mudar a realidade de vivência de trabalhos, percebidos como mais simples e operacionais para realidade de profissões mais valorizadas, com menor esforço físico e maior ganho salarial. O mercado de trabalho manifesta, assim, sua competitividade e seletividade.

Em contrapartida, surge a descoberta de que a formação superior não é necessariamente a única exigência desse mercado que, mesmo impondo a qualificação, não viabiliza condições melhores de emprego para os que se esforçam para atender essa exigência. Dias (2009) denunciou essa problemática que tem se intensificado nos últimos anos, destacando que:

No mercado de trabalho, o curso superior já não garante uma carreira prestigiosa, bem remunerada e segura, mas, atualmente, não possuir diploma, traz consequências ainda mais negativas aos jovens. (DIAS, 2009, p. 16).

Outro aspecto evidenciado foi que as condições econômicas exercem influência na configuração da escolha profissional; contudo, não podem ser percebidas somente como fator limitante. Os participantes são de origem econômica menos favorecida e descrevem vivências de instabilidade e falta de apoio financeiro da família para viabilizar seus estudos. Assim, até o Ensino Médio por terem acesso à escola pública não ocorreram intercorrências, mas pela concorrência para ingressar no Ensino Superior público, a alternativa foi a instituição privada. Tal fato colaborou para retardar o processo de escolha pela continuidade no processo de formação.

Meus pais sempre acharam importante a gente estudar, mas eles **não tinham os recursos para nos bancar nesses estudos**, vamos dizer assim, porque eles eram de uma família muito humilde, apesar de eles saberem que o estudo era muito importante, **não tinha muito incentivo**. (TES_PG)

No atual momento, por estarem trabalhando, LOG, PG e GRH2 relatam estabilidade financeira; GRH1, porém, manifesta suas dificuldades atuais, intensificadas por um período de desemprego.

Financeiramente me avalio como... **péssimo, sempre vivendo no limite** de contas e gastos, **ganhando pouco**. (FI_GRH1)

A falta de oportunidades de GRH1 no mercado de trabalho direciona a aceitação de empregos não alinhados com suas expectativas, deixando de lado os desejos para priorizar as necessidades de subsistência.

Então eu aceitei esse trabalho assim, mas como um **cabo de salvação** ali do que qualquer outra coisa! Não teria aceitado se eu tivesse outra oportunidade ou se eu não tivesse tão apertada no momento como eu tô agora, com o telefone celular atrasado, cheque especial estourado, cartão de crédito, eu tô numa situação assim que... **tá bem difícil**, eu **não tava vendo uma luz no final do túnel**. (TES_GRH1)

As condições econômicas podem restringir escolhas baseadas na busca de satisfação pessoal, operando como diretrizes de comportamentos que priorizam o momento presente e a supressão de necessidades de manutenção da sobrevivência. Fica para o futuro a expectativa de mudança dessa realidade, normalmente tendo a formação superior como a possibilidade de

ampliação de oportunidades. Essa condição está relacionada às expectativas relacionadas ao mercado de trabalho e ao futuro profissional.

4.2.4 Expectativas relacionadas ao mercado de trabalho e futuro profissional

O mercado de trabalho se desvela de forma impiedosa na subjetividade dos participantes, que por meio de seus relatos apresentam sentidos subjetivos relacionados à competitividade, à volatilidade, à crise, à alta exigência e à falta de oportunidades.

O mercado de trabalho é **implacável e muito competitivo**, na hora de procurar emprego, se você **não preenche exatamente os pré-requisitos** de uma vaga, você **não é chamado** nem para uma entrevista. (EES_GRH1)

O mercado de trabalho atual está se **reinventando**. (FI_LOG)

O mercado de trabalho atual está em **crise**. (FI_PG)

O mercado de trabalho atual está **parado, com poucas oportunidades**. (FI_GRH2)

Os participantes apresentam vivências marcadas por oportunidades de trabalho permeadas pelo esforço físico, por períodos de desemprego e pela exigência de qualificação constante.

A invisibilidade é um fator fortemente presente na fala de GRH1, que reforça o sentimento de exclusão do mercado de trabalho. Esse fato direcionou a necessidade da formação superior para uma possível abertura de portas – que na verdade se transmuda, ao exigir, além da formação, a experiência dentro da área de formação, algo que ela não possui.

Aí eu saí e tentei arrumar emprego... tentei arrumar emprego e **fiquei dois anos desempregada** assim, sem... sem... nossa! Parecia que **meu currículo não existia**, mandava currículo para tudo que era lugar. (TES_GRH1)

Então eu acho que é uma **barreira** bem grande assim! (TES_GRH1)

Tais exigências também estão presentes na vivência de GRH2 e se caracterizaram de forma diversa. Em um primeiro momento, por apresentar somente a experiência na área, defrontou-se com a dificuldade de novas oportunidades de trabalho; porém, logo que iniciou o Curso Superior, relata ter conquistado uma posição de destaque e foi aprovado no processo seletivo de uma vaga de estágio, na qual posteriormente pode ser efetivado em sua área de formação. Assim, é perceptível que devido à alta demanda de jovens universitários em busca de uma colocação o mercado se posiciona de forma seletiva, exigindo sempre diferenciais de

qualificação – até mesmo para ocupações iniciais dentro das organizações, como uma vaga de estágio.

Tentei bastante! Confesso que eu fiz muitas entrevistas e não conseguia uma oportunidade mesmo, devido à falta do curso superior. (TES_GRH2)

Precisava de alguma forma me **destacar** e tentar essa nova oportunidade, foi aí que eu **comecei o curso** mesmo e depois de um mês mais ou menos **consegui o estágio**, fiquei muito feliz. Fiz um ano de estágio e consegui ser efetivado na mesma empresa. (TES_GRH2)

A vivência de dificuldades relacionadas à inserção no mercado de trabalho denota a mudança de sentidos com relação à formação superior. Embora inicialmente a formação seja considerada a solução para atender às necessidades do sistema neoliberal ao direcionar escolhas dentro dessa ideologia, os objetivos de ascensão profissional nem sempre são atendidos. Nesse contexto, Dias (2009) analisa a situação da inserção/transição do sistema educacional para o mercado de trabalho:

Diante deste quadro, vivenciar ou não a qualificação, configura-se para os universitários como um período de angústia pela saída do universo escolar e o ingresso em uma situação não definida, e relaciona-se muitas vezes, não com a condição de trabalhador, mas com a perspectiva da condição de desempregado. Na situação da inserção/transição é que ambos os temas: os sentidos do trabalho e os projetos de vida adquirem maior intensidade e podem ser apreendidos na forma como se expressam os formandos ao saírem do sistema de ensino. (DIAS, 2009, p. 17).

Nos relatos dos participantes, apesar da presença de sentimentos de angústia por vivenciar essa realidade, nota-se o desejo de continuar lutando e competindo por um espaço social diferenciado do atual.

Apesar disso espero encontrar **meu lugar ao sol e conseguir vencer essa briga de cachorro grande** para poder sobreviver e quem sabe realizar o sonho de ter uma **carreira corporativa** dentro de uma organização. (EES_GHR1)

A trajetória de construção e interpretação dos relatos dos participantes permitiu analisar as diversas interfaces e influências na configuração da escolha pelo Curso Superior de Tecnologia, assim como a projeção de suas expectativas de futuro. Durante esta pesquisa, conforme já abordado, a sociedade vivencia um momento de extrema fragilidade e crise sanitária, política e econômica, devido aos impactos da pandemia do coronavírus. Essa realidade interfere de forma intensa sobre a vida atual das pessoas – e, por extensão, sobre suas perspectivas futuras, ainda mais norteadas por incertezas e insegurança.

Bom... eu quero me **formar** agora em 2020, **se Deus quiser** [risos], **futuro próximo que não chega nunca** [risos]. Esse 2020 com essa **pandemia**, olha! (TES_GRH1)

A subjetividade é impactada por condições adversas da realidade atual. Cabe ressaltar que as histórias de escolhas profissionais dos quatro participantes, embora singulares, demonstram similaridades por vivenciarem condições sociais, culturais, familiares e econômicas muito próximas, podendo assim se articular interpretações coletivas. Porém, a vivência atual de suas carreiras se configura de forma diferenciada: GRH1 se encontra em busca de inserção no mercado de trabalho dentro de sua área de estudo; GRH2 está trabalhando dentro de sua área de formação, oportunidade que acredita ter sido possível através do Ensino Superior, somado à sua experiência prévia; PG e LOG estão empregados e buscaram o Ensino Superior alinhado ao cargo que ocupam no presente momento. Assim, suas projeções sobre o futuro profissional estão marcadas por tais vivências individuais que impactam diretamente em seus projetos de vida.

Segundo Boutinet (2002), devido às grandes modificações do mundo moderno e ao sentimento de insegurança relacionado a um cenário altamente competitivo, os sujeitos demonstram a necessidade de antecipação de ações e planejamento dentro de projeções de futuro. Desse modo, a construção de um projeto de vida alicerçado em pensar mais consciente, que avalia antecipadamente possibilidades e estabelece ações articuladas dentro de (im)possibilidades pode ser uma alternativa para os processos de transformação da realidade desses jovens. Em relação ao projeto de vida, Dias (2009) afirma:

Na realidade, afirma-se que existe no sujeito um projeto de continuidade de si mesmo, e o sujeito se relaciona com o meio à partir da perspectiva de sua continuidade, de sua sobrevivência, ou seja da manutenção da própria vida. Se estabelece como um movimento mais ou menos consciente das múltiplas possibilidades objetivas do sujeito lograr êxito em sua vida pessoal e profissional. (DIAS, 2009, p. 92).

Ao analisar os relatos nota-se que nenhum dos quatro participantes demonstra a estruturação de planejamentos futuros de modo mais organizado. As perspectivas profissionais futuras de GRH1 são marcadas pelo receio de sonhar e não atingir objetivos; dessa forma, o que poderia ser percebido como algo concreto e permitido de ser sonhado é sentido apenas como uma esperança, distante de sua realidade. Identifica-se, assim, um comportamento de defesa frente às várias adversidades, pelo receio de decepções e da não conquista de objetivos, ocorrendo o predomínio da cautela e de atuação “dentro da realidade”. Caso essa condição não seja compreendida, pode gerar conformismo e facilitar a permanência

em um processo de alienação, marcado por uma visão que restringe suas possibilidades de articular opções de escolha mais conscientes, mantendo-se presa à ideias de que não é possível transformar tal realidade.

Expectativa de mudar, de acontecer alguma coisa que mude o rumo da minha vida profissional, assim, eu ainda tenho, mas **não com muita**, assim [...] é... muita **crença**, assim, sabe, **que vai dar certo**. (TES_GRH1)

GRH2 relata que o mercado de trabalho apresenta poucas oportunidades e se desvela de forma seletiva e com exigência de qualificação. Nota-se a predominância de sentidos subjetivos relacionados à necessidade de contínua adaptação ao mercado de trabalho, que direciona à necessidade de um diferencial em relação aos demais e à responsabilidade por sua qualificação constante. Acredita que, por estar empregado e não acompanhar as tendências atuais do mercado, caso tenha que procurar nova oportunidade de trabalho será necessário se adequar novamente. As perspectivas profissionais futuras são delineadas por planos de continuar os estudos na área e pela busca de experiência internacional.

Atualmente eu pretendo terminar a faculdade, dar um caminho no mesmo sentido, em uma pós na área, que visa o Recursos Humanos ou a gestão de pessoas. E ao terminar a Pós, eu pretendo dar uma olhada como está o mercado de trabalho fora do país. Se eu consigo fazer um estágio fora ou um intercâmbio, alguma coisa. (TES_GRH2)

PG, por sua vez, está inserida em um contexto de empreendedorismo. Embora perceba o mercado de trabalho em crise, acredita que toda organização precisa de bons profissionais com sua formação para realizar a gestão dos negócios. Concebe a possibilidade de ser dona do próprio negócio, o que, mesmo com as adversidades para o empreendedor, percebe como um ambiente de oportunidades em que somente o sujeito é responsável pelo êxito futuro de suas articulações com o mercado. Assim, em sua fala, demonstra a necessidade de realização através do empreendedorismo, apoiada na perspectiva da necessidade de tentar e, se não conseguir, continuar tentando.

Bom, há um mês atrás eu recebi uma oportunidade de fazer sociedade em uma empresa de mídias digitais. Então devido a isso, eu estou pensando na minha Pós, porque **eu tinha algo em mente e talvez eu tenha que mudar isso**, né? (TES_PG)

LOG demonstra em seu relato um sentimento de arrependimento pela demora em cursar o Ensino Superior. Por estar há um longo período na mesma empresa, acredita não ter acompanhado as necessidades do mercado de trabalho – situação que descreve com o termo

“acomodado”. Embora relate características de procrastinação, nota-se a relação de ambiguidade entre um sentimento de autoexigência e conformismo com sua realidade atual. Para o participante, seu crescimento profissional somente será possível buscando novas oportunidades de trabalho, pelo fato de a empresa em que trabalha ser pequena.

Então meu futuro profissional assim, eu também, devido a não ter essa pesquisa do posicionamento no mercado de trabalho, acho que eu fico **meio acomodado**.
(TES_LOG)

No entrelaçamento dos relatos e vivências dos quatro sujeitos, foram articuladas construções interpretativas que contribuíram, por meio de zonas de inteligibilidade, para a análise da realidade de jovens estudantes dos Cursos Superiores de Tecnologia e especificamente sobre suas escolhas profissionais. Dessa forma, a pesquisa gerou conhecimentos sobre a realidade estudada, porém, conforme já salientado, não da totalidade dessa realidade.

A análise das subjetividades individuais e das quatro categorias nos possibilitou enveredar em um processo de construção de conhecimento que se reflete em questionamentos sobre os processo educacional brasileiro, (im)possibilidades profissionais de estudantes de classes sociais menos favorecidas, multideterminações das escolhas, consciência e alienação, mercado de trabalho, neoliberalismo e aceleração do tempo.

Defende-se a importância do desenvolvimento de um pensar crítico, não naturalizando as determinações das escolhas. Em determinadas situações é conveniente pensar que não somos totalmente livres e assim nos deixarmos conduzir por processos ideológicos. A proposta, entretanto, é investir no desenvolvimento de uma maior conscientização. Desse modo, embora se tenha que lidar com realidades de limitação e diferenças sociais, econômicas, familiares, emocionais, a perspectiva adotada reconhece e entende como essas inter-relações impactam o processo decisório e o projeto de vida e profissional; pode-se, assim, escolher por meio de uma maior compreensão dos impactos e reais (im)possibilidades e necessidades do próprio sujeito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso desta pesquisa evidenciou-se a constante mutação da sociedade, impactada pelo desenvolvimento tecnológico e invariavelmente sobre o reflexo dessa inconstância no mercado de trabalho e no processo educacional brasileiro. Nesse cenário, as escolhas profissionais estão ainda mais marcadas por um sentimento de insegurança e incerteza. Assim, a capacidade de escolher é muitas vezes questionada: afinal, o sujeito é livre em seus processos decisórios ou impelido a responder às necessidades do ambiente externo?

Esta pesquisa pretendeu colaborar com análises sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural sobre a configuração dos sentidos subjetivos que operam sobre a escolha, especificamente de estudantes que realizaram a opção por Cursos Superiores de Tecnologia. É perceptível a relação entre a atual dinâmica do mercado de trabalho e a escolha dos jovens por essa modalidade de formação, que é uma opção de aceleração na obtenção do diploma de nível superior. Tal adaptação do processo de educação superior através da implantação de cursos focados na profissionalização e com menor carga horária foi impulsionada especificamente pela necessidade do mercado de trabalho de formar profissionais qualificados para o uso das novas tecnologias e ampliou a possibilidade de acesso para a classe menos favorecida.

A partir das análises realizadas e considerando os objetivos propostos pela pesquisa, apresentam-se de forma compilada os principais achados:

- 1) Sobre os sentidos subjetivos atribuídos por estudantes para a escolha por Cursos Superiores de Tecnologia: percebe-se que estão vinculados à necessidade de aceleração da formação gerada pela percepção do atraso em iniciar uma faculdade logo após o término do Ensino Médio e pelo fato de ser direcionada à preparação para uma profissão específica, atendendo assim às exigências do mercado de trabalho, da ideologia neoliberal e situações de desemprego. A configuração da escolha está relacionada à aceleração no processo de formação, que é uma necessidade; o motivo é a decisão pelo Curso Superior de Tecnologia;
- 2) Sobre a configuração dos sentidos subjetivos relacionados às escolhas profissionais e os sentidos presentes na trajetória das escolhas: nota-se que foram permeados por trajetórias escolares prévias ao Ensino Superior em escolas públicas, com menor investimento em vivências de uma formação integral que possibilitasse o questionamento de ideologias limitantes, assim como por estruturas familiares marcadas por vivências de familiares e atividades

profissionais mais operacionais e pela falta de preparo para a realização de um processo orientativo sobre profissão e carreira. As escolhas profissionais foram direcionadas pelo ideal neoliberal da necessidade de formação para corresponder às exigências do mercado de trabalho, com foco na profissionalização e pela vivência de condições econômicas menos privilegiadas, sendo o estudo superior realizado por meio do uso de bolsa estudantil ou/e subsídio de empresas;

- 3) A expectativa do estudante sobre o mercado de trabalho para a sua área de formação e futuro profissional: é impactada pela vivência atual em suas atividades laborais. Os participantes relataram, como características do mercado, a volatilidade, a exigência e a falta de oportunidades. Atribuem a si próprios a necessidade de qualificação constante. Os que estavam trabalhando no momento da pesquisa, porém, revelaram perspectivas atreladas à possibilidade de realização profissional, norteadas por constantes adaptações. A participante que não está trabalhando em sua área de formação denota que a falta de experiência é um fator considerado limitante, movendo a necessidade de novas escolhas e adaptações. Salienta-se a falta de planejamento futuro e de investimento em projeto de vida e profissional.

Conclui-se que aspectos educacionais, familiares, econômicos e ideológicos estão envolvidos no processo decisório dos participantes, o que demonstra a multideterminação das escolhas. É possível analisar o impacto predominante do direcionamento do ideário neoliberal, em que o sujeito é o único responsável por sua qualificação, que deve ser constante, com foco na profissionalização e adaptação às necessidades de uma sociedade capitalista. Nesse cenário, a formação superior se apresenta como alternativa para mudanças e transformação de realidades de trabalhos precarizados, mas que ao final da formação não garante a obtenção de melhores oportunidades, se não estiver somada a outras qualificações, como experiência na área de formação, por exemplo.

Destaca-se uma atitude mais reativa dos participantes ao se adaptarem às imposições com as quais se depararam durante sua trajetória profissional, que poderia ser transformada de forma mais ativa e libertadora. Essa condição de escolha está atrelada às vivências anteriores dos sujeitos, as quais foram analisadas na pesquisa de forma coletiva. Na situação social de desenvolvimento de todos os participantes percebe-se a falta de oportunidade de vivenciar situações educacionais, familiares e sociais que estimulassem o protagonismo e o pensar

crítico. O questionamento que se faz é: como podemos cobrar maior liberdade e consciência na escolha se esse processo não foi estimulado durante a trajetória e as vivências anteriores?

Não se trata de questionar qual a melhor escolha, muito menos argumentar que os Cursos Superiores de Tecnologia não são bons; ao contrário, a pesquisa apresentou processos de transformação vivenciados pelo rompimento da perspectiva de impossibilidade de acesso ao Ensino Superior, pela ampliação de conhecimento e pela visão de novas oportunidades após ao ingresso a essa modalidade de formação. O que se questiona é o quanto os sujeitos estão conscientes de suas reais (im)possibilidades e compreendem sua realidade além da necessidade de adequação às exigências do mercado de trabalho, mas também considerando seus desejos e potencialidades.

Conforme analisado no percurso da pesquisa, a escolha é um processo complexo e está relacionada ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores; assim, é importante investir na compreensão da configuração das necessidades dos sujeitos em motivos. Desse modo pode-se proporcionar aos sujeitos o distanciamento de comportamentos mecanizados, atuando com maior autonomia nas escolhas por meio da produção de novos sentidos subjetivos, assim como da ressignificação de outros. Denota-se, assim, um possível processo de ruptura, emancipação, quebra de crenças e comportamentos uniformes, dentre outros aspectos. Desvela-se, portanto, a possibilidade de colaborar para o desenvolvimento de sujeitos mais autônomos, capazes de perceber processos ideológicos e de alienação, questionando-os para articular perspectivas mais conscientes.

Evidencia-se a importância de investir em mudanças no processo educacional com estímulo à formação integral, favorecendo o pensar crítico por meio da revisão das metodologias de ensino que priorizem o desenvolvimento da autonomia e a busca da cidadania. Do mesmo modo, indica-se a necessidade de implantação de estratégias de planejamento de carreira independente do nível escolar, pouco presentes no processo de formação educacional no Brasil, para que o sujeito tenha a possibilidade de conhecer e vivenciar a diversidade de aspectos que articulam suas escolhas.

Um exemplo adotado especificamente na Instituição de Ensino Superior na qual os participantes estudam é o FAPI Talentos, um Núcleo de Carreira e Empregabilidade que foi implantando pela pesquisadora para colaborar à inserção dos estudantes no mercado de trabalho e promover um ambiente de apoio e troca para discussões sobre carreira. Essa iniciativa foi relatada por meio de um pôster no XIV Congresso Brasileiro de Orientação Profissional e de Carreira, organizado pela Associação Brasileira de Orientação Profissional

(ABOP), que ocorreu em setembro de 2019 em Maceió-AL. A implantação, o funcionamento e os resultados do FAPI Talentos foram relatados por Cordova e Dias (2020), que salientam:

A ideia é que os processos de orientação e planejamento de carreira precisam ser contínuos e com especificidades em cada momento de vida do indivíduo, priorizando a perspectiva da relação entre o sujeito e a sociedade. (CORDOVA; DIAS, 2020, p. 269).

A presente pesquisa defendeu a contribuição da Psicologia Histórico-Cultural para a instrumentalização de análises e ferramentas no processo de tornar o sujeito ativo, protagonista. Desse modo, ele pode transcender espaços sociais normativos e superar alienações para que, apesar de lidar em um cenário multideterminado e restrito por questões econômicas e sociais, desenvolva a capacidade de colocar em prática seus reais anseios, desejos e potencialidades por meio de análises de sua realidade social. Assim, Cordova e Dias (2020) ressaltam:

A utilização de estratégias que colaborem para a compreensão dos sentidos e significados relacionados à carreira é uma alternativa para se trabalhar com a possibilidade de transformação da realidade desses jovens, que poderão apresentar maior independência de escolhas e articulação de alternativas de atuação profissional. (CORDOVA; DIAS, 2020, p. 269).

Para finalizar, considera-se que o investimento em pesquisas sobre escolha profissional de estudantes do Ensino Superior é imprescindível para o desenvolvimento de ferramentas para transformação pessoal e social, abrangendo diversas áreas do conhecimento, como a educação, a política e a psicologia – e esta pesquisa é uma contribuição nesse sentido. Salienta-se, contudo, a necessidade de mais estudos empíricos e teóricos, pois é notória a tendência à acentuação dos processos de mudanças e à volatilidade do mercado de trabalho frente às necessidades sociais, financeiras e tecnológicas da sociedade atual.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J. de. A escolha na orientação profissional: contribuições da psicologia sócio-histórica. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 23, p. 11-25, dez. 2006.

AGUIAR, W. M. J. de; BOCK, A. M.; OZELLA, S. A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A. M.; GONÇALVES, M. G.; FURTADO, O. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2009.

AGUIAR, W. M. J. de; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Rev. Bras. Estud. Pedagog. [online]**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, 2013.

AGUIAR, W. M. J. de; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicol. cienc. prof. [online]**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 222-245, 2006.

AMBIEL, R. A. M.; FERRAZ, A.; SIMÕES, N.; SILVA, J.; PEREIRA, E. Predição da definição da escolha vocacional a partir de variáveis familiares. **Avances en Psicología Latinoamericana**, Bogotá, v. 37, n. 1, p. 89-101, 2019. doi: 10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.6193

AMBIEL, R. A. M.; NORONHA, A. P. P. Autoeficácia na escolha profissional: predição de características e perfis de personalidade em estudantes do ensino médio. **Psicol. Reflexo. Crit.**, Porto Alegre, v. 29, 30, 2016. doi: 10.1186/s41155-016-0021-0

AMBIEL, R. A. M.; NORONHA, A. P. P.; CARVALHO, L. de F. Analysis of the professional choice self-efficacy scale using the Rasch-Andrich rating scale model. **Int J Educ Vocat Guidance**, v. 15, n. 3, p. 205-219, 2015. doi: 10.1007/s10775-015-9293-7

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**. Ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. 7. ed. São Paulo: Boitempo, 2005.

ATAÍDE, P. C. O papel das representações culturais na construção da identidade e da escolha profissional docente por mulheres. **Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, Grajaú, v. 1, n. 1, p. 142-157, 2015.

BOCK, S. D. **Orientação profissional: a abordagem sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2006.

BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 26-43, 2004.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOUTINET, J. P. **Antropologia do projeto**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. Lei n. 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 nov. 1968.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CES 436/2001. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 06 abr. 2001. Seção 1E, p. 67.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Diretoria de Estatísticas Educacionais (DEED). **Censo Educação Superior 2018**. Notas estatísticas. Brasília, DF: Inep/MEC, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia**. 3. ed. Brasília, DF: MEC, 2016.

CARVALHO, M. G. Tecnologia e sociedade. In: BASTOS, J. A. **Tecnologia & interação**. Curitiba: CEFET/PR, 1998. p. 89-102.

CHIOCCA, B.; FAVRETTO, L. H.; FAVRETTO, J. Escolha profissional: fatores que levam a cursar uma segunda graduação. **Revista de Carreiras e Pessoas**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 20-34, 2016.

CORDOVA, R. P. de.; DIAS, M.S. de. L. Núcleo de Empregabilidade: mediação entre faculdade e mercado de trabalho. In: LASSANCE, M. C. P.; AMBIEL, R. A. M. (Orgs.). **Desafios e oportunidades atuais do trabalho e da carreira**. Campinas: ABOP, 2020. p. 268-274.

DARDOT, P.; LAVAL, C. A fábrica do sujeito neoliberal. In: DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 321-376.

DIAS, M. S. de L. **Sentidos do trabalho e sua relação com o projeto de vida de universitários**. 272 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

DIAS, M. S. de L.; SOARES, D. H. P. **Planejamento de carreira**. Uma orientação para estudantes universitários. São Paulo: Vetor, 2009.

ENGUIITA, M. F. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FALCÃO, N.; CALDAS, E. C. Diálogos sobre a escolha profissional: a aproximação entre o estudante da escola pública de Ensino Médio e a universidade. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, Chapecó, v. 9, n. 3, p. 147-156, 2018.

FACULDADE DE PINHAIS (FAPI). **A FAPI: conheça nossa estrutura, e mais informações sobre nossa Instituição.** 2020. Disponível em: < <http://fapi-pinhais.edu.br/a-fapi/>>

FARIA, R. R. de. **Os eventos casuais no desenvolvimento de carreira de estudantes do ensino superior.** 177 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2018.

FAVRETTO, J.; MORETTO, C. F. Os cursos superiores de tecnologia no contexto de expansão da educação superior no Brasil: a retomada da ênfase na educação profissional. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 34, n. 123, p. 407-424, 2013. doi: 10.1590/S0101-73302013000200005

FIGUEIREDO, E. S. A. de. Reforma do Ensino Superior no Brasil: um olhar a partir da história. **Revista da UFG**, Goiânia, v. 7, n. 2, p. 13-16, 2005.

FRIGOTTO, G. Fundamentos científicos e técnicos da relação trabalho e educação no Brasil de hoje. In: LIMA, J. C. F.; NEVES, L. M. W. **Fundamentos da Educação Escolar do Brasil contemporâneo.** São Paulo: Fiocruz/EPSJV, 2007. p. 241-287.

GALLERT, A. Z. **A produção de sentidos subjetivos dos professores no enfrentamento das adversidades da docência.** 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

GALLERT, A. Z.; TACCA, M. C. V. R. Escolha profissional e perspectivas de futuro na docência: uma análise a partir da subjetividade dos professores. **Revista Observatório**, Palmas, v. 2, n. 4, p. 419-441, 2016.

GONZÁLEZ REY, F. L. As configurações subjetivas do câncer: um estudo de casos em uma perspectiva construtivo-interpretativa. **Psicol. cienc. prof. [online]**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 328-345, 2010.

GONZÁLEZ REY, F. L. **O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito.** Petrópolis: Vozes, 2012.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação.** São Paulo: Thomson Pioneira, 2005.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson Pioneira, 2003.

GONZÁLEZ REY, F. L.; MARTÍNEZ, A. M. **Subjetividade**: teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea, 2017.

GRINGS, J. A.; KAIESKI, N.; JUNG, C. F. Fatores que influenciam a escolha do curso superior: a região do Paranhana/RS em questão. **Revista Brasileira de Ensino Superior**, Passo Fundo, v. 4, n. 2, p. 64-83, 2018.

HABERMAS, J. **Técnica e ciência enquanto ideologia**. Tradução de: LOPARIC, Z.; LOPARIC, A. M. A. de C. Coleção os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 313-343.

HELENO, C. T.; AGULLO-TOMAS, E.; BORGES, L. de O. Significados atribuídos ao trabalho por docentes de Gestão de Recursos Humanos. **Rev. bras. orientac. prof [online]**. 2020, v. 21, n. 1, p. 81-93. doi: 10.26707/1984-7270/2020v21n108

HSIAO, J.; NOVA, S. Abordagem geracional dos fatores que influenciam a escolha de carreira em contabilidade. **Revista Contabilidade & Finanças**, São Paulo, v. 27, n. 72, p. 393-407, 2016.

JARPA-ARRIAGADA, C. G.; RODRIGUEZ-GARCES, C. Segmentação e exclusão no Chile: o caso dos jovens de primeira geração no ensino superior. **Rev. latinoam. cienc. soc. niñez juv [online]**, Manizales, v. 15, n. 1 p. 327-343, 2017. doi: 10.11600/1692715x.1512028032016

JUSEVICIUS, V. C. C. **Subjetividade em sala de aula**: a relação professor-aluno no Ensino Superior. 127f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2006.

LANE, S. T. M. Consciência/alienação: a ideologia no nível individual. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Orgs). **Psicologia social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 2001. p. 40-47.

LIMA, F. I. A. de; VOIG, A. E. T.; FEIJÓ, M. R.; CAMARGO, M. L.; CARDOSO, H. F. A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 33-50, 2017. doi: 10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10818

LIMA, M.; IÑIGUEZ-RUEDA, L.; NANCLARES, R. M. Precocidade na tomada de decisões sobre a escolha da carreira da universidade. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 30, e165688, 2018. doi: 10.1590/1807-0310/2018v30165688

LINSINGEN, I. V.; BAZZO, W. A.; PEREIRA, L. T. V. **Introdução aos estudos CTS: ciência, tecnologia e sociedade.** Cadernos de Ibero-América. Espanha: OEI, 2003.

MARQUES, F. M. **Os sentidos que os estudantes do primeiro ano do curso de Administração de Empresas da PUC-SP atribuem ao seu projeto de futuro profissional.** 155 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

MARTÍN-BARÓ, I. **Acción e ideología: psicología social desde centroamérica.** 12. ed. San Salvador: UCA, 2012.

MARTINS, A. C. P. M. Ensino superior no Brasil: da descoberta aos dias atuais. **Acta Cirúrgica Brasileira**, São Paulo, v. 17, supl. 3, p. 4-6, 2002. doi: 10.1590/S0102-86502002000900001

MEDEIROS, F. P.; SOUZA, V. L. T. de. Psicologia Histórico-Cultural e orientação profissional: vivências de jovens mobilizadas pela arte. **Rev. bras. orientac. prof.** Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 154-165, 2017. doi: 10.26707/1984-7270/2017v18n2p155

MENEGHEL, S. M. **A crise da universidade moderna no Brasil.** 330 f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MINARELLI, J. A. **Empregabilidade: como entrar, permanecer e progredir no mercado de trabalho.** 27. ed. São Paulo: Gente, 1995.

MOREIRA, T. da C.; AMBIEL, R. A. M. Antecedents and consequents of professional choice self-efficacy: a study with Brazilian students. **Int J Educ Vocat Guidance**, v. 18, n. 2, p. 149–163, 2018. doi: 10.1007/s10775-017-9352-3

NOSELLA, P. Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores: para além da formação politécnica. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 137-151, 2007.

OLIVEIRA, A. dos S. **Os sentidos da escolha da profissão, por jovens de baixa renda: um estudo em psicologia sócio-histórica.** 173 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, J. D. de. Escolha profissional: uma visão humanista-existencial. **Psicologia e Saúde em debate**, Patos de Minas, v. 4, n. 1, p. 1-8, 2018.

PACHECO, E. M.; PEREIRA, L. A. C.; DOMINGOS SOBRINHO, M. Educação profissional e tecnológica: das escolas de aprendizes artífices aos institutos federais de educação, ciência e tecnologia. **T&C Amazônia**, Manaus, v. 7, n. 16, p. 2-7, 2009.

PEREIRA, R. dos S. A Educação Superior no Brasil sob o governo Bolsonaro: o que revelam o programa eleitoral e os discursos do governo. In: BAGGIO, V. (Org.). **Rumos da educação: reflexões críticas de profissionais da educação que têm compromisso com as direções do ensino na atualidade.** v. 5. Coleção Rumos da Educação. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2019. p. 332-352.

POCHMANN, M. As perspectivas do trabalho na economia moderna. In: SILVA, H. (Org.). **Desafios do trabalho.** Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

ROSA, H. Introdução. In: ROSA, H. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade.** São Paulo: Editora UNESP, 2019. p. 1-43.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. del P. B. **Metodologia de pesquisa.** 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, F. O. da; RIBEIRO, M. L.; MALTA, H. L. Tipos e sentidos de motivação para a escolha do curso de licenciatura. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 741-760, 2018. doi: 10.5007/2175-795X.2018v36n2p741

SOARES, D. H. P. **A escolha profissional: do jovem ao adulto.** São Paulo: Summus, 2002.

SOBROSA, G. M. R.; OLIVEIRA, C. T. de; SANTOS, A. S. dos; DIAS, A. C. G. Influências percebidas na escolha profissional de jovens provenientes de classes socioeconômicas desfavorecidas. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 314-333, 2015. doi: 10.5752/P.1678-9523.2015V21N2P313

TEODOSIO, S. S. C.; PADILHA, M. I. "Ser enfermeiro": escolha profissional e a construção dos processos identitários (anos 1970). **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 69, n. 3, p. 428-434, 2016. doi: 10.1590/0034-7167.2016690303i

TOASSA, G. Conceito de liberdade em Vigotski. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 2-11, 2004.

VACCAREZZA, L. S. Ciencia, tecnología y sociedad: el estado de la cuestión en América Latina. **Revist@ do Observatório do Movimento pela Tecnologia Social da América Latina**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 42-64, 2011.

VALORE, L. A. **Subjetividade no discurso de recém-graduados da UFPR: uma análise institucional.** 331 f. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991a.

VYGOTSKI, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Tomo II: problemas de psicología general. Madrid: Visor, 1992.

VYGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991b.

VYGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKI, L. S. Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas**. Tomo III: problemas del desarrollo de la psique. Madrid: Visor, 1995. p. 11-327.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ZATTI, F.; CÂMARA, C.; REIS, R. N. dos; FRANDOLOZO, S. L.; BACK, L. B. Cursos e profissões: conhecendo possibilidades para a escolha profissional. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, v. 13, n. 23, p. 16-30, 2016. doi: 10.5007/1807-0221.2016v13n23p16

APÊNDICE A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES DE EMPRESAS/INSTITUIÇÕES/ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS OU PRIVADAS

APÊNDICE A

	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Universidade Tecnológica Federal do Paraná Pró-Reitoria de Graduação e Educação Profissional Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação Sistema de Bibliotecas
---	--

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES DE EMPRESAS/INSTITUIÇÕES/ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS OU PRIVADAS

Empresa/Instituição/Organização: **CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE PINHAIS / Faculdade de Pinhais**

CNPJ: 03.059.298/0001-01 Inscrição Estadual: Isento

Endereço completo: Avenida Camilo Di Lellis, 1.065 - CEP 83323-000 - Pinhais/PR

Nome do representante legal: Salette Silveira Azevedo

RG: 2.085.559-2 CPF: 522.475.209-44

Telefone: (41) 3667-6000 e-mail: salette@fapi-pinhais.com.br

Tipo de produção: () TCC¹ () TCCE² (X) Dissertação () Tese

Título/subtítulo: Sentidos subjetivos da escolha por Cursos Superiores de Tecnologia

Autor³: Renata Pereira de Cordova

Código de matrícula³: 2122260

Orientador: Dra. Maria Sara de Lima Dias

Coorientador: _____

Curso/Programa de Pós-graduação: Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade

Como representante legal da empresa/organização/instituição acima nominada, declaro que os, as informações e/ou documentos disponibilizados pela empresa/organização/instituição para a elaboração do trabalho citado:

(X) Podem ser publicados sem restrição.

() Podem ser publicados com restrição de acesso pelo período⁴ de _____ anos, pelos seguintes motivos: _____

Pinhais, 11 de março de 2021

Local e Data

Assinatura do Representante legal

Salette Silveira Azevedo
 Diretora Acadêmica - FAP
 CPF- 522.475.209-44
 RG 2.085.559-2

¹ TCC – Trabalho de Curso de Graduação.

² TCCE – Trabalho de Curso de Especialização.

⁴ O período de restrição se aplicará ao texto completo do trabalho, os metadados, que incluem resumo e abstract serão disponibilizados

APÊNDICE B - INSTRUMENTO: FRASES INCOMPLETAS

Você está recebendo uma série de frases a serem completadas, para a elaboração desse conjunto de frases foram selecionados temas pertinentes a esta pesquisa, relacionados com sua percepção de si, de suas escolhas profissionais, do seu curso, futuro profissional e mercado de trabalho.

Solicitamos que você leia cada uma delas e procure completá-las da forma mais espontânea possível, isto é, com a primeira ideia que lhe vier à mente.

1. Eu me avalio como uma pessoa...
2. Tenho preferência por...
3. Eu valorizo na vida...
4. Tenho dificuldade de...
5. Minha trajetória escolar antes da faculdade, foi...
6. Quando falam de profissão, meus pais querem que eu...
7. Minha família é...
8. Financeiramente me avalio como...
9. Cursar uma faculdade representa para mim...
10. Pensando em minha carreira, me preocupo com...
11. Sobre as escolhas profissionais penso que...
12. Escolhi o Curso Superior de Tecnologia, pois...
13. Os Cursos Superiores de Tecnologia são...
14. Após iniciar a faculdade me sinto...
15. Como estudante me descrevo...
16. Estudar é...
17. Sobre o trabalho penso que...
18. O mercado de trabalho atual está...
19. Penso que terei mais oportunidades profissionais se...
20. Minha profissão é...
21. No futuro eu me vejo...
22. Um bom emprego é...
23. Meus próximos passos profissionais serão...

APÊNDICE C - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Data: ____/____/____

Dados gerais do participante

Iniciais do nome: _____ Nome fictício: _____

Idade: _____ Sexo: _____ Estado civil: _____

Mora com quem? _____

Curso: _____ Período: _____ Previsão término: _____

Ensino Médio: Escola pública () Escola privada ()

Está trabalhando atualmente: () Sim () Não Cargo : _____

Já cursou ou iniciou outra graduação? Se sim, qual? _____

Temas norteadores

Fale sobre o seu processo de escolha pelo Curso Superior de Tecnologia.

Conte sobre sua trajetória escolar e profissional até o momento da escolha do curso.

Relate sua percepção e expectativas sobre o mercado de trabalho.

APÊNDICE D - FRASES INCOMPLETAS (FI): PARTICIPANTE GRH1

INSTRUMENTO: FRASES INCOMPLETAS (FI)¹¹

Você está recebendo uma série de frases a serem completadas, para a elaboração desse conjunto de frases foram selecionados temas pertinentes a esta pesquisa, relacionados com sua percepção de si, de suas escolhas profissionais, do seu curso, futuro profissional e mercado de trabalho.

Solicitamos que você leia cada uma delas e procure completá-las da forma mais espontânea possível, isto é, com a primeira ideia que lhe vier à mente.

1. Eu me avalio como uma pessoa... proativa, não gosto de deixar as coisas para depois.
2. Tenho preferência por... emprego fixo com reconhecimento, empresa de grande porte estabilidade.
3. Eu valorizo na vida... às vezes, fato de tentar evoluir e sempre estar tentando sem muitas conquistas.
4. Tenho dificuldade de... aceitar mudanças, pelo fato de não ser o que desejo.
5. Minha trajetória escolar antes da faculdade, foi...boa mas poderia ter tido mais direcionamento profissional, falta de visão.
6. Quando falam de profissão, meus pais querem que eu... tenha um emprego para ajudar eles.
7. Minha família é...companheira sempre me apoia apesar de descontar um pouco da minha maneira de ser.
8. Financeiramente me avalio como... péssimo sempre vivendo no limite de contas e gastos, ganhando pouco.
9. Cursar uma faculdade representa para mim... realização de um sonho uma porta para atingir meus objetivos.
10. Pensando em minha carreira, me preocupo com... ter um emprego que dê oportunidades de crescimento.
11. Sobre as escolhas profissionais penso que... ter um cargo de liderança.
12. Escolhi o Curso Superior de Tecnologia, pois... me gradua em menos tempo.
13. Os Cursos Superiores de Tecnologia são... bons passam bastante prática.
14. Após iniciar a faculdade me sinto... feliz.
15. Como estudante me descrevo... em constante evolução.
16. Estudar é... enriquecedor.
17. Sobre o trabalho penso que... é fundamental.
18. O mercado de trabalho atual está... ruim pandemia dificulta crescimento profissional.
19. Penso que terei mais oportunidades profissionais se... continuar estudando.
20. Minha profissão é... interessante.
21. No futuro eu me vejo... empregada e estabilizada.
22. Um bom emprego é... ter ótima remuneração, reconhecimento possibilidade de ascensão.
23. Meus próximos passos profissionais serão... ter um bom emprego pagar dívidas e poder conquistar mais coisas como uma casa e proporcionar vida melhor a minha filha para proporcionar mais oportunidades a ela como estudo melhor e conhecer lugares e possibilidades de conhecimento pra vida.

¹¹ Este apêndice apresenta a transcrição literal das respostas da participante.

**APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (TES):
PARTICIPANTE GRH1¹²**

Data: 04/06/2020

Pesquisadora: Fale sobre sua trajetória escolar até o momento da escolha pelo curso superior.

GRH1: Aham... bom... eu sempre estudei em escola pública né, aí eu fiz Ensino Médio no colégio na esquina de casa que é o colégio [nome] (não sei se a professora conhece).

Então eu fiz meu Ensino Médio ali e... nunca tive assim na cabeça escolher uma profissão ah eu quero ser tal coisa. Nunca! Nem quando era criança... nunca me lembro de ter uma profissão prévia decidida que eu iria fazer.

Na verdade eu escolhi Recursos Humanos mesmo pelo... por causa de achar uma profissão para se enquadrar no mercado de trabalho por exemplo. Não foi nada pensado assim... não foi nada assim, ah um sonho que eu quero ser tal coisa. Nunca tive!

É... me veio mais essa necessidade mesmo de me graduar quando eu entrei no mercado de trabalho e vê que se você não tem estudos só fica com áreas é... como eu posso dizer (silêncio), serviços assim... mais de...de... limpeza, essas coisas assim, sabe?

Aí eu falei bom vou ter que ter uma profissão, ter alguma coisa para eu poder trabalhar de outras formas, né? E aí eu fiz o... terminei o Ensino Médio em 2014 sem muito saber o que fazer, nem pensava em RH, aí eu trabalhei... tive experiência de empregos assim... numa, numa... fábrica de auxiliar de produção em Piraquara, que é a fábrica que a J. foi empregada pelo Fapi Talentos, foi a minha primeira... meu primeiro emprego.

Pesquisadora: Quando você terminou o Ensino Médio que iniciou lá ou foi antes?

GRH1: Foi pós Ensino Médio, eu não estudava e trabalhava ainda.

Aí eu fiquei lá, só que eu não passei do período de experiência. Tinha que antes lá... não tinham máquinas, é uma fábrica de guardanapos, né. Não tinham máquinas lá, então os guardanapos vinham embaladinhos e vinham umas caixas bem grandes, cheias de guardanapos e tinha que pegar a caixa jogar em cima da mesa e começar a fazer a contagem dos guardanapos para montar o maço, né. Tudo trabalho manual né. Você tinha que espremer os guardanapos para tirar o ar, aí um canto da mesa que era tipo uma forminha assim... você colocava os guardanapos empilhados assim para você poder passar uma fita e fechar o maço. Então... fique lá 45 dias só, não passei da experiência e... também não gostei muito do

¹² Este apêndice apresenta a transcrição literal das respostas do participante.

trabalho, tinha bastante dor nos braços por causa de... no punho, por causa de você ficar apertando assim (demonstrou movimento).

E aí saí de lá e fui, trabalhei no [empresa] sete meses, como atendente de caixa, e.... depois saí de lá do [empresa] e trabalhei no [empresa] aqui em Pinhais também, sete meses! Aí por... também por ajuda eu não lembro muito bem, ah... uma prima minha conhecia uma... uma pessoa que trabalhava em um escritório de advocacia que precisava de uma é... entre aspas assim uma estagiária ou auxiliar de escritório para ajudar organizar os processos e fazer cópia dos processos, protocolar petição e fazer essas coisas assim. Aí minha prima me indicou... aí eu pedi a conta no [empresa] e fui trabalhar nesse... nesse escritório de advocacia lá no Centro. E aí que com o dia a dia assim, que eu fui percebendo que tinha que escolher uma profissão para fazer, alguma coisa para fazer. Aí essa área de escritório que... que... me chamava um pouco a atenção e tal e aí que foi que eu... só que aí eu engravidei, casei e engravidei e parou um pouco essa ideia.

Eu sempre quis fazer faculdade, mas eu achava que eu não era muito capaz assim, eu achava que faculdade era só Federal, fazer aquele vestibular, estudar se preparar muito e tal, então eu pensava... Meu Deus, acho que eu nunca vou fazer faculdade na vida, porque se for desse jeito! Eu nunca fui muito estudiosa, sabe? Eu nunca fui assim... ah vou me dedicar aos estudos, isso e aquilo, eu sempre passei de ano, nunca reprovei, eu sempre tava na média! Mas eu nunca fui assim... aquela pessoa que vou me dedicar, sabe? Não tive muito interesse assim de estudar dessa forma, com bastante dedicação, afinco mesmo, sabe?

Pesquisadora: Qual era sua visão de estudos?

GRH1: Eu não sei... a gente nunca teve, a gente não, a gente eu e minha irmã, eu falo né? A gente nunca teve muito incentivo assim da família. Então era uma coisa assim... estude porque senão você vai trabalhar de empregada doméstica, você vai trabalhar de auxiliar de serviços gerais, é nisso que você vai trabalhar. Então estude, só que não dava caminho, até porque eles nem estudaram. Meu pai e minha mãe... meu pai parou no Ensino Fundamental e minha mãe no Ensino Médio.

Então, tipo assim... eles não, a gente não tinha um norte assim, sabe?

Era só aquilo estuda! Porque a gente não estudou, a gente trabalha... a minha mãe sempre trabalhou de empregada doméstica e... camareira em hotel, então sempre foi serviço de limpeza e cozinha também. Meu pai trabalhou um tempo de marcenaria, trabalhou um tempo em lavar esses caminhões tanque, então sempre foram empregos dessa forma, sabe? Com pouco estudo, né, e muito esforço físico, né. Então eles sempre falaram estude! Mas não... não... acho que por não ter mesmo né, um conhecimento ou alguma coisa assim e

acabou que eu fui crescendo e tal sem muito saber assim, não foi nada lapidado assim. Foi o que eu senti como uma necessidade ao ver que já tava adulta sem uma profissão, sabe? Difícil de arrumar emprego. Eu falei bom... vou ter que estudar alguma coisa, mas aí com 23 anos me casei... com 22 e com 23 fui mãe. Aí tem aquele período que a gente passa, para para dar atenção à criança e eu saí do escritório de advocacia com 1 ano e meio lá. Porque eu engravidei e fiz um acordo com... com o advogado lá que era o dono do escritório, que eu queria sair para cuidar da minha filha... porque senão teria que ficar tirando cedo para levar na casa de um, levar na casa de outro, ficar naquela coisa. E o pai tava bem empregado na época e a gente conversou e ele falou... sai, cuida dela um tempo, quando ela tiver maiorzinha, você volta a trabalhar.

E foi o que eu fiz, então eu fiquei em casa 3 anos, quase 4 anos, que foi quando eu voltei a trabalhar. E aí por... por... eu fui trabalhar em uma empresa terceirizada, como telefonista em banco, né. Que são os serviços de telefone, limpeza, café e segurança é tudo terceirizado em órgãos públicos né, não só no banco. E aí eu entrei para trabalhar no [empresa] como 4 horas primeiro que era bem pouquinho o salário, acho que era uns 300 e pouco, assim, não chegava nem 400 reais, eu acho. E tinha vale transporte e trabalhava 4 horas no [empresa]. E aí quando eu entrei eu pedi para a moça né, deixar meu nome lá na fila para eu poder passar para 6 horas ou para 8 horas, que ganhava mais e aconteceu isso. Aí eu fui... transferida para a [empresa], dentro da justiça federal e trabalhei lá 1 ano e meio, e aí lá eu estava me questionando o que eu vou estudar, o que eu vou fazer, se eu não vou fazer uma faculdade, então eu vou fazer um curso técnico.

E muito com as pessoas que trabalhavam lá no [empresa] assim, a gente conversava uma hora ou outra que tinha um intervalo e eles falavam: Nossa! Mas você é nova e tal, vai estudar, vai fazer uma né, vai procurar ter uma profissão, muitas pessoas me falaram isso assim, quando eu tava trabalhando lá. Foi quando eu escutei no rádio que a PUC tinha curso técnico e que tinha possibilidade de bolsa até 100%. E aí eu fui... fui atrás lá, fui lá fiz o cadastro e consegui bolsa 100%! E daí escolhi o curso de Secretariado.

Pesquisadora: Porque escolheu Secretariado na época?

GRH1: Então não tinha nenhum curso assim, eu acho, específico assim com... ou só para escritório ou só para... eu não lembro muito bem que cursos que tinham assim. Mas não tinha nenhum curso muito específico para outras áreas, tipo, tinha logística, mas não tinha nada a ver, tinha secretariado, acho que não tinha RH, se eu não me engano. Eu não me lembro muito bem os cursos, foi por eliminatória, ah... não tem esse, então vai esse (tosse), então vai esse mesmo, eu vou fazer!

E foi super legal! Eu gostei muito de fazer o curso lá e foi o que me deu mais coragem para procurar a graduação, que era o que eu queria! Mas assim, eu queria mas não sabia como chegar lá né. Eu achava que não dava e daí foi que eu fiz 1 ano e meio de Secretariado lá, gostei muito, fiz novas amizades. Tinham duas moças que eram formadas em Turismo que estavam fazendo curso de Secretariado, porque tava tentando se recolocar no mercado de trabalho, já trabalhava em agência de turismo mas que é muito corrido, é muito direto... então elas queriam mudar um pouco de área... e entraram no secretariado, tinham meninas novinhas igual a nossa sala que tem as meninhas de 18, 19 anos... e aí fui indo assim, eu acho que eu gostei porque eu gosto assim da parte administrativa, sabe? De trabalhar interno né. Você tem é... secretariado até tem aquela coisa assim de você trabalhar com o chefe né, por exemplo, ficar ali secretariando aquela pessoa né. Mas a gente aprende muitos trabalhos administrativos dentro do curso né. Então foi assim que gostei muito, quando eu me formei no curso eu gostaria de ter trabalhado como secretária e tudo mais, mas também não consegui emprego na área. Acabo que eu saí da empresa terceirizada que tava, já tava... era bem longe da minha casa que eu moro em Pinhais e ia trabalhar lá no Ahú, no Cabral.

Eu fiquei um 1 e meio lá e me formei com aquela ânsia de querer trabalhar na área e de mandar currículo e ninguém chamar. Aí falei vou sair, vou tentar... ah, a empresa perdeu a licitação, aí tem uma brecha, quando eles perdem a licitação e tem que transferir todos os funcionários para a outra empresa, eles têm que mandar embora e aí se eu quisesse eu poderia tentar entrar na outra empresa que ganhou a licitação que eles fazem tipo uma transferência, eles conversam com o gerente da agência... o gerente fala: eu quero que fique tal, tal pessoa. Contanto que eu saí e arrumei emprego para a minha prima que trabalhou no meu lugar um ano e meio lá também.

Aí eu saí e tentei arrumar emprego... tentei arrumar emprego e fiquei dois anos desempregada assim, sem... sem... nossa! Parecia que meu currículo não existia, mandava currículo para tudo que era lugar e... foi que... uma vez... assim que me formei me chamaram na [empresa], só que eu tinha recém formado, queria entrar trabalhar de secretária ou auxiliar e tal. Eu não aceitei fazer a entrevista na [empresa] porque era auxiliar de produção! E eu queria recém-formada tentar na área para sair de uma vez disso né!

Mas não consegui emprego. Nossa! Foi um período bem ruim assim que eu não conseguia nada, nada, nada! Quando eu consegui eu voltei para uma outra empresa terceirizada. Só que aí para trabalhar de recepcionista... e aí bem frustrada assim, porque é... a mesma coisa se você não tem experiência naquela função ou em determinada coisa é difícil você conseguir emprego em outra área assim. Eu sinto muito essa dificuldade! Que nem assim agora por

exemplo, né, tamo aí na reta final para se formar e tem muita vaga de RH, nossa! Muita vaga mesmo, só que eles querem com experiência, eles não querem saber se você está se formando, talvez você tenha potencial. Nenhuma das vagas que eu mandei, nem para entrevista eles chamaram! Então eu acho que é uma barreira bem grande assim! Até porque a gente tá no final do curso, a gente não vai pegar estágio mais. Eles não vão pegar estágio para no finalzinho do curso.

Então na época que eu fiquei desempregada, então eu falei vou ter que estudar de novo e tal. Aí eu fiquei sabendo do Educa Mais Brasil. Eu vi os comerciais na televisão né. E pensando, pensando... eu tava trabalhando como, em outra empresa terceirizada como recepcionista em órgãos públicos, de segunda a sexta tal. Mas é aquela questão assim, você não tem muita opção de crescimento ali, porque a sede da empresa fica bem longe, a gente tem que pouco contato com a empresa mesmo, a gente só vai na empresa para ser contratado, fazer todos os processos de admissão, pegar uniforme, essas coisas e depois você fica só na prestadora né. Você nem vai na empresa. Então é bem difícil também, mas ah... você poderia ter trabalhado e ter subido de cargo, ter mudado e não sei o que. Mas a gente não tem muito essa proximidade com a empresa para você subir de cargo e sempre que tem um cargo lá, eles nem chamam os funcionários que é recepcionista em tal lugar, em tal lugar. Eles pegam de fora! Eles não têm essa política assim, é bem pouca... eu não consegui ninguém! Ou que talvez suba para supervisor, trabalhava ali na recepção e sobe para supervisor, mas diz que o salário é tipo 100, 150 reais de diferença do nosso de recepção, só que tem muito mais B.O, né. Muito mais problema, que tem que administrar toda a recepção, tem que administrar a copa, os funcionários né. Os funcionários da recepção, os funcionários da copa, os funcionários da... jardineiro! Aí a gente até conversava para saber... aí as próprias supervisoras falavam para a gente... vai não porque o salário é um pouco mais do que o de vocês, mas tem muito mais problema!

Aí eu achei o Educa Mais e pensando também assim, não sabia, não sabia o que escolher! Sinceramente... não sabia! E fui por tentar associar alguma coisa, ah... administração, por mais que eu tenha esse... essa questão de liderança, de pôr a fazer e tal, eu acho, eu não me via em administração por exemplo. Que foi um curso que eu pensei fazer, mas que eu fiquei pensando é quatro anos, aí comecei a me preocupar com a idade, já era mãe, sem ter muito uma profissão. Eu vou entrar em uma faculdade de quatro anos! Quando eu me formar, meu Deus do céu, já vou tá velha! (risos), já penso assim!

E aí eu fui procurar outro curso... e RH, não sabia muito bem o quê que era né, a gente sabe só o por cima ali. O que a gente passa quando está sendo contratada, aí você tira um pouquinho

de experiência disso, como é o ambiente quando você vai ser contratada por alguma empresa, por algum lugar. Aí eu pensava assim ah, acho que eu gostaria de trabalhar do outro lado né.

Aí que foi, eu escolhi o RH por isso, por assimilar por pouca coisa que eu conheci e porque era tecnólogo, que é 2 anos né.

Pesquisadora: E como está o curso hoje?

GRH1: Eu gostei bastante, gostei muito assim! Acho que eu acertei, Eu atirei no que, como é... tem um ditado que fala... atirei em que não vi, acertei o que vi... não, atirei no que não vi e acertei no que vi! Porque foi uma coisa assim de une, duni, tê, sem saber!

Mas eu gostei do curso em si, em tudo que a gente aprendeu, é... (pensando) me vejo assim, trabalhando na área e tal, gostaria muito, não dá para falar assim, ah... não gostei, me arrependo, não! Mas também não é uma coisa assim, vou levar para vida inteira! Até estava indicando uns cursos para minha irmã, que ela quer fazer graduação também, e ela tem técnico de administração que ela fez no [instituição] e atualmente ela trabalha na administração do... na... associação dos... terapeutas do Paraná. Ela trabalha no administrativo lá. E aí... ela responde por muita coisa lá e tal, ela tá querendo... era para ela ter entrado esse ano na faculdade, aqui em Pinhais mesmo e lá na Fapi mesmo. Mas aí começou a pandemia e tal, e daí a sede do sindicato mudou e teve muita mudança lá, o SUS abriu mais terapia, então deu um boom, cresceu muito o leque de fisioterapeutas cadastrados lá, então deu uma complicada assim e ela acabou que não conseguiu.

E a gente tava discutindo sobre isso, daí eu vi que tem para indicar um curso para ela né. Daí eu vi que tem processos de liderança, né? É esse?

Pesquisadora: Processos gerenciais, não é?

GRH1: Processos gerenciais! Eu tava lendo a grade para ver com ela, porque RH ela não tem interesse em fazer. Talvez administração de novo né. Ela tem o técnico, fazer a graduação ou outro curso assim. Daí eu vi o Processos Gerenciais, comecei a ler a grade, eu falei: Nossa! Se eu não tivesse escolhido RH, teria escolhido esse! Porque eu gostei assim né!

E você é uma das primeiras que está fazendo faculdade na família?

Então, tem é... o irmão de meu pai tem dois filhos, só que assim é irmão do meu pai só que é afastado da família assim, a gente não tem muito convívio. Eu sei que tem lá uma que é psicóloga... psicóloga não... como é o nome... fez teologia. Teóloga! Tem uma que se formou na PUC, com Teóloga e eu acho que a irmã dela se formou em Administração, não! É professora! Mas assim, só tem esses dois.

Só... tanto a família paterna e materna. Na materna não tem... (pensando). Mais velhos assim, antes da gente, tipo tio, tia que tem alguma profissão, alguma coisa assim, não tem, nem

materna nem paterna. Aí vem os primos né, de primeiro grau, de segundo grau. Esses são os meus primos de primeiro grau, que é duas mulheres ainda que são formadas. E aí tem o meu primo de segundo grau que ele se formou em Biologia na PUC, que ele é mais novo que eu, ele se formou antes que eu!

Ele tem 25 anos, 26 anos, eu acho... e se formou em Biologia na PUC, mas também coitado! Nunca conseguiu trabalhar na área! Lutou um monte, se formou endividado pra caramba, porque é PUC né! E ele era bolsista, daí tinha o... esqueci o nome daquela bolsa lá (pensando)... que é feito pelos bancos!

Pesquisadora: Fies?

GRH1: Acho que é o Fies! Acabou o curso endividado pra caramba com o Fies e tal, mas aí lutou para se formar e tudo mais. E hoje em dia quem arrumou emprego para mim na [empresa]? O próprio! Trabalha como atendente na [empresa], então... a gente conversa muito sobre isso assim, pô, eu estudei, me formei. Nossa! Era um sonho para ele assim, a profissão de biólogo, ele é apaixonado por bichos e tal. Até tava pensando em fazer uma segunda faculdade de... de... veterinária, já que a biologia ficou uma coisa muito distante, mas aí agora também ele se casou e tudo mais, mas aí a renda já não tá dando, porque agora tem uma família, não consegue pagar uma faculdade, então assim, a gente conversa muito sobre isso, porque é uma luta assim, mas a barreira é muito grande!

E suas perspectivas profissionais?

Bom... eu quero me formar agora em 2020, se Deus quiser (risos), futuro próximo que não chega nunca (risos). Esse 2020 com essa pandemia, olha! (pausa).

Ah... eu quero trabalhar na área ainda né. Eu tenho essa... na verdade virou uma esperança assim, não é mais aquela convicção! Porque esses 2, 3... não desde fevereiro eu estou procurando emprego. Fevereiro, março, abril e maio. Claro que a pandemia ajudou um pouco e tal, a não conseguir se recolocar no mercado de trabalho.

Mas assim, pelo o que eu vi, eu sinto uma barreira muito grande, não acredito piamente que eu vá conseguir, por exemplo!

Você avalia como essa barreira? O que seria essa barreira?

De eu não ter experiência! É a única barreira, porque eu me sinto capaz, eu me sinto altamente capaz de aprender e desenvolver né essa função de RH, seja ela né... única coisa que eu não gosto muito é... é... como é que fala, meu Deus? (pausa)... faturamento, essa parte de salários, faturamento, essas coisas.

Pesquisadora: Administração de pessoal, cálculo?

GRH1: É, essa parte assim, não me interessa, eu gostaria de trabalhar com essa parte de seleção ou com treinamento e desenvolvimento ou aquela integração que se faz na empresa também, quando você recebe o funcionário né, mostra o que é a empresa, qual a missão da empresa e interage ali com aquelas pessoas e tal, eu gosto daquilo, eu acho bem legal! Então eu gostaria de trabalhar mais nessa área assim, mas eu vejo que... não sei se vai rolar! A não ser que seja uma indicação, uma coisa assim muito certa... porque muito do que eu vi no linkedin, infojobs, é... no... a [empresa] que eu tenho, [empresa], toda vaga de RH que é anunciada eles querem experiência específica naquele setor que eles querem contratar né. Então acho bem difícil assim! Mas a esperança é a última que morre né! (risos).

Pesquisadora: E com relação aquelas frases completas, que você fez ali e tem vários aspectos que se correlacionam para você pensar na sua carreira. Qual foi sua reflexão?

GRH1: Foi na base nisso mesmo... de... de... tem algumas coisas que é pessoal né, algumas perguntas pessoais, tem algumas perguntas profissionais assim. Mas foi mais nessa base mesmo do que eu espero, do que eu gostaria que acontecesse né.

Pesquisadora: Fez você pensar em algo?

GRH1: Sim, sim!

Pesquisadora: O que fez você pensar? Depois que você terminou e olhou aquelas frases o que fez você pensar?

GRH1: Eu achei até meio repetitivo, acho que eu tô na neura da desempregada, agora empregada né, mas eu tava nessa neura assim, de tipo de... de... conseguir um emprego de me colocar no mercado e fazer alguma coisa que eu gosto, que não é o isso que eu tô fazendo atualmente. Então é mais o que tava pensando e ainda tá pensando, porque eu só arrumei um emprego, aceitei essa vaga na verdade porque eu preciso pagar a faculdade e pagar as minhas contas, meu telefone, por exemplo, tá cortado.

Então foi necessidade e prioridade, a prioridade é me formar e eu também tenho que viver né. Então eu aceitei esse trabalho assim, mas como um cabo de salvação ali do que qualquer outra coisa! Não teria aceitado se eu tivesse outra oportunidade ou se eu não tivesse tão apertada no momento como eu tô agora, com o telefone celular atrasado, cheque especial estourado, cartão de crédito, eu tô numa situação assim que... tá bem difícil, eu não tava vendo uma luz no final do túnel, não tava vendo uma luz, não tava vendo uma luz. Mas eu também arrumei esse emprego foi meu primo que me indicou e trabalha lá, por exemplo. Porque mandando currículo e tentando por... Nossa! É muito difícil. Eu nunca, eu acho que eu nunca, arrumei emprego por agência. É sempre um fulano que conhece outro, que indicou ou vai naquele

lugar que eles pegando agora! Mas desses currículos que eu mando nos sites, nossa, nunca me chamaram!

Pesquisadora: Teria mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre sua escolha?

GRH1: E você acredita que eu pensei assim será que dá para mudar o meu curso para processos gerenciais ainda ou não. Ou eu não consigo me formar esse ano... (risos). Passou essa ideia pela minha cabeça sim! Acho que eu... se eu ligasse para o D., e ele falasse assim, dá para mudar porque dá para se formar esse ano, acho que eu mudaria!

Pesquisadora: Porque?

GRH1: Porque eu... eu... eu já vi que não vai ser fácil eu trabalhar na área... não vai ser fácil e por curiosidade mesmo, por querer aprender outra coisa e por... processos gerenciais ter muito essa coisa de liderança e tal. Eu tava lendo lá na grade... então eu acho que se fosse possível eu me formaria em outra coisa já!! (risos).

Pesquisadora: Já mudaria?

GRH1: Já mudaria... (pausa). Mas a expectativa que fica assim, sabe? Expectativa de mudar, de acontecer alguma coisa que mude o rumo da minha vida profissional assim, eu ainda tenho, mas não com muita assim... é... muita crença assim, sabe, que vai dar certo, se dizer eu nunca fui uma pessoa positiva assim, sabe? Eu sou... sei lá... se pessimista, mas eu gosto de lidar com a realidade. Eu gosto de ser realista, eu não gosto de ficar sonhando, imaginando, ahh que vai dar certo, que não sei o quê, eu não gosto! Até minha mãe fala pra mim às vezes assim, ah... porque você é muito pessimista, porque a palavra tem força e não sei o quê, não sei o quê. Mas eu gosto de lidar com a realidade, não gosto de ficar sonhando, para não quebrar a cara depois. Eu quero assim, algo mais né, crescer e... e... evoluir, trabalhar no que eu gosto, mas eu não gosto de ficar viajando muito não, em um sonho que vai acontecer porque eu gosto do que é real e eu vejo o que tá acontecendo agora.

Pesquisadora: Mas alguma coisa?

GRH1: Só. Ô tristeza, eu sou meio rebelde né?

Um amigo me mandou uma mensagem, ah... você é incompreendida, se eu pudesse eu pegava você para orientar, para não sei o quê. Aí eu falei, ah, eu mereço mesmo. (risos)

Agradecimento pela participação.

**APÊNDICE F - ESCRITA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (EES):
PARTICIPANTE GRH1¹³**

Data: 13/05/2020

Dados gerais do participante

Iniciais do nome: R.C.C. Nome fictício: **GRH1**

Idade: 33 Sexo: Feminino Estado Civil: Solteira

Mora com quem? Meus pais e minha filha de 10 anos.

Curso: Tecnólogo Gestão de Recursos Humanos Período: 3º Previsão término: Dez/2020.

Ensino Médio: Escola pública (X) Escola privada ()

Está trabalhando atualmente: () Sim (X) Não Cargo: _____

Já cursou ou iniciou outra graduação? Se sim, qual? Administração a distância mas parei primeiro período não me adaptei a EAD.

1. Fale sobre o seu processo de escolha pelo Curso Superior de Tecnologia.

Eu escolhi este curso primeiro porque é um curso mais curto, e porque eu já tinha um curso técnico de secretariado e gostaria de me graduar com um tempo menor. Escolhi o RH porque é uma linha parecida com secretariado e gosto de trabalhar nos serviços internos de escritório.

2. Conte sobre sua trajetória escolar e profissional até o momento da escolha do curso.

Bom sempre estudei em colégio público, e pensava que faculdade era só federal, provas imensas com muita preparação etc. Eu achava que não era capaz, então quando terminei o Ensino Médio eu não sabia qual profissão seguir, nunca tive esse sonho de querer ser médica, dentista, nunca pensei assim, mas percebi que para me colocar no mercado de trabalho eu precisava de alguma formação somente o Ensino Médio não bastava. Então procurei um curso técnico gratuito também, ouvi no rádio que a PUC tinha uma escola de curso técnico com possibilidade de bolsa 100%, fui atrás e por minha renda baixa e mãe solteira foi aceita com bolsa 100%. Me formei em 2014. Tinha a experiência que tinha dado um bom passo para me colocar no mercado de trabalho e trabalhar na área de minha formação. Não consegui me colocar no mercado como desejava, trabalhei em outras coisas menos com o que me formei, pensei então em fazer outra formação, a tão temida graduação e pesquisando vi que existia faculdades particulares com acesso mais fácil que uma federal. Passei por um período de desemprego também pois quando me formei em secretariado eu gostaria de ter começado a graduação, mas por motivos financeiros não pude. Somente em 2017 comecei a faculdade de RH através do Educa Mais Brasil, fiquei seis meses pela bolsa e depois sofri um acidente tive que trancar a faculdade por um ano e quando retomei os estudos me matriculei na Fapi ganhando bolsa de 50% que foi fundamental para eu poder continuar o curso.

3. Relate sua percepção e expectativas sobre o mercado de trabalho.

O mercado de trabalho é implacável e muito competitivo, na hora de procurar emprego, se você não preenche exatamente os pré-requisitos de uma vaga você não é chamado nem para uma entrevista. E a formação nossa doce ilusão não é garantia de emprego algum, pois a concorrência é muito grande e sem muita empatia com as pessoas. Apesar disso que espero encontrar meu lugar ao sol e conseguir vencer essa briga de cachorro grande para poder sobreviver e quem sabe realizar o sonho de ter uma carreira corporativa dentro de uma organização.

¹³ Este apêndice apresenta a transcrição literal das respostas do participante.

APÊNDICE G - FRASES INCOMPLETAS (FI): PARTICIPANTE GRH2

INSTRUMENTO: FRASES INCOMPLETAS (FI)¹⁴

Você está recebendo uma série de frases a serem completadas, para a elaboração desse conjunto de frases foram selecionados temas pertinentes a esta pesquisa, relacionados com sua percepção de si, de suas escolhas profissionais, do seu curso, futuro profissional e mercado de trabalho.

Solicitamos que você leia cada uma delas e procure completá-las da forma mais espontânea possível, isto é, com a primeira ideia que lhe vier à mente.

1. Eu me avalio como uma pessoa...**determinado;**
2. Tenho preferência por **recursos humanos;**
3. Eu valorizo na vida **as oportunidades;**
4. Tenho dificuldade de **interagir;**
5. Minha trajetória escolar antes da faculdade, **foi muito boa;**
6. Quando falam de profissão, meus pais querem que **eu continue estudando;**
7. Minha família é **grande;**
8. Financeiramente me avalio como **classe C;**
9. Cursar uma faculdade representa para mim **o sucesso, e o futuro;**
10. Pensando em minha carreira, me preocupo com **a preparação;**
11. Sobre as escolhas profissionais penso que **estou no caminho certo;**
12. Escolhi o curso superior de tecnologia, pois é mais **rápido e excelente;**
13. Os cursos superiores de tecnologia é **o início de uma carreira promissora;**
14. Após iniciar a faculdade me sinto **realizado;**
15. Como estudante me descrevo como **esforçado e inteligente;**
16. Estudar é **maravilhoso, pois abre novas portas e novas oportunidades;**
17. Sobre o trabalho penso que deve ser **valorizado adequadamente;**
18. O mercado de trabalho atual **está parado, com poucas oportunidades;**
19. Penso que terei mais oportunidades profissionais **se conseguir fazer uma pós-graduação;**
20. Minha profissão é **satisfatória e essencial para mim;**
21. No futuro eu me vejo em **outro país, falando uma nova língua;**
22. Um bom emprego é **estabilidade e reconhecimento;**
23. Meus próximos passos profissionais serão **alcançar novas oportunidade dentro da minha área de RH.**

¹⁴ Este apêndice apresenta a transcrição literal das respostas da participante.

**APÊNDICE H - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (TES):
PARTICIPANTE GRH2¹⁵**

Sujeito: GRH2

Data: 22/06/2020

Tempo Entrevista: 27 minutos

Pesquisadora: Para iniciar gostaria que você relatasse sua trajetória escolar, fale sobre seus estudos até chegar no curso superior.

GRH2: Então, no Ensino Fundamental eu comecei cedo né. Então essa parte do Ensino Fundamental foi bem tranquilo a aprendizagem, eu conseguia assimilar bastante conteúdo que os professores passavam, tudo certinho, então eu até consegui um certificado de honra ao mérito né, do próprio governo de Pinhais, de um bom aluno do Ensino Fundamental mesmo! Então na 4 série eu ganhei esse certificado, para mim foi bem gratificante né, porque ali eu não tinha tanta assimilação da importância desse certificado. Mas aí eu fiquei bem feliz por estar recebendo ele.

Quando eu passei para o Ensino Médio, quando eu fui me inscrever no Ensino Médio foi me proposto um Curso para fazer junto né, que é o curso subsequente em Administração. Então nesta parte eu preferi fazer o Ensino Médio junto com o Curso também para me agregar mais né?

Então desde o meu Ensino Fundamental e o Ensino Médio eu cursei sempre em escola pública... e sempre assim, fui muito bom o ensino para mim, não tenho o que reclamar, sempre passei direto, nunca reprovei... as notas boas né. Então, para mim assim foi muito bom.

Pesquisadora: E o que te chamou atenção na época em cursar o técnico em Administração?

GRH2: Pra mim eu queria me destacar de alguma forma sabe? Então, eu no meu entendimento fazer só o Ensino Médio não conseguia esse destaque. Pra mim, como eu gostaria de trabalhar nessa área de Administração e RH mesmo, eu preferi o técnico Administração subsequente.

Pesquisadora: E você começou a trabalhar em que época, já havia terminado o Ensino Médio?

GRH2: Então foi assim, a partir do momento que eu encerrei o Ensino Médio, acho que foi lá em 2011 mais ou menos, eu já comecei a procurar o primeiro emprego e eu consegui em uma

¹⁵ Este apêndice apresenta a transcrição literal das respostas do participante.

empresa que é... referente a transporte de valores né. Então ali eu consegui como assistente de gestão de numerário... (risos), que era para mexer com dinheiro, com contabilidade e valores mesmo.

Pesquisadora: Eu vi que você escreveu na sua entrevista que era um esforço grande. O que era exatamente esse esforço no primeiro trabalho?

GRH2: Hum, hum, então no primeiro contato não foi apresentado essa parte do esforço, né? Isso foi só da questão do conhecimento mesmo, de número, da contabilidade. A partir do momento que eu passei a experiência, eles foram me passando mais cargos... mais funções na verdade. E daí eu consegui alcançar uma função que eu atendia as solicitações do banco, então quando o banco solicitava um determinado valor, eu precisava separar esse valor e encaminhar por malote ao banco, então eu ficava responsável. Muitas vezes como os valores eram muitos grandes, por exemplo, passava de milhão, era muito esforço físico que a gente tinha que fazer para carregar esses malotes até o caminhão. Então foi nessa parte do esforço que eu fiquei meio descontente assim, sabe?

Pesquisadora: E como foi sua trajetória profissional, iniciou lá e eu vi que você passou por outros trabalhos. Como foi esse processo?

GRH2: Então, a partir desse momento em que eu não queria mais fazer tanto esforço físico né, eu entendi que eu precisava cursar uma faculdade. Eu demorei para entrar numa faculdade né. Eu demorei em torno de mais ou menos uns 6 anos. Eu fiquei neste tempo parado, não estudava, só trabalhava né. Então a partir do momento que eu precisei mesmo estudar, que eu fui procurar um curso em uma área que eu tinha um pouco de conhecimento.

Pesquisadora: Eu como foi esse processo de escolha, desde o Ensino Médio, o que você pensava?

GRH2: À princípio o que determinou muito a minha escolha foi a... quando eu saí desse emprego com transporte de valores, eu consegui como auxiliar administrativo em um mercado, numa rede de mercados. Foi meu primeiro contato com a área administrativa dentro do RH mesmo né. Foi que praticamente ali meio que eu falo que eu me apaixonei pela função. Foi meu primeiro contato e eu percebi que eu precisava aprofundar meu conhecimento na área. Aí que eu comecei a pesquisar os cursos superiores que seria na área da tecnologia.

Pesquisadora: O que te chamou mais atenção na opção pelo curso superior de tecnologia?

GRH2: É a questão do tempo que eu iria ficar cursando mesmo. Eu precisava de um retorno com tempo hábil né. Então se eu fosse cursar uma Administração eu iria ficar quatro anos, para mim 4 anos é muito tempo, ao meu ver né. Então o curso com dois anos, eu conseguiria me capacitar e conseguir esse destaque no mercado de trabalho também. Por isso que eu

escolhi o curso de tecnologia, pelo tempo e pela questão do ensino que é mais técnico né, é centrado.

Pesquisadora: Eu vi que você escolheu em um momento que estava desempregado, foi isso?

GRH2: Exatamente, é... eu estava no seguro desemprego (riso), praticamente nas últimas parcelas né. Então bateu meio que um desespero mesmo, da minha parte. Eu eu falei não... eu vou ter que começar o curso mesmo que seja com a última parcela do seguro. E foi nisso que eu consegui fazer toda a pesquisa e escolhi a Fapi né e me candidatei e aceito com uma bolsa de 30% e eu consegui fazer o curso e tô quase terminado agora (sorriso). Eu fico muito feliz!

Pesquisadora: E como você avalia o curso hoje?

GRH2: Pra mim acho que foi bem gratificante assim. Tava dentro da área que eu gostei de cursar mesmo né. É... a linha de ensino é exatamente quase o que a gente tem de experiência dentro da empresa mesmo. Então tudo que foi falado ali eu me recordava que fazia parte do meu dia a dia. Às vezes eu tinha coisas novas que estava aprendendo que eu nunca tinha visto né e para mim isso foi bem gratificante e foi um crescimento profissional mesmo assim. Eu peguei mais experiência, consegui aprofundar meus conhecimentos na área. Hoje eu posso afirmar que eu estou sendo um profissional completo.

Pesquisadora: Depois que você iniciou o curso, você conseguiu uma oportunidade? Como foi esse processo?

GRH2: No primeiro mês eu comecei a procurar vaga de estágio na área de Recursos Humanos né e vagas efetivas também. Então eu procurei das duas formas, tanto estágio como efetivo. É... eu consegui uma oportunidade de entrevista como estagiário na [instituição], que é a Fundação da [instituição], fiz tudo o processo seletivo e consegui passar. Então eu consegui essa vaga de estágio devido ao fato de estar cursando o tecnólogo né, se eu não estivesse cursando não teria essa oportunidade. Essa oportunidade do estágio foi a primeira oportunidade que eu tive para entrar realmente dentro da área, antes eu era... minha função era como auxiliar administrativo. Agora eu devido ao estágio que eu consegui fazer, eles gostaram muito do meu trabalho lá... consegui um reconhecimento, fui promovido né. E agora estou exercendo a função de assistente de pessoal dentro do RH lá da [instituição]. Está sendo bem gratificante mesmo, eu consegui ver essa melhora tanto na minha função como nas atividades que eu fazia.

Pesquisadora: E quando você foi buscar a oportunidade de estágio, além do curso, você percebeu que teve algum outro diferencial para o processo seletivo?

GRH2: Olha o que eu depois fiquei sabendo, que me contaram, seria a questão da experiência. Eles queriam um candidato que tivesse a experiência necessária e cursando o

Ensino Superior né. Como é uma vaga de estágio normalmente os candidatos não têm tanta experiência. Eu consegui me destacar pelo fato de eu anteriormente já ter trabalho em RH né.

Pesquisadora: E a na sua família? Tem integrantes com formação superior?

GRH2: Então, na minha família mesmo, neste caso apenas só eu que estou cursando o Ensino Superior e vou finalizar o ensino né. Então eu sou o primeiro da família a estar fazendo o Ensino Superior mesmo.

Pesquisadora: Qual é a formação dos seus pais? Você tem irmãos?

GRH2: Isso, meu pai e minha mãe e eu tenho dois irmãos, um mais velho e um mais novo. Então o pai, ele é (pausa) como é? Porteiro né, trabalha na portaria e a mãe é assistente de balconista, ela faz parte de atendimento no balcão em panificadoras. Então como eu percebi que precisava desse estudo assim, também um pouco para incentivar eles para ir atrás do ensino também. Então foi bem legal, quando eu comecei a cursar também, eu comecei a incentivar minha mãe e ela começou a estudar também nesse período. Então foi bem legal!

Pesquisadora: Ela está estudando ainda?

GRH2: Ela terminou! Ela começou o curso técnico também para cuidar de idoso. Então ela conseguiu terminar o curso também e hoje ela tá tentando na área como cuidadora de idoso.

Pesquisadora: E os seus irmãos trabalham em que áreas?

GRH2: O mais velho trabalha na área de mecânica e o mais novo está estudando, tá fazendo o curso de tecnologia da computação. Ele tá no Ensino Médio também, ele tá fazendo um curso técnico focado na TI.

Pesquisadora: Com quem você reside?

GRH2: Eu moro com a mãe e o irmão mais novo.

Pesquisadora: Então seus pais são separados?

GRH2: Isso, desde de pequeno... que eu era pequenininho.

Pesquisadora: E como foi sua educação na família, pensando nos estudos?

GRH2: Tanto meu pai como minha mãe, os dois incentivavam bastante essa questão do estudo, tanto para mim como para meus irmãos. Então sempre, vira e mexe, ficava falando, incentivando, você tem novos cursos vai atrás, você já tá velho, tem que ter uma faculdade, sempre batendo nessa tecla, assim né. Então eu acho que essa preocupação, esse carinho comigo, me ajudou bastante também eu ir para frente né? A seguir o sonho que eu queria que era terminar a faculdade, no Ensino Superior mesmo.

Pesquisadora: E a ideia de velho? Porque acredita que demorou mais a sua escolha?

GRH2: É que normalmente, a gente já faz essa escolha quando sai do Ensino Médio né? Então você faz o Enem e já ingressa numa faculdade. Esse período eu tava meio que

desfocado assim, sabe? Eu não tinha uma escolha e eu falava oh... vou seguir esse caminho e vou até o final. Eu tava apenas pensando em trabalhar, só que eu poderia trabalhar como operador de caixa ou numa função mais que usa a força física né? Então não tava muito preocupado com essa parte do Ensino Superior. A partir do momento que eu percebi que eu realmente precisava, que eu demorei eu acho que uns seis anos praticamente né (sorriso). Eu demorei muito tempo para perceber isso, vou aí que me deu o estalo na minha cabeça e eu fui atrás mesmo. Fui pesquisar e ir atrás de uma faculdade para começar.

Pesquisadora: O que fez para ter esse estalo?

GRH2: Olha foi bem na época da crise mesmo (riso), começaram a ocorrer vários desligamentos, várias lojas começaram a fechar de uma hora para outra, né? Então tanto eu que trabalhava lá dentro do RH, como a pessoa que trabalhava dentro do mercado ficaram totalmente sem esse vínculo do emprego, não tinha mais o emprego de uma hora para outra. Então nessa parte que eu comecei a ficar preocupado mesmo e eu precisaria de um conhecimento mais aprofundado na minha área para eu conseguir uma nova oportunidade de emprego né.

Pesquisadora: Na época do Ensino Médio você já pensava em cursar faculdade?

GRH2: Quando a gente é adolescente fica meio perdido né? Eu confesso que nessa época eu estava meio perdido e tinha duas coisas na cabeça: eu gostaria de cursar administração, certo? Ou contabilidade. Só que na época devido eu não estar preparado para fazer o Enem e para ir atrás desse sonho, eu deixei para trás. Eu deixei guardado esse sentimento de procurar o ensino, guardado dentro de mim. Depois de seis anos que eu fui perceber que eu precisava, era necessário sim, esse conhecimento, essa preparação, porque o mercado de trabalho cobra de você! Você tem que tá preparado de qualquer forma. Foi aí que eu busquei essa capacitação.

Pesquisadora: E sua condição financeira para os estudos? A parte econômica envolvida com sua carreira?

GRH2: Eu consigo ver um crescimento. Assim, no início, eu recebia um salário mínimo, mais ou menos e foi a partir do momento que eu fui desligado e eu comecei a perceber que eu precisava ganhar um pouco melhor para ter uma estabilidade financeira que eu fui atrás. Então a partir do momento que eu iniciei o curso, eu reconheço que tive um retorno financeiro bom. Eu consegui me manter e pagar todo esse período com o trabalho mesmo. Então eu trabalhava e pagava a faculdade sozinho. Eu como pessoa vejo que teve um crescimento mesmo.

Pesquisadora: Você sempre teve que pagar os seus estudos?

GRH2: Isso, eu nunca tive essa opção de ajuda dos pais, uma ajuda financeira. Como eles sempre estão corridos, eles já têm as obrigações deles, então eu não gosto de estar interferindo nessa situação. Eu sempre gosto de tá pagando o que eu tô fazendo. Então foi uma decisão minha, se eu conseguir começar uma faculdade, eu tenho que pagar também. Eu tenho isso em mente, que todo mês eu tenho que reservar um valor referente ao meu salário para pagar a faculdade.

Pesquisadora: Se você não tivesse bolsa, conseguiria estudar?

GRH2: Olha, provavelmente não. Eu iria deixar para o próximo ano. Eu deixei a última parcela do seguro desemprego para fazer a inscrição. Eu poderia ter me inscrito anteriormente, só que fica aquela insegurança, será que eu vou conseguir mesmo? Será que vou conseguir me manter depois de me inscrever? Minha preocupação era essa, se eu iria conseguir ter uma remuneração ou um emprego depois que eu ingressasse na faculdade.

Pesquisadora: E como você percebe o mercado de trabalho para o RH?

GRH2: Eu ainda percebo que está meio fechado. Tem umas oportunidades, mas muito específicas né? Tem que ter experiência bem grande ou conhecimento bem específico mesmo para fazer aquela determinada função. Eu acho que como a gente está nesse momento de pandemia, eu acho que tem que melhorar muito. Mas devido a essa crise mesmo tá difícil o mercado de trabalho.

Pesquisadora: Se você fosse procurar um emprego hoje, como avalia sua empregabilidade?

GRH2: Atualmente, se eu fosse procurar um emprego eu teria que me adequar novamente ao mercado de trabalho, porque sempre quando a gente tá em um emprego fixo fica meio que acomodado, vamos supor. Então você não procura novas oportunidades, novos conhecimentos. Você fica meio acomodado. Quando você não tem mais esse emprego e tem que buscar novas oportunidades, você teve se adequar ao mercado, porque ele sempre tá mudando.

Pesquisadora: E o que você planeja para seu futuro?

GRH2: Atualmente eu pretendo terminar a faculdade, dá um caminho no mesmo sentido, em uma pós na área, que visa o Recursos Humanos ou a gestão de pessoas. E ao terminar a Pós, eu pretendo dá uma olhada como está o mercado de trabalho fora do País. Se eu consigo fazer um estágio fora ou um intercâmbio, alguma coisa. Eu gostaria muito de tentar uma oportunidade fora, mas isso é uma questão que eu penso vamos supor uns 5 anos. Eu tenho que tá preparado também né? Antes.

Pesquisadora: O que te chama atenção no exterior?

GRH2: Eu que são as novas oportunidades. Um exemplo, vamos supor, eu poderia exercer essa função que eu faço aqui no Canadá, vamos supor. Então seriam novas oportunidades mesmo, que seriam novos conhecimentos, conhecer uma cultura nova é muito bom!

Pesquisadora: Sua ideia é trabalhar dentro do RH mesmo?

GRH2: Isso, não desfocar dessa área, eu gosto muito dessa área e eu sei que a gente tem que ir atrás mesmo, porque é sempre constante as atualizações. Então hoje você tá ali, mas amanhã você tem que ser atualizar porque a área está sempre mudando.

Pesquisadora: O que te desperta mais interesse no RH?

GRH2: Normalmente como meu serviço era muito operacional, eu não tinha muito contato com pessoas. A partir do momento que eu comecei a ter esse contato com as pessoas, fazer o atendimento ao funcionário, eu comecei a ter esse carinho com as pessoas. Então eu acho que cada pessoa é especial e quando você atende ela, você tem que dar de si todo o seu potencial para ela ali. Então eu comecei a fazer o atendimento com os funcionários às vezes eu conseguia ajudar e a pessoa saia feliz, agradecendo. Pra mim é muito bom, tava um sentimento de gratificação mesmo, sabe? Então, a partir do momento que eu comecei a ter esse contato com as pessoas que eu comecei a gostar de gestão de pessoas e comecei a tentar entrar nesse meio, tentar novos conhecimentos.

Pesquisadora: E você tentou empregos sem iniciar a graduação?

GRH2: Tentei bastante! Confesso que eu fiz muitas entrevistas e não conseguia uma oportunidade mesmo, devido a falta do curso superior. Eu tinha a experiência necessária, porém eu não tinha o ensino cobrado. Muitas empresas cobram o Ensino Superior completo ou cursando. Então, eu não tinha essa parte, eu sentia que eu ficava para trás dos outros candidatos. Precisava de alguma forma me destacar e tentar essa nova oportunidade, foi aí que eu comecei o curso mesmo e depois de um mês mais ou menos consegui o estágio, fiquei muito feliz. Fiz um ano de estágio e consegui ser efetivado na mesma empresa. E para mim assim, nossa! É muito gratificante mesmo! Você consegue ver esse crescimento, esse reconhecimento!

Pesquisadora: E com relação as frases incompletas? Fez você refletir algo?

GRH2: Eu normalmente coloquei o que veio de primeira na cabeça né (riso). Eu achei bem legal, a primeira coisa que vinha na minha cabeça eu completava. Eu achei bem legal, bem bacana. Você lembra de sua trajetória né? Desde do início, tudo que você passou, tudo que você fez para estar no momento agora. Foi legal ter a visão do antes e como tá agora né. Você quer mudar e ter uma opção do depois, você pensar no seu futuro.

Pesquisadora: Gostaria de complementar com mais alguma coisa?

GRH2: Só para completar, eu acho que a gente demora um pouco para conhecer a sua vocação, mas normalmente quando você está certo e quer seguir nessa área, eu acho ninguém te segura, nenhum obstáculo vai te segurar mesmo! Então você vai conseguir ir em frente e não vai deixar que nada te atrapalhe da sua determinação, do seu foco que você quer.

Pesquisadora: E como é identificar essa vocação?

GRH2: Foi bem bom (riso). Demorei para entender o que eu realmente queria. Normalmente eu não gostava das funções anteriores que eu fazia, era uma coisa meio que forçado assim. Agora não, você sente uma valorização, uma gratificação de terminar o seu serviço. Eu sinto assim... como eu posso dizer... que eu realmente tô dentro da área que eu quero estar e rodeado das pessoas que eu quero estar mesmo. Acho que é isso! Espero ter ajudado no seu trabalho.

Pesquisadora: Agradecimentos.

**APÊNDICE I - ESCRITA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (EES):
PARTICIPANTE GRH2¹⁶**

Data :16/06/2020

Dados gerais do participante

Iniciais do nome: HRS Nome fictício: GRH2

Idade: 27 Sexo: MASCULINO Estado Civil: SOLTEIRO

Mora com quem? COM A MÃE

Curso: GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS Período : 4º Previsão término : 12.2020

Ensino Médio: Escola pública (X) Escola privada ()

Está trabalhando atualmente: (X) Sim () Não Cargo: ASSISTENTE DE PESSOAL I

Já cursou ou iniciou outra graduação? Se sim, qual? NÃO

1. Fale sobre o seu processo de escolha pelo curso superior de tecnologia.
2. Conte sobre sua trajetória escolar e profissional até o momento da escolha do curso.
3. Relate sua percepção e expectativas sobre o mercado de trabalho.

1 – Em dezembro de 2017, fiquei desempregado devido à instabilidade do mercado de trabalho, a empresa onde eu trabalhava precisou reduzir custos, fechou várias lojas, com a redução de lojas diminuiu o fluxo de trabalho no RH, onde eu trabalhava como auxiliar administrativo e acabei sendo desligado.

Ao procurar novas oportunidades de trabalho, ficou evidente que eu precisaria melhorar os meus conhecimentos, eu tinha a experiencia, porém não tinha cursando nenhuma faculdade ainda. Como eu ja trabalhei com RH comecei a procurar cursos na area, foi ai que eu comecei a cursar Gestão de Recursos Humanos na Fapi (faculdade de pinhais).

2 – Comecei a estudar desde de cedo, sempre em escolas públicas, nunca reprovei. Completei o Ensino Fundamental, passei para o Ensino Médio onde optei cursar matérias técnicas. Escolhi o curso técnico em administração subsequente, foram quatro anos de Ensino Médio. Após completar o Ensino Médio (2011) comecei a procurar emprego, meu primeiro emprego foi de auxiliar de gestão de numerário numa empresa de segurança. Fiquei um ano trabalhando e pedi demissão, devido ao grande esforço físico para desenvolver a função.

¹⁶ Este apêndice apresenta a transcrição literal das respostas do participante.

No ano de 2012, comecei a exercer a função de Operador de caixa numa livraria no [empresa]. Fiquei ali por dois anos mais ou menos. No ano de 2015, comecei a trabalhar como Auxiliar Administrativo, na rede [empresa]. Foi no mercado que tive o primeiro contato com o RH/ Departamento Pessoal. Nesse tempo aprendi o máximo possível, pois a experiência que eu tive foi muito importante, pois realmente descobri o que eu queria fazer pelo resto da vida. Em 2017 fui desligado do RH e precisei procurar novas oportunidades, após muita procura sem sucesso percebi que eu tinha a experiência, porém faltava o grau de ensino necessário. Comecei a pesquisar por cursos de ensino superior na área de RH, iniciei a faculdade na metade do ano de 2018, já estava desempregado por seis meses. Após o primeiro mês de curso, consegui um estágio na área, foi graças ao curso e a faculdade que isso foi possível. Estagiei por quase um ano, quando surgiu uma vaga efetiva dentro do RH e eu fui promovido.

3 – Desde que houve o desemprego em massa, devido à instabilidade financeira do mundo, percebi que o mercado de trabalho teve várias mudanças.

O mercado passou a ser mais competitivo e exigir mais conhecimento e experiência dos candidatos de forma generalizada, ficou mais difícil de conseguir um emprego. Com isso muitos precisaram se adequar para conseguir novamente a colocação no mercado de trabalho.

No presente momento, vejo que ainda o mercado está em baixa, não tem tanta oferta de trabalho, e há um grande número de desempregados. Minhas expectativas é que realmente tenha uma melhora no mercado de trabalho, pois a sociedade tem que ter um meio de conseguir o sustento.

APÊNDICE J - FRASES INCOMPLETAS (FI): PARTICIPANTE PG

INSTRUMENTO: FRASES INCOMPLETAS (FI)¹⁷

Você está recebendo uma série de frases a serem completadas, para a elaboração desse conjunto de frases foram selecionados temas pertinentes a esta pesquisa, relacionados com sua percepção de si, de suas escolhas profissionais, do seu curso, futuro profissional e mercado de trabalho.

Solicitamos que você leia cada uma delas e procure completá-las da forma mais espontânea possível, isto é, com a primeira ideia que lhe vier à mente.

1. Eu me avalio como uma pessoa... CRIATIVA
2. Tenho preferência por... VIAGENS
3. Eu valorizo na vida... FAMILIA
4. Tenho dificuldade de... DELEGAR
5. Minha trajetória escolar antes da faculdade, foi... NORMAL
6. Quando falam de profissão, meus pais querem que eu... ESTUDE MAIS
7. Minha família é ...FORTE
8. Financeiramente me avalio como... ESTÁVEL
9. Cursar uma faculdade representa para mim... CRESCIMENTO
10. Pensando em minha carreira, me preocupo com... ACEITAÇÃO
11. Sobre as escolhas profissionais penso que... TEM QUE SER COM CALMA
12. Escolhi o curso superior de tecnologia, pois... É MAIS RÁPIDO
13. Os cursos superiores de tecnologia são... RÁPIDO E OBJETIVO
14. Após iniciar a faculdade me sinto... REALIZADA
15. Como estudante me descrevo... ESFORÇADA
16. Estudar é... PRIMORDIAL
17. Sobre o trabalho penso que... FUNDAMENTAL
18. O mercado de trabalho atual está...CRISE
19. Penso que terei mais oportunidades profissionais se... ME QUALIFICAR MAIS
20. Minha profissão é... AJUDAR OUTRAS PESSOAS, SABER OUVIR
21. No futuro eu me vejo... COM UMA EMPRESA ESTRUTURADA
22. Um bom emprego é...ONDE VOCE VAI TRABALHAR FELIZ E VOLTA PARA CASA SEM FICAR PENSANDO NO TRABALHO.
23. Meus próximos passos profissionais serão... CRESCER, MUDAR DE CARGO OU EMPRESA

¹⁷ Este apêndice apresenta a transcrição literal das respostas do participante.

**APÊNDICE K - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (TES):
PARTICIPANTE PG¹⁸**

Sujeito: PG

Data: 19/11/2020

Tempo Entrevista: 18 min e 25 segundos

Pesquisadora: Para iniciar gostaria que você relatasse sua trajetória escolar, fale sobre seus estudos até chegar no curso superior.

PG: Então eu iniciei o Ensino Fundamental no colégio público, sempre estudei na verdade em colégio público, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Não tive que repetir nenhuma matéria, nenhuma turma e depois disso e fiz um curso, logo que eu saí do Ensino Médio, de secretariado. Foi técnico no IFPR. Eu fiz porque eu tive a oportunidade na empresa que eu trabalhava de crescer né. E eu fiz esse curso para poder mudar minha função lá dentro e deu certo! Depois que eu comecei o curso eu consegui um cargo maior e melhor lá dentro da empresa. Depois disso eu não fiz mais nenhum curso, demorei acho que... (pausa), não lembro assim quando eu terminei, não vi minhas datas lá. Mas após uns três anos foi quando eu comecei a fazer a faculdade e escolhi Processos Gerenciais.

Pesquisadora: Na época que escolheu secretariado foi a própria empresa que estimulou você a cursar secretariado? Como foi o processo de escolha?

PG: Eu sabia que tinha uma vaga para ser aberta, porque a pessoa que fazia aquela função iria para outro cargo também né, maior do que o dela. Então eu vi que iria abrir e já me preparei, então eu fui em busca de um curso onde ele pudesse me dar as qualificações que eu precisava para fazer aquela função, mas pelo meu entendimento seria após eu concluir, por isso eu escolhi um curso técnico para ser mais rápido né. Mas acabou que antes de eu concluir, eu já estava exercendo aquela função.

Pesquisadora: E como você se avalia como aluna, no Ensino Fundamental e Médio?

PG: Olha eu me avalio como uma boa aluna né! (sorriso). Minhas notas são altas, eu nunca tive uma reprovação. Eu me dedico mais bastante ao que eu faço. Sempre me dediquei, sempre me envolvi também com outras coisas na faculdade, sempre que tem eventos e feiras, eu sempre estou lá à disposição. Na Fapi também, eu exerço algumas funções, sempre que

¹⁸ Este apêndice apresenta a transcrição literal das respostas do participante.

eles precisam de alguma ajuda para alguma coisa, eles me procuram. Então eu sempre me envolvo muito na Instituição em que eu estou estudando.

Pesquisadora: Então, você estava trabalhando e depois de três anos, optou em cursar faculdade. O que você ponderou para a escolha?

PG: Eu ponderei o que esse curso iria me trazer de conhecimento que eu pudesse transmitir ao empresário, que é o meu cliente hoje. Eu atendo empresários e futuros empreendedores também, que querem abrir uma empresa e não sabem por onde começar, querem uma orientação ou empresários que estão passando por alguma dificuldade dentro da empresa deles. Eu faço uma pré-análise de tudo que ele tá precisando, qual a urgência dele, porque às vezes ele chega aqui e ele não sabe o que precisa fazer na empresa, ele só quer que melhore. Então eu converso com ele, faço esse pré-diagnóstico e encaminho ele para uma consultoria do Sebrae com consultor especializado naquela área. Então quando eu fui procurar o curso, eu procurei escolher um curso que me desse as ferramentas para que eu pudesse entender melhor como que funciona o gerenciamento de uma empresa, como funciona cada setor da empresa né. O que precisa... como administrar corretamente uma empresa. Assim, coisas que eu pudesse falar para ele e entender também o processo dentro de uma empresa para quando ele viesse falar comigo, eu entendesse o que ele quer dizer e também quando ele não entender, quando ele mesmo não saber qual o seu real problema, eu pudesse com essa conversa, com esse direcionamento entender melhor o que ele precisa.

Pesquisadora: Você poderia fazer muitas escolhas né? Porque você escolheu o curso de Tecnologia?

PG: Porque eu precisava de algo que fosse rápido e objetivo. E eu que o curso de tecnologia é rápido e objetivo. Eu poderia ter escolhido Administração, mas eu preferi fazer algo que tivesse administração envolvida né, mas que fosse um pouco mais rápido. Então, por isso que escolhi e que também fosse um superior, porque eu não tinha um superior né? Eu tinha só um técnico, então eu também escolhi para que eu pudesse ter um superior.

Pesquisadora: E hoje, estando no quarto período, como você avalia sua escolha?

PG: Eu avalio que eu acertei na minha escolha (sorriso), não em arrependo do curso que eu escolhi. Escolhi certo! Eu fui objetiva naquilo que eu precisava, supriu minhas necessidades e expectativas. Então eu avalio que foi uma escolha muito bem feita para o que eu precisava aprender naquele momento, o que eu precisava usufruir. Eu acredito que foi uma escolha bem-sucedida!

Pesquisadora: Me conte um pouco sobre a trajetória de estudo de seus familiares. Outras pessoas da sua família têm o Ensino Superior?

PG: Na minha família só a minha irmã tem o Ensino superior e ela tem também pós. Acho que ela tem duas pós, ela é professora também. E eu tenho um irmão que está terminando para ser professor também. Meus pais não estudaram o Ensino Superior, eles estudaram até o Ensino Fundamental, mas os dois não concluíram o Ensino Fundamental também. Os meus irmãos, nós somos em quatro, eu estou terminando, minha irmã tem duas pós e meu irmão está terminando.

Pesquisadora: Qual a visão que seus pais têm sobre o estudo?

PG: Meus pais sempre acharam importante a gente estudar, mas eles não tinham os recursos para nos bancar nesses estudos, vamos dizer assim, porque eles eram de uma família muito humilde, apesar dele saberem que o estudo era muito importante, não tinha muito incentivo. Digo assim né, você vai estudar! Tem pais que é... você vai dar um jeito, mas você tem que ter um superior! Para os meus pais o incentivo de estudo deles era terminar o Ensino Médio, porque como eles tiveram só o fundamental, para eles era importante que a gente terminasse tudo. Agora para fazer o Ensino Superior, eles não falavam nada assim! Não incentivavam a gente, porque não era algo que para eles era muito relevante. Eles não entendem como ser algo muito relevante porque eles não tiveram isso né? Os meus são já bem idosos! Então isso foi algo nosso mesmo, e minha irmã mais velha que é essa que tem duas pós, sempre incentivou a gente a fazer o curso superior.

Pesquisadora: Você comentou que a parte econômica era um pouco mais difícil. Como você se administrou financeiramente para cursar a faculdade?

PG: Eu consegui uma bolsa na Fapi. Eu precisava fazer esse curso superior também porque hoje a função que eu exerço para o [empresa], que é um dos órgãos que é essa parte de cursos, consultorias, é um ponto de atendimento que temos aqui, ele exige que a agente de atendimento também tenha o Ensino Superior. Então eu já estava há cinco anos aqui e não tinha ainda o Ensino Superior. Então era uma das exigências, não foi cobrado neste período de cinco anos, mas depois foi cobrado. Então eu também tive que fazer um ensino superior para continuar na função que eu exerço hoje. Então para isso eu tive que também pedir ajuda da própria empresa. Então eu consegui uma bolsa da faculdade e o restante a empresa paga para mim!

Pesquisadora: E como você avalia o mercado de trabalho? Propostas de trabalho e abertura de portas no momento atual em sua área?

PG: Olha, eu avalio que o mercado de trabalho, apesar de ter muitas pessoas que fazem administração, RH, Processos Gerenciais, assim... tem bastante gente. Mas eu acredito que o mercado de trabalho é grande, porque qualquer função e qualquer empresa, qualquer serviço

que você tenha que prestar hoje em dia, você precisa de uma boa administração, você precisa de um bom gerente, uma pessoa a frente que esteja ali, que seja adequada para aquela função. Então eu acredito que o mercado de trabalho está aberto sim à grandes oportunidades nessa área, continua sendo uma expansão, porque todo dia abre uma empresa e toda empresa precisa de um administrador. Eu acredito que é isso!

Pesquisadora: Você está há sete anos na atual empresa, você percebeu alguma diferença depois que iniciou a faculdade?

PG: Sim! Eu percebi que mudou bastante a forma de eu me comunicar, mudou bastante a minha escrita, é... (pensando), eu pude ter uma visão melhor também de cada setor aqui dentro e aqui dentro eu tenho assim, eu sou a mais velha aqui né, em quantidade de anos de serviço. Então, eu pude ajudar a separar melhor os setores, arrumar os setores né! Então a gente tá inclusive nesse processo de ajustar setor por setor né! Até porque a gente tem uma certificação para conseguir, então melhorou muito a forma com que eu consigo ver hoje uma empresa, cada processo que tem que ter, o que cada setor tem que ter, então me ajudou muito no meu trabalho em relação a isso. Eu acho que eu cresci muito em conhecimento em todas as áreas!

Pesquisadora: Você é casada né? E o seu marido? Ele está estudando?

PG: O meu marido faz faculdade, ele faz Direito lá na Fapi também! A gente começou a estudar juntos e no mesmo período assim. Então ele está fazendo Direito lá.

Pesquisadora: Quais suas perspectivas futuras, pensando em sua carreira e área de trabalho?

PG: Bom, há um mês atrás eu recebi uma oportunidade de fazer sociedade em uma empresa de mídias digitais. Então devido a isso, eu estou pensando na minha pós, porque eu tinha algo em mente e talvez eu tenha que mudar isso né. Porque em mente eu tinha vontade de fazer liderança, RH, algo voltado nessa área. E agora com essa oportunidade de entrar nessa empresa de mídias digitais, que é algo que eu já lidava aqui dentro da [instituição], eu que cuidava das mídias né. Aí eu tive essa oportunidade de entrar de sociedade, eu tô pensando em fazer Mídias Digitais como pós, mas eu ainda não decidi!

Pesquisadora: Você pretende continuar no seu trabalho e administrar sua empresa?

PG: Aham, eu vou ser o comercial, entrar em contato com os empresários aqui onde eu trabalho eu tenho essa oportunidade de estar mais perto dos empresários né. E aí eu tenho a parte que é mais técnica que realmente faz o trabalho manual fora daqui. Então eu consigo administrar as duas coisas.

Pesquisadora: Participar dessa conversa, preencher os questionários, as frases incompletas, fez você refletir sobre algo?

PG: Fez eu refletir muito porque eu escolhi essa área e se eu quero seguir com isso né! Se eu quero seguir fazendo essa parte mais administrativa, de gestão dos negócios ou se eu quero de repente partir para uma área mais específica que é Mídias, eu comecei ali, quando eu escrevi porque eu escolhi fez eu refletir um pouco, porque eu tinha escolhido e se eu isso mesmo que eu quero seguir a partir de agora! Por isso que eu estou nessa reflexão da minha pós ainda (sorriso)!

Pesquisadora: Gostaria de falar algo que eu não tenha te perguntado, complementar alguma coisa?

PG: É... bom, só essa parte da oportunidade que eu tive. Bom, quando eu entrei aqui na Associação e eu comecei a lidar com os empresários, eu conheci o mundo do empreendedorismo, que eu não conhecia antes né. Apesar de eu ser funcionária da [empresa], eu faço um serviço para o [empresa] aqui dentro. Então eu conheci o mundo do empreendedorismo e me apaixonei. Já tinha essa visão de paralelo abrir meu próprio negócio e futuramente se deslanchar eu ficar só com o meu negócio, então a oportunidade de trabalhar aqui também me fez me apaixonar pelo empreendedorismo e ver que eu também quero ser empreendedora! E essa oportunidade que eu tive de começar e ver se vai dar certo essa área de mídia ou se é outra coisa também foi devido ao curso, porque lá a gente aprende muito sobre o empreendedorismo, sobre o mundo do negócio. Então fez com que eu aprendesse muito e refletisse bastante, e fizesse da maneira correta todo o processo da abertura de uma empresa, o que eu preciso. O que eu preciso pensar para poder abrir e tal. Então tudo isso também me ajudou o curso, a hoje ter o meu próprio negócio.

Pesquisadora: E olhando no futuro, como percebe o empreendedorismo no Brasil?

PG: Eu percebo que são oportunidades e a gente tem que aproveitar as oportunidades que são dadas. Quando eu entrei nesse negócio para ser sócia dessa empresa, eu já entrei pensando que era uma oportunidade e que se desse certo, ok, e se não desse, eu iria pensar em outra coisa, porque o empreendedorismo... ele é muito relativo assim, ele é um passo que você tem que dar sem saber se vai dar certo ou não! Eu acho que é um risco né, em qualquer área, em qualquer lugar. Você ser empreendedor é arriscado, porque você não sabe se vai dar certo e você não sabe se vai dar errado! Então é um passo de fé que você tem que dar e ver se der certo beleza, e se não der vai em frente e faça outra coisa e tente outra vez!

Pesquisadora: Mais alguma observação?

PG: Só isso (sorriso).

Pesquisadora: Agradecimento.

APÊNDICE L - ESCRITA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (EES):**PARTICIPANTE PG¹⁹**

Data: 16/11/2020

Dados gerais do participante

Iniciais do nome: D A C Nome fictício: PG

Idade: 28 Sexo: Feminino Estado Civil: Casada

Mora com quem? Marido

Curso: Processos Gerenciais Período: 4º Previsão término: 2020

Ensino Médio: Escola pública (x) Escola privada ()

Está trabalhando atualmente: (x) Sim () Não Cargo: Agente de Atendimento [empresa]

Já cursou ou iniciou outra graduação? Se sim, qual? Não somente técnico

1. Fale sobre o seu processo de escolha pelo curso superior de tecnologia.

Hoje eu trabalho com empresários, ajudando a entender melhor suas necessidades e problemas e oferecendo produtos e serviços do Sebrae para ajudar na sua empresa. A minha escolha pelo curso foi justamente pelo que eu faço hoje, para entender melhor as necessidades do meu cliente eu queria entender melhor os processos dentro de uma empresa, e como gerenciar ela da melhor forma, com isso eu conseguiria entender melhor o meu cliente e auxiliá-lo com a melhor solução.

2. Conte sobre sua trajetória escolar e profissional até o momento da escolha do curso.

Cursei o Ensino Fundamental e Médio em escola pública, sai do Ensino Médio sem saber qual profissão iria seguir, com uma oportunidade de crescer no meu trabalho eu fiz o curso de secretariado o que me ajudou a receber uma promoção, após isso mudei de trabalho e lá conheci o mundo do empreendedorismo e me apaixonei, estou há sete anos nesse mesmo trabalho e há dois meses comecei meu negócio de mídias digitais.

3. Relate sua percepção e expectativas sobre o mercado de trabalho.

Hoje o mercado de trabalho para minha área é bem abrangente acredito que toda empresa precise de um profissional que saiba gerenciar corretamente e que conhece todos os processos que uma empresa deve ter, uso muito o que eu aprendi na minha profissão dentro da empresa e também do ramo das mídias digitais. Acredito que a administração nunca vai acabar mas que os profissionais vão ter que se reinventar, estudar sempre, pois o mercado sempre está mudando e novas tecnologias chegando.

¹⁹ Este apêndice apresenta a transcrição literal das respostas do participante.

APÊNDICE M - FRASES INCOMPLETAS (FI): PARTICIPANTE LOG

INSTRUMENTO: FRASES INCOMPLETAS (FI)²⁰

Você está recebendo uma série de frases a serem completadas, para a elaboração desse conjunto de frases foram selecionados temas pertinentes a esta pesquisa, relacionados com sua percepção de si, de suas escolhas profissionais, do seu curso, futuro profissional e mercado de trabalho.

Solicitamos que você leia cada uma delas e procure completá-las da forma mais espontânea possível, isto é, com a primeira ideia que lhe vier à mente.

1. Eu me avalio como uma pessoa...próxima
2. Tenho preferência por...estar com uma boa companhia
3. Eu valorizo na vida...amor ao próximo
4. Tenho dificuldade de...trabalhar com pessoas arrogantes
5. Minha trajetória escolar antes da faculdade, foi...apenas o ensino médio
6. Quando falam de profissão, meus pais querem que eu...tenha um bom emprego
7. Minha família é...de mais, inspiradora
8. Financeiramente me avalio como...estável
9. Cursar uma faculdade representa para mim...soma de conhecimento
10. Pensando em minha carreira, me preocupo com... realizar meus sonhos
11. Sobre as escolhas profissionais penso que...poderia ter sido melhor
12. Escolhi o curso superior de tecnologia, pois...trará mais conhecimento, e possibilidade de pós graduação
13. Os cursos superiores de tecnologia são...curtos, mas com grande bagagem acadêmica
14. Após iniciar a faculdade me sinto...mais satisfeito comigo mesmo
15. Como estudante me descrevo...proativo
16. Estudar é... difícil, porém proveitoso
17. Sobre o trabalho penso que...é satisfatório
18. O mercado de trabalho atual está...se reinventando
19. Penso que terei mais oportunidades profissionais se...tiver um bom conhecimento
20. Minha profissão é... Assistente Comercial, e estou satisfeito com o trabalho exercido
21. No futuro eu me vejo...ainda não tenho planejado
22. Um bom emprego é... o qual eu possa expressar o melhor que tenho a oferecer
23. Meus próximos passos profissionais serão...ainda não parei pra decidi-los

²⁰ Este apêndice apresenta a transcrição literal das respostas do participante.

**APÊNDICE N - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (TES):
PARTICIPANTE LOG²¹**

Sujeito: LOG

Data: 04/12/2020

Tempo Entrevista: 27 minutos e 21 segundos

Pesquisadora: Para iniciar gostaria que você relatasse sua trajetória escolar, fale sobre seus estudos até chegar no curso superior.

LOG: Na verdade como eu moro em um bairro que as escolas são próximas, eu acabei iniciando na escola, não fiz creche e acabei iniciando no Ensino Fundamental no ensino público e houve dois colégios aqui no meu bairro e eu cursei até a quarta série em um dos colégios e depois fui até a oitava série em um outro colégio. Quando eu fui para o Ensino Médio, eu cursei no [colégio] que é um colégio também público, que fica em Curitiba. Porém, como eu já trabalhava de *freelancer* em um supermercado próximo da minha casa, eu optei para estudar lá porque era o único colégio que eu encontrei no período da manhã para o Ensino Médio.

Pesquisadora: Para conciliar com o trabalho?

LOG: Isso! Para conciliar. Então, como acontecia, eu estudava no período da manhã e no período da tarde trabalhava no supermercado aí.

Pesquisadora: Você começou a trabalhar com quantos anos?

LOG: Ah... acho que com uns 15, 16 anos. Era de empacotador no supermercado. Era tranquilo. Aí então, com a faculdade foi uma dificuldade porque assim, com a faculdade eu tinha aquele pensamento ainda na época, 12 anos atrás, que era uma coisa assim que ainda somente o pessoal com poder aquisitivo maior né, tinha o acesso. Então eu acabei me enrolando muito para voltar a estudar um curso superior né. Com isso eu acabei não decidindo qual o rumo da minha carreira profissional né. Eu fui simplesmente levando ali, e me arrependo de não ter iniciado antes. E aí no início do ano passado eu acabei trocando de setor que eu trabalho na empresa. Eu trabalhava no setor de expedição e fui pro setor comercial. Quando cheguei lá me deparei com o pessoal que já tinha faculdade, já tinha uma formação, então eu já estava me sentindo mal por não ter também essa formação. E conversei bastante com o meu gerente e também com os meus diretores, eles falaram que realmente seria interessante se você tivesse né. Porque fica uma situação complicada né, a questão é...

²¹ Este apêndice apresenta a transcrição literal das respostas do participante.

(pausa), de como eu posso falar... (pensando), de salário assim! Porque o pessoal que é... na verdade é questão salarial. Porque eu tinha já um tempo bastante longo de empresa, tinha acho que oito anos de empresa, mas não tinha curso superior e o pessoal que estava lá, era um pessoal bastante novo no setor e já tinha curso superior, então quase que nosso salário se igualava ali. Então, eu por causa da minha carreira dentro da empresa e eles devido a ter a graduação. Então acabei correndo atrás, no início... no final do ano passado e no início desse ano consegui entrar na faculdade lá (sorriso) e foi uma coisa muito boa assim! Eu me arrependo muito de não ter entrado antes, sabe? Porque a gente já, eu já tinha uma ideia que a gente aprende muita coisa né (sorriso). Minha irmã também cursou um tempo e ela sempre me incentivava e acabava que eu não... não conseguia identificar com ramo tomar para seguir na carreira profissional e aí quando iniciei nesse ano, eu falei nossa! Sabe quando bate aquela coisa e falei nossa, eu deveria ter começado muito antes né! Tanto pelo conhecimento que eu poderia hoje ter dito nesse tempo quanto a própria experiência de estar ali na sala de aula. Você conversando com pessoas com experiências em outros ramos, outros nichos de trabalho. Os professores também sempre agregando sempre informações que fazem pensar sobre a vida (sorriso). E aí, eu agora estou cursando, foi no início do ano que eu iniciei o curso e tem sido um período muito bom assim para mim! Tanto na empresa que eu trabalho como na própria vida pessoal mesmo.

Pesquisadora: E porque você escolheu um curso de tecnologia?

LOG: Então, o curso de tecnologia eu escolhi à princípio pela questão do tempo né. Se a gente olhar para as graduações é o que tem o período mais curto, dois anos, né. Então eu queria que fosse um curso mais rápido, porém que tivesse um peso, futuramente pudesse estar cursando uma pós-graduação e se especializar em uma outra área.

Pesquisadora: Você comentou que logo ao finalizar o Ensino Médio, tinha uma visão sobre o Ensino Superior, acesso com poder aquisitivo. Fale um pouco mais sobre isso.

LOG: Eu cresci em um bairro muito pobre né. Então logicamente a mente da gente acaba se tornando muito pequena a respeito disso né. Então logo depois... alguns anos depois vieram os planos do governo que incentivaram os cursos superiores. Mas mesmo assim, sabe? Não tinha, não partia de mim o interesse de um curso superior. Eu via a necessidade, mas não encontrava a área, ficava com medo de investir tempo e dinheiro em algo que não fosse... que eu não emcaixasse né.

Pesquisadora: Me conte sobre sua família e a formação escolar deles.

LOG: Meu pai e minha mãe estudaram muito pouco né. Eles sabem ler e escrever, mas assim eles não conseguem interpretação né. Tem dificuldade com interpretação de texto, eles

aprenderam somente o básico mesmo. Devido eles virem de uma região de interior, então para eles era muito dificultoso, na adolescência e na juventude deles, acabaram assumindo responsabilidades de trabalho muito cedo né. Então acabaram não conseguindo concluir essa parte. Agora, minhas irmãs... eu tenho uma irmã hoje com 50 anos, está cursando Nutrição, ela iniciou junto comigo, no início do ano agora. Eu tenho outra irmã do meio, que ela tem 38 anos, e ela iniciou o curso de Direito e cursou acredito em torno de acho que uns cinco períodos e acabou desistindo. Ela gerenciava um salão de beleza no Centro e acabou não conseguindo devido ao tempo que ela dedicava à gerência do salão.

Pesquisadora: Eu vi nos formulários que você é casado. E a sua esposa, qual a escolaridade?

LOG: A minha esposa, logo que a gente se casou, ela iniciou o curso técnico de Enfermagem e ela se formou no curso técnico de Enfermagem e hoje já trabalha na área e está mais tranquilo ali!

Pesquisadora: Vocês têm filhos?

LOG: Na verdade minha esposa está grávida. É para final de janeiro, início de fevereiro que tá esperando.

Pesquisadora: Está chegando! Sua família vai crescer!

LOG: Estamos ansiosos.

Pesquisadora: E como você avalia sua decisão pelo curso de tecnologia, atualmente?

LOG: Eu gostei bastante, eu tive muito apreço pelo curso, pena que essa questão da pandemia, a gente acabou se afastando. Eu sei que a gente perde muito né, de não estar em sala de aula. Até os próprios professores sentem essa falta. A gente vê que o pessoal não tem tanta aderência assim né. Então você acaba não somando junto, as vezes até dificultando o crescimento. Mas assim, o conteúdo para mim foi muito importante. Eu trabalho em uma empresa que é uma distribuidora de filmes plásticos, então tem tudo a ver com que eu estudei até agora, processos tanto de gerência... de você gerenciar os processos dentro da empresa quanto os modos. Nós tivemos aulas com o professor FG e ele apresentou vários modos de trabalho dentro do nosso nicho de trabalho. Nós somos um centro de distribuição, praticamente um operador logístico, então pra mim tem sido muito bom assim, saber. Os assuntos abordados têm feito com que tenha outra perspectiva do que eu já venho atuando dentro da empresa.

Pesquisadora: Após iniciar o curso, você sente alguma diferença dentro da empresa? Mudou algo na relação com a empresa?

LOG: Eu vejo que eu me preocupo mais assim com a questão... como eu posso dizer (pensando). A mente pensante dos processos. Você olha para os processos que você já está

executando, você olha para o seu dia a dia, sua rotina e à medida que você vai aprendendo, você vai tendo novos conteúdos que batem com o seu cotidiano, eu vejo que abre um novo horizonte! Eu sempre comento como o meu gerente, às vezes, ele é... eu comento que a gente deveria mudar algumas coisas dentro da empresa né. Então essa preocupação por uma melhoria na empresa que fique contínua, uma melhoria que a gente chegue num... nível assim que tanto os erros como nossa distribuição seja de um modo mais excelente assim!

Pesquisadora: E o tratamento da empresa contigo? Percebe alguma mudança?

LOG: A diretoria, eles ficaram muito contentes depois que eu iniciei o curso né. Como disse, eu sou um funcionário lá que hoje estou próximo dos 11 anos já que eu estou junto com a empresa, e eu sempre me preocupei por estar ensinando meus colegas a respeito das funções que eu já executava. Então foi até um incentivo do meu, de um dos meus diretores, que eu cursasse um curso superior né. Às vezes eu vou na empresa e acabo conversando com ele, a gente troca algumas ideias e ele sempre me questiona. A felicidade da gerência da empresa é algo que ficou muito explícito assim para mim! Algo que ficou muito bom (sorriso).

Pesquisadora: Você está 11 anos nessa empresa?

LOG: Isso, teve um período que eu trabalhei lá, durante dois anos e meio, eu acabei saindo, mas com todo o tempo que eu já tô prestando para a empresa já dá uns 11 anos isso.

Pesquisadora: Me fale um pouco sobre sua experiência profissional.

LOG: Legal. Eu comecei trabalhando em supermercado, *freelancer*. Eu trabalhava como empacotador e aí quando eu completei 17 anos, eles acabaram me contratando. Eu fiquei até os 19 anos lá, então eu acabei saindo logo que eu terminei o Ensino Médio, eu acabei saindo do mercado, queira procurar um outro serviço, porque a carga horária lá era muito complicada. Eles acabam trabalhando final de semana, feriado. Então aquilo para mim estava se tornando mais um peso que uma satisfação de tá ali. Aí eu fui chamado por um colega para fazer parte de uma gráfica, comecei trabalhando como auxiliar de impressão e acabei ficando um ano na gráfica, mas infelizmente a gráfica acabou abrindo falência e acabei não dando seguimento no ramo gráfico. Hoje, o meu gerente, ele é o meu primo, ele sempre trabalhou nessa empresa que eu trabalho hoje, e ele acabou me chamando para fazer parte do grupo de funcionários lá. E aí eu comecei a trabalhar lá, iniciei no setor de embalagens que é, a gente produz bobinas plásticas, então essas bobinas saem das máquinas de produção e no setor de embalagens a gente organiza elas nos pallets para ir para a expedição. Eu fiquei um tempo lá, não vou lembrar quanto tempo eu fiquei no setor de embalagens e depois eu fui para o setor de produção mesmo, operador de máquina, fiquei lá acredito que um ano mais ou menos e aí então eu me desliguei da empresa, fiquei uns 6 meses afastado. E aí a empresa me chamou de

novo para fazer parte do grupo lá, que eles acabaram fazendo algumas alterações no grupo de funcionários e me chamaram para fazer parte do setor de expedição. Eu fiquei lá por uns 5 anos, eu acho, mais até eu acho, não vou lembrar agora certo (sorriso). Mas aí fiquei no setor de expedição, auxiliando no faturamento das notas fiscais e no carregamento das cargas. Aí então fui chamado para fazer parte do setor comercial, onde eu tô hoje.

Pesquisadora: Neste momento fez a opção por cursar faculdade? Quanto tempo está na área comercial?

LOG: Isso, faz 2 anos, eu fiquei um ano lá, sendo treinado e aí comecei a trabalhar com a equipe e no final do ano passado já comecei a procurar a faculdade para poder cursar o curso superior.

Pesquisadora: E como você percebe o mercado de trabalho? As oportunidades que já teve e hoje em dia?

LOG: Eu tenho um pouco dificuldade, como devido ao tempo que eu estou na empresa eu não... não... eu acabo não procurando né. Eu acho que eu sou um pouco cômodo também e acabo não procurando né, para poder me posicionar, olha como eu estou no mercado de trabalho, com a minha experiência e agora com a bagagem da faculdade. Não tenho buscando, mas o que normalmente a gente encontra né, é que o ramo de logística, é um ramo muito é... que tem bastante empregabilidade. Então agora com essa oportunidade com a faculdade, acredito que seja mais tranquilo a... esse quesito do mercado de trabalho.

Pesquisadora: Me fale sobre sua condição econômica para cursar a faculdade.

LOG: Então para a escolha da faculdade foi algo assim que foi muito... algo que foi mais fácil acredito, quando eu fui escolher a faculdade, dois colegas meus que já se formaram no curso superior de logística lá na Fapi, eles trabalham comigo. Então quando surgiu a oportunidade, ah eu quero cursar um curso superior, já veio as referências e aí eu acabei identificando que seria uma faculdade que iria suprir a minha necessidade. A faculdade fica entre a minha casa e o meu trabalho. Eu moro em São José dos Pinhais e trabalho em Colombo, só que eu vou por dentro de Pinhais e acaba sendo caminho ali, no percurso do meu trabalho. Eu tive um incentivo da empresa, eles pagam 50% da minha bolsa e eu também tive incentivo do Quero Bolsa, então para mim ficou mais tranquilo assim em questão da faculdade. A parte econômica ficou mais tranquilo para mim.

Pesquisadora: Como você se avalia como aluno?

LOG: A gente sempre pode melhorar mais (sorriso). Eu acho que tenho uma dificuldade em questão de, sabe, deixar as coisas para a última hora. Eu me dedico quando é para fazer as coisas, fazer os trabalhos né. É... as aulas eu tenho acompanhado elas, mesmo a distância, eu

dedico todo o meu tempo da noite para estar acompanhando as aulas. É difícil os dias que eu não acompanho as aulas. Só umas questões mesmo, eu tive problemas com internet, uns outros dias eu tive que sair e acabei não acompanhando, mas a maioria das aulas que eu tenho, que eu pude assistir, eu assisti. E só referente aos trabalhos mesmo, que eu fico meio... acabou deixando, sabe aquela coisa que deixa para fazer um dia antes ou até mesmo no dia. Isso é uma dificuldade, eu acabo me cobrando muito, procrastinador que fala né (sorriso). Então é uma coisa que eu deveria melhorar mais sabe? Para ter um aprendizado maior.

Pesquisadora: Fale sobre suas perspectivas e planejamento do futuro profissional.

LOG: Então meu futuro profissional assim, eu também, devido a não ter essa pesquisa do posicionamento no mercado de trabalho, acho que eu fico meio acomodado. Após o término da faculdade, eu já tô pensando em prestar uma pós-graduação. Eu ainda não decidi qual área que é mas eu pretendo, para não deixar esfriar, porque desde do período que eu terminei o Ensino Médio até o retorno aos estudos da faculdade foi me média dez anos né. Então isso fez uma diferença muito grande na minha vida profissional, como eu disse quando eu iniciei a faculdade para mim, foi algo que eu me arrependi muito de não ter iniciado antes. Então... eu quero procurar uma pós-graduação, na empresa que eu trabalho é... o plano de carreira, eu acredito que não tenha mais para onde haver crescimento lá na área que eu tô. É uma empresa pequena, ela tem em média 37/40 funcionários. Então é pequeno ali, os ramos de crescimento dentro da empresa. Então somente se eu me desligar da empresa mesmo e acabar indo para uma outra empresa mesmo né.

Pesquisadora: Gostaria de complementar com mais alguma coisa que eu não tenha perguntado?

LOG: Não sei (riso). Na verdade, era o que eu queria destacar, essa importância de tá cursando, pra mim foi algo que trouxe um peso muito grande, porque eu acho que essa coisa de... de eu não ter entrado, acredito que tinha até medo dessa coisa de faculdade e é uma coisa boba né, particular minha. Eu sei que hoje o pessoal que está saindo do Ensino Médio já tem mais sede por estar cursando e pensa muito mais na carreira profissional né. Acredito que eu acabei sossegando demais (sorriso).

Pesquisadora: Você tinha medo do quê?

LOG: Não sei, sabe acho que de não conseguir dar conta, sabe? De ser algo muito... muito... como posso dizer, muito tenso que eu não conseguisse diluir. E foi algo totalmente ao contrário, foi um prazer muito grande de poder tá fazendo parte de um curso superior. Tanto na empresa trouxe esse peso né, de poder tá cursando um curso superior e quando comento

com meus colegas de trabalho, eles acabam ficando também muito felizes né e buscando essa oportunidade também!

Pesquisadora: Qual a visão que seus pais têm do estudo?

LOG: Os meus pais sempre é... meus pai particularmente sempre trabalhou com construção civil ou senão nas tarefas que ele trabalhava no Interior né, serviço braçal e ele sempre me incentivava. Olha você tem que estudar e tem que encontrar um serviço que você não se prejudique futuramente, então aquela coisa... mas ele não me deu um norte e às vezes eu... não sei se foi isso também que eu... que possa ter, possa ter... trazido esse sentimento né. Então... eu acho que... a minha mãe também sempre me falava, olha você tem que estudar, mas aquela coisa de não ter norteado. Olha você tem que fazer isso, procure nessa área, sabe? Então talvez isso acabou é... me deixando acomodado, né.

Pesquisadora: Mais alguma coisa?

LOG: Não, só se você tiver alguma pergunta mesmo (sorriso).

Pesquisadora: Seria isso. Agradecimentos.

**APÊNDICE O - ESCRITA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (EES):
PARTICIPANTE LOG²²**

Data: ____/____/____

Dados gerais do participante

Iniciais do nome: CMF Nome fictício: LOG

Idade: 31 anos Sexo: Masculino Estado Civil: Casado

Mora com quem? Com minha esposa

Curso: Tecnologia em Logística Período: 2º Previsão término: Dezembro de 2021

Ensino Médio: Escola pública (X) Escola privada ()

Está trabalhando atualmente: (X) Sim () Não Cargo: Assistente Comercial

Já cursou ou iniciou outra graduação? Se sim, qual? Não

1. Fale sobre o seu processo de escolha pelo curso superior de tecnologia.

R : Devido atualmente fazer parte de uma distribuidora de filmes plásticos hoje ocupando o cargo de assistente comercial, dei início a busca de um curso que com conteúdo que pudesse somar a minha experiência na empresa, o curso de Tecnologia em Logística foi o que mais se encaixou no perfil que estava procurando, curso rápido de apenas dois anos porém com possibilidade de pós-graduação, também por sua grade curricular a qual explana sistemas de distribuição, planejamento estratégico. Com isso teria uma visão melhor a operação já realizada na empresa em que faço parte, outro fator importante foi a faculdade estar no trajeto da empresa e minha casa o que facilitou e muito.

2. Conte sobre sua trajetória escolar e profissional até o momento da escolha do curso.

R : Finalizei o Ensino Médio no ano de 2008, aos 16 anos de idade iniciei trabalhando em supermercado próximo de onde morava, fiquei lá até completar 18 anos de idade após iniciei em uma gráfica na qual permaneci apenas um ano (a qual abriu falência), então fui chamado por meu primo para fazer parte da empresa que estou até hoje, lá iniciei minhas atividades no setor de embalagem, então passei a operar as máquinas as quais industrializam os produtos comercializados, foi então que ano de 2011 saí da empresa para ajudar minha irmão em um projeto empresarial o qual infelizmente não deu certo após seis meses fui contratado no início do ano de 2012 pela empresa que faço parte para iniciar minhas atividades no setor de

²² Este apêndice apresenta a transcrição literal das respostas do participante.

expedição permaneci lá até outubro de 2018 então passei a fazer parte da equipe comercial, ao me adaptar na equipe notei que os integrantes já eram graduados e alguns até cursando pós graduação, foi então que surgiu a necessidade de encontrar um curso que pudesse contribuir para meu crescimento.

3. Relate sua percepção e expectativas sobre o mercado de trabalho.

R: Atualmente tem sido um cenário delicado, pois há ramos do mercado que está a todo vapor e outros que nem tanto, as exigências para se enquadrar em uma vaga crescem a cada dia, para alcançar algo desejado é necessário muito comprometimento.

No início da pandemia foi um verdadeiro caos, porém a retomada tem sido constante, muitos ramos de trabalho como prestação de serviço e e-commerce cresceram e muito com este cenário tornando o mercado aquecido, porém ramos que dependem de consumidores presentes em grande escala já sofreram muito, mas estão se adequando.

ANEXO A - TERMO DE COMPROMISSO, DE CONFIDENCIALIDADE DE DADOS E ENVIO DE RELATÓRIO FINAL

TERMO DE COMPROMISSO, DE CONFIDENCIALIDADE DE DADOS E ENVIO DO RELATÓRIO FINAL

Nós, **Renata Pereira de Cordova e Maria Sara de Lima Dias**, pesquisadoras responsáveis pelo projeto de pesquisa intitulado **A escolha profissional: estudo dos sentidos e significados da decisão por cursos superiores de tecnologia**, comprometemo-nos a dar início a este estudo somente após apreciação e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná e registro de aprovado na Plataforma Brasil.

Com relação à coleta de dados da pesquisa, nós pesquisadores, abaixo firmados, asseguramos que o caráter anônimo dos dados coletados nesta pesquisa será mantido e que suas identidades serão protegidas. Bem como as fichas clínicas e outros documentos não serão identificados pelo nome, mas por um código.

Nós pesquisadores, manteremos um registro de inclusão dos participantes de maneira sigilosa, contendo códigos, nomes e endereços para uso próprio. O formulário: **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e de Consentimento de Uso de Voz e Imagem**, assinados pelos participantes serão mantidos pelo pesquisador em confidência estrita, juntos em um único arquivo.

Asseguramos que os participantes desta pesquisa receberão uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e de Consentimento de Uso de Voz e Imagem, que poderá ser solicitada de volta no caso deste não mais desejar participar da pesquisa.

Eu, como professor (a) orientador (a), declaro que este projeto de pesquisa, sob minha responsabilidade, será desenvolvido pela aluna **Renata Pereira de Cordova** do curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade.

Declaro, também, que li e entendi a Resolução 466/2012 (CNS) responsabilizando-me pelo andamento, realização e conclusão deste projeto e comprometendo-me a enviar ao CEP/UTFPR, relatório do projeto em tela quando da sua conclusão, ou a qualquer momento, se o estudo for interrompido.

Curitiba, 26 de Agosto de 2019.

Renata Pereira de Cordova – Pesquisadora Responsável

Maria Sara de Lima Dias – Professora Orientadora

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) E TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DE VOZ (TCUV)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO E TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DE VOZ (TCLE/TCUV)

Título da pesquisa: A escolha profissional: estudo dos sentidos e significados da decisão por cursos superiores de tecnologia.

Pesquisadora responsável pela pesquisa: Renata Pereira de Cordova

Orientadora: Dra. Maria Sara de Lima Dias

Endereços e Telefones: Pesquisadora: Rua Miguel Jorge Nasser, 17, Apto 201. Bairro Tingui, Curitiba – PR. CEP 82620-140. Telefone (41) 99109-3309. Orientadora: Rua Abílio Sebastião da Silva, 49a. Abranches, Curitiba – PR. CEP 82130-360. Telefone (41) 99103-1014.

Local de realização da pesquisa: Faculdade de Pinhais (FAPI)

Endereço, telefone do local: Avenida Camilo di Lellis, 1151- CEP 83323-000 Pinhais/PR. Telefone (41) 3667-6000.

A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE

1. Apresentação da pesquisa.

Convidamos você a participar de um estudo intitulado “**A escolha profissional: estudo dos sentidos e significados da decisão por cursos superiores de tecnologia**”. Atualmente, é importante refletirmos sobre a questão da escolha profissional dentro de um mercado de trabalho que se altera cada vez com maior agilidade. Os cursos superiores de tecnologia são mais uma opção de escolha, assim é importante analisar os aspectos relacionados com esse processo decisório.

2. Objetivos da pesquisa.

Geral

- ✓ Analisar os sentidos e significados atribuídos por estudantes pela opção por cursos superiores de tecnologia.

Específicos

- ✓ Analisar a configuração dos sentidos e significados relacionados às escolhas profissionais;
- ✓ Verificar quais os sentidos presentes na trajetória das escolhas profissionais;
- ✓ Compreender a perspectiva do estudante sobre o mercado de trabalho para a sua área profissional.

3. Participação na pesquisa.

Você está sendo convidado a participar de dois encontros na Faculdade de Pinhais, com tempo previsto de 1 hora e meia (cada encontro) com a pesquisadora. Nestes encontros, será realizada uma entrevista com questões relacionadas à sua escolha profissional e você preencherá um questionário de frases incompletas.

Rubrica do Pesquisador

Rubrica do participante da pesquisa

4. Confidencialidade.

Todas informações que você fornecer para essa pesquisa, ficarão sob a guarda das pesquisadoras, garantindo o sigilo e a privacidade de seus dados.

5. Riscos e Benefícios.

5a) Riscos: Deve-se apontar a possibilidade de risco de constrangimento ou desconforto, durante a participação na pesquisa, que pode surgir do fato de ser entrevistado. Todavia tal risco será minimizado pela cautela, em realizar as entrevistas em local resguardado e de forma individual. A pesquisadora assume o compromisso, que caso você concorde em participar da pesquisa, pode a qualquer momento e sem qualquer ônus para si, sinalizar qualquer desconforto ou até mesmo o desejo em desistir da participação na pesquisa. Caso você manifeste desconforto durante a entrevista, a mesma será interrompida. A pesquisadora se responsabiliza pela assistência integral aos participantes no que se refere às complicações decorrentes do possível constrangimento durante a participação na pesquisa.

5b) Benefícios: Os benefícios de sua participação estão relacionados com a colaboração no aprofundamento de estudos relacionados a temática da orientação profissional. O resultado desse estudo poderá contribuir para a implantação de um programa de orientação e apoio profissional na Faculdade de Pinhais e por consequência, você poderá usufruir desse serviço de apoio no planejamento de sua carreira.

6. Critérios de inclusão e exclusão.

6a) Inclusão: Indivíduos maiores de 18 anos, independente do gênero, alunos da Faculdade de Pinhais, que estejam matriculados em um dos cursos superiores de tecnologia: Gestão de Recursos Humanos, Processos Gerenciais, Logística ou Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Sendo que os dois primeiros alunos por curso, que manifestarem interesse, após a divulgação, serão convidados, totalizando oito participantes.

6b) Exclusão: Alunos que não estejam frequentando de forma assídua às aulas, com frequência abaixo de 75% em qualquer disciplina, conforme informações repassadas pela Secretaria da Faculdade.

7. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária, ou seja, você pode se recusar a participar ou, se aceitar participar, pode retirar seu consentimento a qualquer momento. As informações relacionadas à pesquisa serão analisadas pela pesquisadora responsável, no entanto, qualquer informação só será divulgada com seu consentimento.

Você pode assinalar o campo a seguir, para receber o resultado desta pesquisa, caso seja de seu interesse :

- () quero receber os resultados da pesquisa (email para envio : _____)
- () não quero receber os resultados da pesquisa

8. Ressarcimento e indenização.

Esta pesquisa não trará a você nenhum dividendo, sendo de inteira responsabilidade da pesquisadora qualquer custo no desenvolvimento da pesquisa. Conforme Resolução 466/12 itens II.21 – a pesquisadora se compromete ao ressarcimento de qualquer despesa que resulte da pesquisa, como despesas com transporte ou alimentação do entrevistado e ainda conforme o item II.7 – o pesquisador se compromete a indenização em caso de

Rubrica do Pesquisador

Rubrica do participante da pesquisa

cobertura material para reparação a dano, causado pela pesquisa ao participante da pesquisa.

ESCLARECIMENTOS SOBRE O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA:

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP) é constituído por uma equipe de profissionais com formação multidisciplinar que está trabalhando para assegurar o respeito aos seus direitos como participante de pesquisa. Ele tem por objetivo avaliar se a pesquisa foi planejada e se será executada de forma ética. Se você considerar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você foi informado ou que você está sendo prejudicado de alguma forma, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR). Av. Sete de Setembro, 3165, Bloco N, Térreo, Bairro Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, telefone: (41) 3310-4494, e-mail: coep@utfpr.edu.br.

B) CONSENTIMENTO

Eu, _____ declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos, benefícios, ressarcimento e indenização relacionados a este estudo. Declaro ainda permitir que as pesquisadoras relacionadas neste documento obtenham gravação de voz de minha pessoa para fins de pesquisa científica / educacional. As gravações de voz ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda. Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, não devo ser identificado por nome ou qualquer outra forma. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo.

Nome completo: _____
 RG: _____ Data de Nascimento: __/__/____ Telefone: _____
 Endereço: _____
 CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____
 Assinatura: _____ Data: __/__/____

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisador: _____ Data: __/__/____
 (ou seu representante)
 Nome completo: _____

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Renata Pereira de Cordova, via e-mail: renatapcordova@gmail.com ou telefone: (41) 99109-3309.

Rubrica do Pesquisador

Rubrica do participante da pesquisa